

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Sônia Gotler

PROCESSOS EDUCATIVOS ESTÉTICOS VIVENCIADOS
ATRAVÉS DO CINEMA POR PARTICIPANTES DE UM
CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL
ÁLCOOL E DROGAS

Passo Fundo

2016

Sônia Gotler

PROCESSOS EDUCATIVOS ESTÉTICOS VIVENCIADOS
ATRAVÉS DO CINEMA POR PARTICIPANTES DE UM
CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL
ÁLCOOL E DROGAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Graciela René Ormezzano.

Passo Fundo

2016

Agradeço,

Com imenso carinho, à Professora Dra. Graciela René Ormezzano, minha querida orientadora e parceira desta caminhada. Obrigada, Graci, por sua amizade, compreensão, disponibilidade, e principalmente, por seu repertório de conhecimentos, os quais não mediu esforços para compartilhar.

Ao psicólogo e escritor Viktor Frankl por dividir sua experiência de vida através de seus livros e, com isso, ajudar-me a encontrar sentido no sofrimento com as adversidades da vida e também a não glorificá-lo, mas entender que sofrer é parte do processo de viver, assim como alegrar-se.

Ao Paulo, companheiro de aprendizagem sobre os ciclos e mistérios do amor, partilhas da beleza e alegrias simples da vida.

À minha querida irmã Cássia e ao meu querido cunhado Edegar, que generosamente sempre estiveram me cuidando ao longo da vida e partilhando a sabedoria.

Aos meus pais, Miguel e Paulina, pela liberdade que tive em buscar meus próprios caminhos.

A toda minha família, pelo estímulo e apoio.

Às Professoras Dra. Carla Beatrice Crivellaro Gonçalves e Dra. Roseane Martins Coelho e ao Professor Dr. Angelo Vitório Cenci, pelas considerações sobre meu estudo, ajudando-me a iluminar os caminhos.

À Jéssica e Aline, funcionárias da secretaria do PPGEDU, muito acolhedoras e competentes, sempre dispostas a ajudar nas questões burocráticas.

Aos usuários do CAPSad, por participarem ativamente nas sessões de cinema e dividirem seus pensamentos e sentimentos.

À coordenadora do CAPSad e servidores do local, pela receptividade e ajuda sempre que precisei.

À minha Vó Elza (*in memoriam*), pelo amor incondicional e entusiasmo com meus projetos.

A decisiva autocontemplação é o início do caminho na vida do homem; ela é continuamente o início do caminho humano. Mas essa autocontemplação só é decisiva quando leva ao caminho. Pois também existe uma autocontemplação estéril, que não leva a lugar nenhum, somente à tortura de si mesmo.

“Que Deus seria esse que só pode ser servido por um único caminho!”

Martin Buber

RESUMO

Este estudo investigou, em oito encontros semanais, ocorridos em um município no Norte do Rio Grande do Sul, os processos educativos estéticos vivenciados através do cinema por um grupo de sujeitos formado de 40 homens e 6 mulheres que fazem uso problemático de substâncias psicoativas e utilizam os serviços de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas – CAPSad, e duas profissionais da equipe que tratam dessas pessoas. O objetivo geral foi investigar o significado dos processos educativos estéticos vivenciados através do cinema pelos participantes. Como objetivos específicos esteve: observar, descrever, compreender e interpretar esses processos através de filmes selecionados, especialmente, para esse grupo. Os sujeitos já se reuniam, semanalmente, para assistir a filmes, naquele serviço, com a coordenação de uma profissional da equipe. A pesquisa é qualitativa de cunho fenomenológico. As ferramentas para coleta de informações foram o diário de campo e a entrevista livre grupal (ferramenta da pesquisa participante), gravada e posteriormente transcrita. Os dois primeiros encontros tiveram o objetivo de aproximação das pessoas pesquisadas e, dessa forma selecionar os filmes com a colaboração das mesmas. Do terceiro ao oitavo encontro a finalidade foi assistir aos filmes e, após, realizar um Cinefórum no modelo de Guerra (1998). As perguntas norteadoras da discussão foram: “O que significou para você o filme? O que diz de você o filme?” Para a organização e compreensão das informações, foi utilizado o método fenomenológico de quatro passos proposto por Giorgi (2009) e um quinto proposto por Comiotto (1992), que são: o sentido do todo; as unidades de significado; a transformação das unidades significativas em linguagem psicoeducativa; a síntese das estruturas de significado; as dimensões fenomenológicas. Surgiram cinco essências (nomeadas imagens) com três dimensões (nomeadas impressões) cada uma, respectivamente: TERRITÓRIO E FRONTEIRAS: o CAPSad é um território; estigma, preconceito e resiliência; fronteiras entre ficção e realidade. CINEMA: O TEATRO DA PELE: divertimento, humor e autodistanciamento; encanto e percepção do belo; o Diabo como aliado: prazer e dor. TORNAR-SE SI MESMO: o olhar do outro; o espectador como criador; liberdade e destino. O CINEMA QUE FAZ PENSAR: filmes que fazem pensar; o cinema como prática cultural; cinema e educação. SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: USOS E ABUSOS: legalização, redução de danos e uso medicinal; drogas leves e pesadas; sensibilidade e anestesia. Essa investigação contribuiu com conhecimentos e buscou subsídios teóricos e educativos para abordar a questão das substâncias psicoativas na educação formal e não-formal, sob uma perspectiva da realidade vivenciada pelos participantes e suas experiências de vida.

Palavras-chave: Educação estética. Vivência. Cinema. Dependência química.

ABSTRACT

In eight weekly meetings that took place in a municipality in the north of the State of Rio Grande do Sul, this study looked at the esthetic educational processes experienced through movies by a group of subjects comprising 40 men and 6 women who are problematic users of psychoactive substances and utilize the services of a Center for Psychosocial Care for Alcohol and Drugs-CAPSad and two professionals belonging to the team that treats these people. The general objective of the study was to investigate the significance of esthetic-educational processes experienced by the participants through the movies. The specific objectives were to observe, describe, understand and interpret these processes through movies selected especially for this group. The subjects already gathered weekly to watch movies, at that service, under the coordination of a professional from the team. The study was qualitative of a phenomenological nature. The tools to collect information were the field diary and the free group interview (participatory research tool), taped and then transcribed. The first two meetings were to approach the people who were the subjects of the study, and thus, select the movies with their collaboration. From the third to the eighth meeting the purpose was to watch the films and then hold a Cineforum according to the model of Guerra (1998). The guiding questions of the discussion were: "What did the film mean to you? What does the film say about you?" In order to organize and understand the information, the four-step phenomenological method was used, proposed by Giorgi (2009) and a fifth by Comiotto (1992). Namely: the sense of the whole; the units of significance; the transformation of the significant units into psychoeducational language; synthesis of the structures of meaning; phenomenological dimensions. Five essences (called images) arose with three dimensions (called impressions) each, respectively: TERRITORY AND BORDERS: CAPSad is a territory; stigma, prejudice and resilience; borders between fiction and reality. MOVIES: THE THEATER OF THE SKIN: amusement, humor and self-distancing; charm and perception of beauty; the Devil as an ally: pleasure and pain; BECOMING ONESELF: the look of the other; the spectator as creator; liberty and destiny. THE MOVIE THAT MAKES ONE THINK: movies that made one think; movies as a cultural practice; movies and education. PSYCHOACTIVE SUBSTANCES: USES AND ABUSES: legalization; reduction of damage and medicinal use; light and heavy drugs; sensitivity and anesthesia. This investigation provided knowledge and sought theoretical and educational information to approach the matter of psychoactive drugs in formal and non-formal education, from the perspective of the reality experienced by the participants and their life experiences.

Key words: Esthetic education. Experiences. Movies. Chemical addiction.

SUMÁRIO

1	CAMINHOS, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES	8
2	EDUCAÇÃO ESTÉTICA, CINEMA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA.....	12
2.1	Educação estética	14
2.1.1	Modernidade e os sentidos da educação	14
2.1.2	Sobre a estética	18
2.1.3	Sobre a educação estética	22
2.2	O Cinema na educação estética	26
2.3	Dependência química.....	32
2.3.1	Sentidos do vício.....	32
2.3.2	O mito de Adão e Eva e o mito da horda primitiva	36
2.3.3	Substâncias psicoativas <i>versus</i> drogas.....	38
2.3.4	Políticas públicas de saúde	39
2.3.5	Estudo da dependência química pelo viés das ciências humanas.....	41
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	44
3.1	Sobre a fenomenologia	44
3.2	CAPSad e os participantes	48
3.3	Instrumentos de pesquisa.....	49
3.4	A escolha dos filmes	51
3.4.1	Lista de filmes selecionados:	51
3.4.1.1	<i>O barato de Grace</i>	51
3.4.1.2	<i>Diário de um adolescente</i>	52
3.4.1.3	<i>Tudo por dinheiro</i>	52
3.4.1.4	<i>Bicho de sete cabeças</i>	53
3.4.1.5	<i>Intocáveis</i>	53
3.5	Descrição dos encontros	54
3.6	Compreensão das informações	58
4	IMAGENS E IMPRESSÕES.....	61
4.1	Territórios e fronteiras.....	62
4.1.1	O CAPSad é um território.....	63
4.1.2	Estigma, preconceito e resiliência	65
4.1.3	Fronteiras entre ficção e realidade	69
4.2	Cinema: o teatro da pele	72

4.2.1	Divertimento, humor e autodistanciamento.....	72
4.2.2	Encanto e percepção do belo	76
4.2.3	O Diabo como aliado: prazer e dor.....	78
4.3	Tornar-se si mesmo.....	84
4.3.1	O olhar do outro.....	85
4.3.2	O espectador como criador	87
4.3.3	Liberdade e destino.....	90
4.4	O cinema que faz pensar	95
4.4.1	Filmes que fazem pensar	95
4.4.2	Cinema como prática cultural.....	99
4.5	Substâncias psicoativas: usos e abusos	102
4.5.1	Legalização, redução de danos e uso medicinal	103
4.5.2	Drogas leves e pesadas	106
4.5.3	Sensibilidade e anestesia.....	109
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
6	REFERÊNCIAS.....	116
	ANEXO.....	123
	Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	124

1 CAMINHOS, MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES

Ao ingressar no curso de Pedagogia interessei-me pela educação que acontece em outros espaços que não a escola, provavelmente em função de minha trajetória de vida recheada de experiências com processos educativos não-formais. Na infância e na adolescência nunca fui muito afeita à escola, cheia de normas e disciplinas reforçava minha inquietude, a qual dava um pouco de vazão nas aulas de educação artística. Gostava das apresentações de final de ano no Ensino Fundamental, quando, geralmente, eu era livre para criar.

Por volta dos meus trinta anos, participei, por três anos de um grupo de Biodança em Porto Alegre que contribuiu para meu autoconhecimento. Cursei por um ano um Curso de Desenho no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde aprendi também sobre história da arte. Comecei a entender e gostar ainda mais de Arte, especialmente as artes visuais e o cinema.

No curso de Pedagogia, as disciplinas de Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação, Sociologia da Educação e outras, contribuíram para meu entendimento sobre a educação, este campo de estudos complexo que não pode deixar de prescindir de todas as áreas das ciências humanas para sua compreensão.

Os fundamentos e a história de nossa tradição educativa ocidental foram de grande importância para que eu compreendesse meus conflitos travados com a educação regular, principalmente com o que ouvia com certa frequência: você tem que “deixar de ser emocional e ser mais racional” ou “menos subjetiva e mais objetiva”. Entendi que, por muito tempo, acreditamos na superioridade da mente sobre o corpo, bem como, na sua dicotomia. Esta dicotomia, afirma Duarte Júnior (2001) tem seus alicerces na separação metodológica entre sujeito e objeto, fragmentou as áreas do saber e separou o ser humano do mundo.

Nesse tempo de graduação, portanto, passei por um processo de desconstrução de conceitos a respeito das instituições, mas também por um processo de visualização de minhas possibilidades de atuação profissional como Pedagoga. Durante esse período, comecei a trabalhar no setor administrativo do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS II, unidade de saúde mental de um município no Norte do Rio Grande do Sul. Este centro é destinado ao tratamento de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes.

No ano de 2007, por exigência da Secretaria de Saúde do Estado, as pessoas com transtornos decorrentes do uso e abuso de álcool e outras drogas começaram a receber tratamento no CAPS II, enquanto se iniciava o processo de constituição do Centro de Atenção

Psicossocial Álcool e Drogas – CAPSad – naquele mesmo município. Percebi, na equipe multidisciplinar do CAPS II, composta por psicólogas, psiquiatra, assistente social, nutricionista, enfermeira, terapeuta ocupacional, técnicas de enfermagem, higienizadora e vigilante, uma resistência muito grande para atender os indivíduos com esta patologia, os sentimentos iam de pena à rejeição. A dificuldade de entendimento aumentava em função do caráter do problema, ou seja, não é uma doença do corpo com visibilidade da parte doente do organismo e não é uma doença mental como esquizofrenia, psicose e outras que geralmente incapacitam as pessoas de gerir sua própria vida, que era o caso, até então, do perfil dos usuários do CAPS II. Fazia parte do imaginário da equipe que quem usa substâncias psicoativas, é “vagabundo”, que “não quer nada com nada”, “prejudica a família”, “fez uma opção utilizando-se de seu livre arbítrio ao experimentar drogas”, entre outras. Chamava-me a atenção, na equipe, o preconceito relativo às drogas ilícitas, mas não em relação ao álcool. O segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD, 2013), estima que, 11,7% das pessoas são dependentes de álcool no país.

Essas incoerências observadas na equipe do CAPS II, assim como já havia observado antes, no convívio com as mais diversas pessoas, fizeram-me refletir sobre o sofrimento daquelas excluídas por uma sociedade que as vê a partir de pressupostos preconceituosos, sendo que o olhar do outro também nos constitui. Para Scholze: “O outro está sempre presente na constituição estética do sujeito, como uma dobra da relação consigo mesmo, e toda auto-apresentação está orientada intersubjetivamente” (2007, p. 61). Considerei, então, que a ignorância sobre este tema nos impede de avançar, coletivamente, na abordagem tanto do tratamento, quanto da orientação, prevenção adequada do uso e abuso problemático de substâncias psicoativas, bem como, da promoção de saúde mental, principalmente dos jovens.

Atualmente, trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, num campus rural no Norte do Estado. Tanto com alunos do Ensino Médio, quanto com os do Superior, percebo que nesta instituição e outras das quais já fiz parte, o problema em relação ao álcool e outras substâncias psicoativas é praticamente ignorado e quando abordado é no sentido da proibição e da incitação ao medo através da demonstração de vídeos e falas, de doenças e acidentes provocados pelo uso de tais substâncias. De acordo com Labate, Fiori e Goulart (2008), as políticas de repressão e demonização do uso de substâncias psicoativas são historicamente ineficazes e as propostas para abordar essa questão caminham no sentido da informação e da educação, disponibilizando informações mais precisas sobre substâncias psicoativas e seus efeitos.

Sendo que as propostas para lidar com este tema caminham muito mais no sentido da informação e da educação, refleti sobre o lugar que ocupam os trabalhadores da educação neste cenário que constitui um ponto crucial do trabalho a fazer no sentido de promover a saúde mental, orientar e prevenir quanto ao uso e abuso de substâncias psicoativas. A dependência química toma contornos cada vez mais complexos, os quais podem ser vistos tanto na mídia como em nosso cotidiano e, ao mesmo tempo, pouco se fala nas escolas, nos lares e, de modo geral, na maioria das instituições sociais. De que forma a educação pode ou está contribuindo com conhecimentos relativos a esta temática? Conforme Labate, Fiori e Goulart, pouca atenção é dada ao tema nas humanidades, “[...] com tal supremacia das ciências da saúde e com um debate público marcado pelo simplismo e por uma estéril dualidade entre posturas ‘contra’ e ‘a favor’” (2008, p. 24).

O problema de pesquisa foi, portanto: “Quais os significados dos processos educativos estéticos vivenciados através do cinema por participantes de um CAPSad?” O objetivo geral do estudo foi investigar a significação dos processos educativos estéticos vivenciados através do cinema pelos participantes de um CAPSad. Os objetivos específicos foram: observar, descrever, compreender e interpretar os processos educativos estéticos vivenciados através do cinema por sujeitos de um CAPSad que assistiram filmes selecionados especialmente para esse grupo. A escolha do cinema para este processo de investigação foi em função da minha experiência com a arte cinematográfica, a qual sempre exerceu papel de potente catalisador da minha imaginação, ampliando minha percepção de mundo e de ser humano e, desta forma, minhas possibilidades frente à vida.

Utilizei ferramentas da pesquisa participante para a aproximação dos sujeitos pesquisados para que fosse possível construir com eles o processo de trabalho, dissolvendo, desta forma, tanto quanto possível, o caráter artificial do estudo. Para a coleta de informações, bem como para a compreensão e a interpretação das mesmas, servi-me da metodologia qualitativa de cunho fenomenológico. A descrição do fenômeno, como próprio do método fenomenológico é, para Maffesoli, “[...] uma das formas de aproximação da vida com respeito ao dado mundano. Ela se contenta em ser acariciante, em mais acompanhar do que subjugar uma realidade complexa e aberta” (2008, p. 116). O sociólogo fala da elaboração de uma teoria erótica que diz sim à existência, sob todas as suas formas, “[...] desde as mais luminosas às mais obscuras, das mais conformistas às mais anônimas. Pensamento afirmativo, relativista, que reconhece no mundo dos fenômenos o único que é possível, bem ou mal, ir vivendo, seja para o melhor seja para o pior” (2008, p. 117).

Empreguei o Cinefórum, modelo de M. A. S. Guerra (1998), como estratégia de educação estética. Foram oito encontros semanais, com usuários de um CAPSad que já participavam de um grupo de cinema realizado nas quartas-feiras no próprio local. Segundo a coordenadora do CAPSad, estes sujeitos aderiram a esta atividade por afinidade com o cinema. Os instrumentos de coleta de informações foram o diário de campo e também a entrevista grupal livre, depois de cada encontro.

Para a organização e compreensão das informações, utilizei o método fenomenológico de quatro passos proposto por Giorgi (2009) e um quinto proposto por Comiotto (1992), que são: o sentido do todo; as unidades de significado; a transformação das unidades significativas em linguagem psicoeducativa; a síntese das estruturas de significado; as dimensões fenomenológicas. Da aplicação deste método, surgiram cinco essências (nomeadas imagens) com três dimensões (nomeadas impressões) cada uma, respectivamente: TERRITÓRIO E FRONTEIRAS: o CAPSad é um território; estigma, preconceito e resiliência; fronteiras entre ficção e realidade. CINEMA: O TEATRO DA PELE: divertimento, humor e autodistanciamento; encanto e percepção do belo; o Diabo como aliado: prazer e dor. TORNAR-SE SI MESMO: o olhar do outro; o espectador como criador; liberdade e destino. O CINEMA QUE FAZ PENSAR: filmes que fazem pensar; o cinema como prática cultural; cinema e educação. SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: USOS E ABUSOS: legalização, redução de danos e uso medicinal; drogas leves e pesadas; sensibilidade e anestesia.

A estrutura da dissertação consiste de três capítulos. O primeiro trata do referencial teórico de três temas: educação estética, cinema e dependência química; o segundo traz aspectos metodológicos, onde discorri sobre a epistemologia que conduziu meu olhar para o fenômeno de pesquisa, formas de aproximação do mesmo, informações sobre o CAPSad e os sujeitos pesquisados e ferramentas utilizadas para a coleta de informações, descrição dos encontros e método de compreensão/interpretação das informações; o terceiro trata da compreensão e interpretação das informações produzidas nos encontros.

2 EDUCAÇÃO ESTÉTICA, CINEMA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Para me acompanhar neste estudo, tratei de três temas maiores: a Educação estética, o cinema e a dependência química. Não tive a pretensão de esgotar o assunto, procurei compor com autores que ajudaram a delinear o campo de estudo para a pesquisa *in loco* e para a compreensão dos sujeitos pesquisados em suas singularidades.

Fundamento, neste capítulo, meus pensamentos sobre os temas implicados nesta pesquisa, ou seja, meu olhar para a realidade pesquisada esteve atrelado a determinadas formas de ver o ser humano e o mundo. Considero, junto com Maffesoli, a dinâmica da realidade, onde não há “[...] um *Sentido* estabelecido de uma vez por todas, mas, muito pelo contrário, uma pluralidade de situações pontuais, e que podem variar de um momento ao outro” (2008, p. 115, grifo do autor). De acordo com Maffesoli: “Para teorizar essa atitude, a fenomenologia introduz a noção de ‘perspectivação’” (2008, p. 117). O autor diz que Emmanuel Lévinas observa que, a partir de Husserl, a idéia de horizonte equivale à ideia de conceito no idealismo clássico. Dessa forma, o autor precisa que,

[...] por oposição ao conceito que cerra e encerra, a ‘ideia de horizonte’ fica aberta e, por conseguinte, permite compreender melhor o aspecto indefinido, complexo, das situações humanas, de suas significações entrecruzadas que não se reduzem a uma simples explicação causal (MAFFESOLI, 2008, p. 117).

Para inserir a significação da expressão educação estética, cunhada por Schiller no início do século XVIII, realizei uma breve retomada da história da educação, contextualizando-a na modernidade. Nesta incursão, conduziram-me: Goergen, Hermann e Maffesoli, este último com a definição de paradigma estético da contemporaneidade. Após, apresentei a educação estética nesse panorama maior da educação. Quanto à educação, me interessei, particularmente, com a ideia de educação como formação, no sentido de cuidado de si, encontrado em Foucault e utilizado por Fischer para abordar questões de cinema e educação.

O cinema, arte relativamente jovem, teve desde os seus primórdios um vínculo com a educação, sendo que se chegou a acreditar que poderia ser um potente dispositivo para a educação de massa e, como se verá mais adiante, em parte cumpre este papel, pois, o mercado de cinema hollywoodiano, por exemplo, influencia fortemente as modas e comportamentos e se pode dizer, assim, que influencia as estéticas, pois incide diretamente nas formas (de

vestimentas, falas, gestos, etc.). É inegável, com isso, dizer que o cinema pode vir a ser um dispositivo de transformação do sujeito, e, dessa forma, potencialmente educativo.

Como produção de arte, o cinema está sempre pensando um tempo e um espaço, é um mundo ficcional que se ancora na realidade, mas que também produz e dá a ver a realidade ao espectador. Na visão de alguns filósofos e cineastas, como por exemplo, Merleau-Ponty (1999) e Xavier (1983), o espectador é co-criador da arte cinematográfica, aliás, e, este é um assunto, que por hora não interessa tratar, mas está em discussão, o espectador é parte imprescindível em todas as artes (pintura, literatura, etc.), sem o qual a própria arte não faria sentido. Entender, portanto, o papel do espectador na arte cinematográfica, bem como os potenciais efeitos educativos desta arte é fundamental para se observar a realidade que será investigada.

Os sujeitos de pesquisa que foram espectadores dos filmes fazem uso problemático de substâncias psicoativas. Este uso, assim como sua dependência é um fenômeno social, e, portanto, para o bem ou para o mal, necessitou de um aprendizado. Este tema, sob muitos aspectos, vem sendo abordado no cinema em várias épocas, um exemplo é o filme “Farrapo Humano”, datado de 1945, que trata da questão do alcoolismo. Temos exemplos de filmes mais recentes, mas ambientados nos séculos XVIII e XIX. No filme (baseado em fatos reais), “Jornada pela liberdade”, de 2007, cujo cenário é a Inglaterra de 1787, o protagonista William Wiberforce (Ioan Gruffudd), torna-se dependente de ópio em função de utilizá-lo para uma dor crônica, e no meio de seus esforços para a abolição da escravatura, na Inglaterra, teve que suportar os efeitos da abstinência química para conseguir continuar lutando, pois o uso da substância para acalmar a dor já retirava dele as forças vitais. No filme “O último samurai”, de 2003, que se passa no Japão de 1870, é possível observar o grau de dependência de álcool através do processo de desintoxicação pelo qual passa Nathan Algrey (Tom Cruise), conceituado militar estadunidense.

Na história da civilização não é raro encontrar a utilização de determinadas substâncias de alteração da consciência, seja em sua forma natural ou já modificada pela cultura. No entanto, o consumo destas substâncias na contemporaneidade toma contornos extremamente complexos, em suas variedades; usos e crenças; contextos sociais em que são utilizadas; sentidos que adquirem para determinadas culturas; substâncias permitidas e não permitidas; abstinência e redução de danos; causas e consequências de seu uso abusivo, bem como entendimentos da expressão dependência química, termo relativamente recente que começa a delinear outros sentidos para esse problema que, hoje, é chamado de doença.

A arte cinematográfica pode, dessa forma, ser um instrumento para a provocação e ampliação dos sentidos, ou seja, da educação estética.

2.1 Educação estética

Segundo Ormezzano (2007), o termo educação estética consta a partir do século XVIII, e foi cunhado pelo filósofo e poeta Friedrich Schiller. A educação é um fenômeno social, estrutural dos agrupamentos humanos antes mesmo de tornarem-se sociedades como são conhecidas hoje. A estética foi estudada desde os filósofos gregos, adquirindo vários sentidos no decorrer do tempo. Para entender em que contexto surge a educação estética, trouxe alguns pressupostos do paradigma da modernidade. Também precisei conhecer alguns dos sentidos que adquire a palavra estética nas diferentes épocas para delimitar o sentido que a palavra assumiu para este trabalho. Por fim, trato da educação estética e sua transformação ao longo do século XX.

2.1.1 Modernidade e os sentidos da educação

Após a separação entre natureza e ser humano, operada na idade média, o humanismo renascentista, conforme Hermann, é uma redescoberta da unidade dos “[...] seres humanos e da natureza que traz concepções pedagógicas, éticas e políticas inovadoras. Esse tipo de humanismo funda um novo universo simbólico em que o indivíduo passa ao primeiro plano, anunciando a modernidade e sua crença no sujeito” (2001, p. 36).

No paradigma da modernidade, de acordo com Goergen: “O sujeito cognoscente assume poder instituinte de uma nova realidade, em substituição à antiga visão mágica e metafísica” (2001, p. 18). Essa centralidade do sujeito deveu-se às profundas transformações na organização social em decorrência principalmente da ascensão da burguesia, que segundo Vasquez era “[...] possuidora de novos e fundamentais meios de produção (manufaturas e fábricas), das descobertas científicas e do avanço tecnológico que proporcionava cada vez mais a ideia de controle e domínio sobre a natureza” (2002, p. 47). Essas transformações foram provocadas por fatos históricos que desencadearam processos de mudança na

[...] nova consciência que assim foi, paulatinamente, se formando e que teve sua expressão política mais intensa na Revolução Francesa e obteve sua base material através da revolução industrial. Idéias, ciência, atitudes e técnica confluem para a realização de uma nova civilização mundial que, esta era a promessa, deveria levar o homem à sua emancipação e liberdade (GOERGEN, 2001, p. 18).

A emancipação e liberdade eram baseadas numa crença na racionalidade que segundo Hermann, apostou no projeto iluminista os seus mais elevados ideais, a sua mais nobre aspiração. Para a autora, “O Iluminismo (*Aufklärung*), enquanto discurso filosófico que justifica a modernidade, exige da teoria da educação o abandono da fundamentação religiosa, buscando um fundamento secularizado, em que a razão pode e deve conduzir o homem para o melhor dos mundos” (2001, p. 37). O projeto Iluminista, para Goergen, instaurou o culto ao dever de acordo com uma ética de caráter universal,

[...] com seus conceitos de ‘controle’ e ‘progresso’ iniciou uma marcha triunfal, hegemônica até hoje, a despeito das severas críticas que lhe foram impostas por pensadores como Nietzsche (1844-1900), Heidegger (1889-1976), os representantes da Escola de Frankfurt, em especial Horkheimer e Adorno, e, mais recentemente, os chamados pós-modernos que, servindo-se das teses de Michel Foucault e liderados por François Lyotard, desacreditam a razão moderna como uma grande ilusão e vilã dos terríveis desastres praticados em nome da ciência e do progresso (GOERGEN, 2001, p. 18).

Embora os conceitos de controle e progresso ainda estejam fortemente alicerçados na ordem do dia, este caráter universal da razão começa a desvanecer-se num fenômeno que inicia já no século XIX, a pluralidade. De acordo com Hermann: “A pluralidade refere-se a uma multiplicidade de normas e formas de vida, teorias e idéias, modos de fundamentação e filosofias, constituindo-se numa inegável marca da atual realidade sociocultural” (2001, p. 91).

A pluralidade rompe com a crença num princípio unificador metafísico que sustentava a formação humana, o que traz profundas implicações para a educação, pois segundo Hermann, abala duas de suas premissas fundamentais: “1) a idéia de progresso como aperfeiçoamento moral do homem e da humanidade e 2) da autonomia do sujeito como centro da ação” (2001, p. 92). O sujeito como centro da ação institui o individualismo como valor cardinal das sociedades modernas. A cegueira moral ante o social, para Goergen (2001) tem como causa o individualismo, sendo que o indivíduo é considerado como sujeito moral, independente e com total autonomia do social.

Em relação a todos estes valores da modernidade, Maffesoli observa que, “[...] o individualismo, a razão instrumental, a onipotência da técnica e o ‘todo econômico’ não mais suscitam a adesão de antanho, eles não mais funcionam como mitos fundadores ou como metas a serem atingidas” (1995, p. 23). O autor defende que, ao se olhar para o presente e se dedicar a pensar no presente, a pensar o presente com o desejo de compreender a importância das mudanças que se esboçam hoje em dia é preciso devolver ao “[...] ‘gênio’ sua aceção

mais ampla: por exemplo, o gênio de um lugar ou o gênio de um povo. Eis algo que é bem difícil depois de mais de três séculos de modernidade, na qual prevaleceu a ideologia individualista” (1995, p. 23).

Maffesoli sustenta que está em gestação um ideal comunitário, porém explica que isso não significa uma nostalgia de uma ordem social que se desvaneceu. “Tampouco se trata de lamentar uma comunidade pré-moderna de contornos indefinidos, mas antes de reconhecer que, a um mundo que se acaba, está em vias de se suceder um novo estilo de existência” (MAFFESOLI, 1995, p. 23-24). Este novo estilo anuncia que há

[...] criação no ar, mesmo que esta precise, para se afirmar, de uma fase de destruição. Em uma palavra, o anônimo de hoje é o canônico de amanhã. Donde a necessidade de uma atenção redobrada a esses sonhos coletivos que, tanto se exprimem no paroxismo ou no furor, assumindo a forma do fanatismo e da exclusão, quanto são vividos no corporativismo mais rasteiro, na miséria do cotidiano, na revolta juvenil ou em uma reivindicação setorial, por mais brutal que seja, e, na maioria das vezes, ‘não-racional’. Todas essas coisas remetem a pulsões primitivas, espécie de arcaísmos que se poderia aproximar do que Pareto chamava de ‘resíduos’, e que presidem, quer se queira ou não, a esse instinto de agregação, a essa misteriosa ‘atração social’ (P. Tacussel), do qual é feito o vínculo social (MAFFESOLI, 1995, p. 24-25).

O sociólogo propõe falar do nascimento de um “ego coletivo”, “[...] que não se reconhece mais nos ideais longínquos, racionais, universais, próprios dos Estados-nações da modernidade, mas que se nutrem do mais próximo, no cotidiano vivido: o que Benjamim chamava, de maneira feliz, de ‘o concreto mais extremo’” (1995, p. 25).

Nesta transição de valores, crenças, ideias, enfim, tudo o que caracteriza o social, Sacristán e Gómez sustentam que a educação, num sentido amplo, “[...] cumpre uma iniludível função de socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da hominização e em especial da humanização do homem” (1998, p. 13).

A educação precisa cumprir, portanto, o papel de modificar suas características enquanto ocorrem transformações no interior destas sociedades. Dessa forma, Sacristán e Gómez esclarecem que,

A tendência conservadora lógica presente em toda comunidade social para reproduzir os comportamentos, os valores, as idéias, as instituições, os artefatos e as relações que são úteis para a própria existência do grupo humano, choca-se inevitavelmente com a tendência, também lógica, que busca modificar os caracteres desta formação que se mostram especialmente desfavoráveis para alguns dos indivíduos ou grupos que compõe o complexo e conflitante tecido social. O delicado equilíbrio da convivência nas sociedades que conhecemos ao longo da história requer tanto a conservação quanto a mudança [...] (1998, p. 14).

Nesse mesmo sentido, Libâneo afirma que a educação é “[...] uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal” (2002, p. 64).

A educação, no entanto, não pode ser entendida como tendo seu lugar e sua prática apenas na escola, segundo Brandão, não há “[...] uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (1993, p. 9). De acordo com o mesmo autor, ninguém “[...] escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (1993, p. 7).

Além do sentido ampliado de educação que trago desses autores, é importante para este trabalho o conceito que Fischer traz de educação como formação numa perspectiva foucaultiana. Segundo Fischer, a educação como formação é uma

[...] operação que se dá para além do institucional (escola, igreja, família, por exemplo), embora tais aspectos não sejam jamais ignorados; para além de um sistema de autoridade, normativo ou disciplinar; formação assumida como uma escolha da própria existência, como busca de um estilo de vida, de um cuidado consigo (2009, p. 95).

Contudo, a autora alerta para o fato de que este estilo de vida, não pode, de forma alguma, ser confundido com o culto narcísico de nossos tempos. Muito pelo contrário, deixa bem claro que,

[...] na ética foucaultiana a busca de constituição para si de um estilo de vida teria a ver com a dinamização de uma capacidade de provocar, de duvidar, de dedicar-se a si mesmo com vigilância e esforço, com vigor, com entrega ao genuíno desejo de desaprender o que já não nos serve e municiar-se de discursos que nos incitam a agir eticamente e a nos transformar. Todo esse trabalho sobre si será sempre atravessado pela presença do outro, do mestre, daquele a quem recorreremos para nos apossarmos de *discursos verdadeiros* (FISCHER, 2009, p. 95 grifo da autora).

Fischer esclarece que, para Foucault, este trabalho demanda um conjunto de práticas cotidianas de vida que não podem partir de concepções cristalizadas, e ao mesmo tempo, estas práticas precisam estar articuladas a um sólido sistema filosófico. A autora adverte que, a princípio, este pressuposto pode parecer contraditório, mas que, se não se pode pensar em viver sem, de alguma forma, ser “[...] assujeitados por verdades que circulam e que se cristalizam nos mais diferentes campos de saber e nas mais variadas situações institucionais,

também é certo que, como escreve Foucault, a verdade é deste mundo, os discursos são construídos historicamente” (2009, p. 95). Dessa forma, para Fischer, “[...] o grande trabalho sobre nós mesmos será pensar como nos tornamos o que somos, que discursos nos subjetivam, a que verdades nos amarramos (ou: que verdades nos amarram?)” (2009, p. 95).

Sendo assim, a autora orienta a eleger discursos entre aqueles que menos limitem a subjetividade e que estes discursos apontem para uma “[...] espécie de liberdade – liberdade que não se separa de uma ética, relacionada a práticas de cuidado consigo mesmo e pensada para nossa época, [...]” (2009, p. 95).

Foucault busca na antiga Grécia e em Roma as origens do conceito de “cuidado de si”, o qual o filósofo diz ter sido marginalizado em favor da expressão “conhece-te a ti mesmo”. No livro, *A Hermenêutica do Sujeito* discorre sobre a noção de “cuidado de si” que ele tenta traduzir de uma noção grega chamada *epiméleia heautoû*, que percorre todo o pensamento grego, mas para a qual não foi dada maior importância, ao contrário de *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), “[...] fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade” (2006, p. 5).

Seguindo as orientações de Foucault de não cristalizar os discursos, cito Maffesoli (1995), que está atento aos usos e costumes da socialidade de base e sublinha a sutil ligação que supõe existir entre a preocupação com o presente, a vida cotidiana e o imaginário, sintetizadas na palavra estética, entendida no seu sentido amplo, ou seja, o da empatia, do desejo comunitário, da emoção ou da vibração comum.

2.1.2 Sobre a estética

O que vem a ser este significado de estética no seu sentido amplo proposto por Maffesoli? Para responder a esta questão preciso fazer, novamente, um breve retorno ao passado. Conforme já discorri, a tradição ocidental ancorou-se no paradigma cartesiano que nos fez entender, por séculos, que a razão é uma faculdade superior e os sentidos são faculdades inferiores, ou seja, a possibilidade de se chegar à verdade seria somente através da razão. Foram criados métodos específicos para se atingir essa verdade, e se acreditou que ela seria absoluta. No entanto, com as mudanças de paradigma provocadas pela física no início do século XX, não foi mais possível pensar as ciências humanas dentro do paradigma do positivismo, o qual se caracteriza, além de outras coisas, pela separação sujeito-objeto.

A divisão entre sujeito-objeto, razão e sensibilidade, corpo e alma, bem e mal, etc., está no cerne de nossa tradição Judaico-Cristã. Esta separação atinge o seu ápice com

Descartes. Este filósofo afirmou, segundo Capra, que “[...] não há nada no conceito de corpo que pertença à mente, e nada na idéia de mente que pertença ao corpo” (1982, p. 55). Dessa forma, a divisão cartesiana entre corpo e alma, conforme Capra, “[...] teve um efeito profundo sobre o pensamento ocidental. Ela nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes ‘dentro’ dos nossos corpos; levou-nos a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual” (1982, p. 55).

Esta separação começa a perder seus contornos com Kant, que de acordo com Ormezzano, aparece como marco da estética moderna e depois contemporânea. “Superando a dicotomia de que todo conhecimento é inato ou adquirido pela experiência, ele encontrou na tricotomia das faculdades humanas – conhecer, desejar, sentir – o princípio dos sentimentos de prazer e desprazer, [...]” (2007, p. 19). Em Kant, segundo a autora (2007), acontece o triunfo da subjetividade, do juízo estético, porque sustenta que não é possível determinar o fenômeno, mas apenas refleti-lo. A autora esclarece que o debate sobre estética percorreu o século XIX e início do século XX, com diversos pensadores, entre eles Marx, Nietzsche, Freud, que ligaram arte, sociedade e história com a vontade de poder, a perfeição do ser e a idéia de inconsciente.

Nietzsche, segundo Dias, “[...] sempre está empenhado em reabilitar o corpo. Ele combate o cristianismo quando esse apresenta o corpo como grande porta para a tentação, distinguindo corpo e alma e vagando em busca do Ser perdido” (2011, p. 49).

Conforme Dias, o filósofo radicaliza, dizendo que o corpo não só é superior à consciência como lhe é anterior. O pensamento recebe a informação do corpo e nele encontra sua referência. “O raciocínio mais abstrato, a teoria mais impessoal, a doutrina mais hostil à vida respondem às injunções subterrâneas dessa vida” (2011, p. 49-50). O pensamento de Nietzsche é importante porque, na medida em que reabilita o corpo, o faz também com relação à percepção como forma de conhecimento, ou melhor, a coloca como condição do conhecer.

Nietzsche, talvez tenha colocado as condições para a retomada, no momento atual, do sentido grego de *aisthesis*. Nesse sentido, Hermann, ensaiando aproximações entre ética e estética, traz que, Baumgarten, na obra *Aesthetica* (1750),

[...] definiu estética como a ciência da beleza e da arte. Embora essa interpretação tenha sido predominante, a definição de estética agora retoma o sentido original grego de *aisthesis*, que significa senso de percepção em geral. Uma redefinição dessa ordem teria a vantagem de se ajustar aos tempos de embelezamento, hedonismo e valorização do sensível, predominantes no mundo contemporâneo (2010, p. 67-68).

Hermann (2010) afirma que, o sujeito de sabedoria prática precisa saber deliberar bem. “Esta habilidade consiste na aplicação de um princípio geral a cada caso particular, que depende de um acurado processo de observação, denominado por Aristóteles de *Aisthesis*” (2010, p. 68). Na interpretação de Nussbaum, segue a autora, “A deliberação não é determinada pelo raciocínio ou pura atividade cognoscitiva, mas relacionada com a captação dos casos particulares” (2010, p. 68), através da percepção. Entendi, portanto, a partir de Hermann e Nussbaum, que a percepção não só está sendo restabelecida, mas posta como condição do bem agir humano.

Já os filósofos da escola de Frankfurt trazem a arte e a cultura como ferramentas de transformação social. No entanto, Trombetta faz um alerta quanto à utilização dos bens culturais com fins mercadológicos, através do conceito de indústria cultural, empregado pela primeira vez por Adorno. A expressão “indústria cultural” designa, conforme Trombetta, “[...] o processo de exploração racional dos bens culturais a partir de objetivos comerciais, ou seja, refere-se à subversão do valor de uso desses bens em nome de um pretenso valor de troca que possam adquirir a partir da sua inserção no mercado” (2003, p. 160).

Após esta breve exposição dos sentidos da estética, retorno ao paradigma estético na sua concepção ampliada, ao qual se refere Maffesoli, que retoma, de acordo com Ormezzano,

[...] o ideal comunitário, esmagado pela racionalização da modernidade, mas renascendo nas mais diversas formas de solidariedade que convivem discretamente no cotidiano, como a enorme proliferação de organizações não-governamentais que suscitam ações generosas e dirigem-se ao afeto dos seus membros, aos humores e dimensões não inteligíveis, procurando formas de convívio presente, mais organizadas, aqui e agora, visto que não esperam pela situação ideal de uma sociedade futura (ORMEZZANO, 2007, p. 290).

Maffesoli fala de uma conjunção entre estética e mística, onde “[...] o fato de experimentar emoções coletivas, o fato de que a criação seja menos uma ação do que uma paixão comum, o que é próprio da estética, tudo isso favorece o sentimento comunitário” (1995, p. 49).

O sociólogo, ao sustentar que se vive, na contemporaneidade, um estilo estético, esclarece que a estética em questão não é aquela que se situa no campo das belas-artes, e que, embora a englobe, estende-se para o conjunto da vida social. “A vida como obra de arte de algum tipo, ou ainda a estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum” (1995, p. 53). No entanto, Maffesoli alerta que a estética não obedece mais aos critérios do bom

gosto criados no burguesismo, mas afirma-se como uma forma de socialidade, aquela que quer desfrutar junto um presente eterno.

Dessa forma, o estilo estético, para Maffesoli, não busca um objetivo a ser atingido, mas dedica-se, apenas, a “[...] usufruir dos bens deste mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de ‘cuidado de si’ ou ‘o uso dos prazeres’, em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns” (1995, p. 54).

Formam-se agregações que não mais obedecem a padrões racionais, mas apenas “[...] o desejo de estar com o semelhante, com o risco de excluir o diferente” (MAFFESOLI, 1995, p. 55). Predomina, então, conforme o mesmo autor, uma homossocialidade, em todos os domínios: política, igreja, imprensa e outras instituições, que se encerra em pequenos grupos, “[...] mais ou menos hostis, com muita frequência em luta entre si” (1995, p. 55).

O autor adverte que, embora se possa pintar um quadro negro do estilo estético, existe um equilíbrio conflitual, onde os opostos, bem e mal, verdadeiro e falso, etc., conseguem compor entre si. Esse ajustamento, esclarece Maffesoli, pode ocorrer com violência, sendo a sua manifestação os diversos racismos e fanatismos, mas igualmente, “[...] pode-se expressar na tolerância, e são muitos os grupos que trabalham nesse sentido; é encontrado, enfim, na indiferença, que talvez seja a forma mais difundida” (1995, p. 55). Esta é a forma do vínculo social pós-moderno, diz o autor.

Esta forma do vínculo social pós-moderno pressupõe a educação estética, pois, conforme Dias, para Nietzsche “[...] o homem se insere na vida pelo seu corpo. O corpo é que é o centro da interpretação e organização do mundo. O corpo é pensador” (2011, p. 50). Na mesma direção, Duarte Júnior faz uma referência ao pensamento de Merleau-Ponty de que “[...] nosso corpo e nosso mundo, discute o autor, estão de tal forma enredados e coniventes entre si que chegam a constituir uma única substância, uma urdidura primordial de sujeito e objeto por ele denominada ‘carne’” (2001, p. 129-130).

Penso, portanto, junto com Nietzsche e Merleau-Ponty, tanto o que nos diz nosso próprio corpo, como o que nos dizem os outros, diferentes de nós, na sua superfície mesmo, com suas peculiaridades na forma de vestir, agir, pensar, sentir, enfim, viver.

Para entender e co-habitar com estes valores diversos do cotidiano, inserindo-se nesta tensão entre agregação e desagregação da época em que se vive e da qual fala Maffesoli (1995), a educação estética é fundamental para desenvolver a capacidade de agir com a força integrativa, porque após longos séculos de negação dos sentidos é preciso reabilitá-los, porém

não no sentido anterior, como orienta o sociólogo, mas sim, encontrando os meios naquilo que ele diz ser, utilizando uma expressão de Benjamin, o “concreto mais extremo”.

2.1.3 Sobre a educação estética

Conforme Ormezzano, o nome educação estética é a última e muito pouco difundida expressão que circulou, após várias outras, no século XX, “[...] vinculadas às ‘belas artes’ tradicionais, que, com o passar do tempo, foram mudando não somente em sua denominação, mas também nas propostas educacionais” (2007, p. 15). A autora esclarece que, enquanto os românticos entenderam a estética de Kant sob o olhar da subjetividade humana, Schiller (1759 – 1805),

[...] em *Cartas sobre a educação estética do homem*, pela primeira vez retomou o problema da beleza do ponto de vista da formação humana, nascendo, assim, o conceito de ‘educação estética’, que vincula a estética kantiana com a filosofia da educação de Rousseau e sua própria ideia de sentimento, como condutor do ser humano. Nesses ensaios ele mostrou como a formação estética pode auxiliar a atingir um estado de harmonia interior por meio da educação e do amor à liberdade (2007, p. 20).

A educação estética, propriamente dita, iniciará, dessa forma, no Romantismo alemão, com o poeta e filósofo Friedrich Schiller, afirmando que, o estado estético é o que harmoniza os dois polos antagônicos existentes no homem, que são chamados pelo filósofo de impulso sensível e impulso formal. Alerta, ainda, que não podemos chamar de “[...] injustos aqueles que declaram o estado estético como o mais fértil com vistas ao conhecimento e à moralidade” (1989, p. 109), isso porque considera o estado estético como capaz de encerrar em si o todo da humanidade, e, dessa forma, cada uma das suas manifestações isoladas.

Todos os outros exercícios dão à mente uma aptidão particular e impõe-lhe, por isso, um limite particular; somente a estética o conduz ao ilimitado. Qualquer outro estado em que possamos ingressar remete a um anterior e exige, para sua dissolução, um subsequente; somente o estético é um todo em si mesmo, já que reúne em si todas as condições de sua origem e persistência. Somente aqui sentimo-nos como que arrancados ao tempo; nossa humanidade manifesta-se com pureza e *integridade*, como se não houvera sofrido ainda ruptura alguma pelas forças exteriores (SCHILLER, 1989, p. 110 grifo do autor).

O filósofo desenvolve uma teoria de como esse processo pode ser exercido pelo sujeito sobre si mesmo e afirma que pela cultura estética o valor e a dignidade pessoais de uma pessoa só dependem dela mesma, e que a partir disso, “[...] tornou-se-lhe possível *pela*

natureza fazer de si mesmo o que quiser – de que lhe é completamente devolvida a liberdade de ser o que deve ser” (SCHILLER, 1989, p. 106 grifo do autor).

Nesta teoria são dados os passos para a harmonização dos impulsos, sem contudo, conforme esclarece Schiller, estes impulsos perderem seu lugar e características próprias. O primeiro destes impulsos, o qual é chamado de sensível “[...] parte da existência física do homem ou de sua natureza sensível, ocupando-se em submetê-lo às limitações do tempo e torná-lo matéria” (SCHILLER, 1989 p. 63). Matéria tem o significado, para Schiller, de modificação ou realidade, “[...] que preencha o tempo; este impulso exige, portanto, que haja modificação, que o tempo tenha um conteúdo. Este estado de tempo meramente preenchido chama-se sensação, e é somente através dele que se manifesta a existência física” (SCHILLER, 1989, p. 63). Onde predomina este único impulso, diz o filósofo, o homem é limitado, pelo fato de que tudo o que existe no tempo é sucessivo, e se o homem atém-se exclusivamente no presente, tudo o mais ficará excluído; “[...] O homem neste estado nada mais é que uma unidade quantitativa, um momento de tempo preenchido – ou melhor, *ele* (grifo do autor) não é, pois sua personalidade é suprimida enquanto é dominado pela sensibilidade e arrastado pelo tempo” (SCHILLER, 1989, p. 64).

O segundo impulso, chamado por Schiller de formal, parte da “[...] existência absoluta do homem ou de sua natureza racional, e está empenhado em pô-lo em liberdade, levar harmonia à multiplicidade dos fenômenos e afirmar sua pessoa em detrimento de toda alternância de estado” (1989, p. 64). Enquanto o primeiro impulso exige modificação, o segundo exige permanência, e apesar de parecerem tendências opostas, Schiller sustenta que não são opostos por natureza, e se aparentam sê-lo, “[...] é porque assim se tornaram por uma livre transgressão da natureza ao se desentenderem e confundirem suas esferas” (1989, p. 67).

Dessa forma, Shiller alerta que é tarefa da cultura conter as esferas de cada um dos dois impulsos. A cultura,

[...] deve igual justiça aos dois e não busca afirmar apenas o impulso racional contra o sensível, mas também este contra aquele. Sua incumbência, portanto, é dupla: em primeiro lugar, resguardar a sensibilidade das intervenções da liberdade; em segundo lugar, defender a personalidade contra o poder da sensibilidade. A primeira ela realiza pelo cultivo da faculdade sensível; a outra, pelo cultivo da faculdade racional (SCHILLER, 1989, p. 67-68).

O impulso material, portanto, para Schiller, “[...] tem de ser contido em limites convenientes pela personalidade, e o impulso formal deve sê-lo pela receptividade ou pela natureza” (1989, p. 71). O filósofo resolve este conflito com o impulso lúdico. Neste os dois

outros (sensível e formal) atuam juntos. O impulso lúdico imporá “[...] necessidade ao espírito física e moralmente a um só tempo; pela supressão de toda contingência ele suprimirá, portanto, toda necessidade, libertando o homem tanto moral quanto fisicamente” (SCHILLER, 1989, p. 74). Atingindo esta união, o homem estaria, segundo Schiller, no estado estético. O filósofo explica o estético da seguinte forma,

Todas as coisas que podem ocorrer no fenômeno são pensáveis sob quatro relações diferentes. Uma coisa pode referir-se imediatamente a nosso estado sensível (nossa existência e bem-estar): esta é a sua índole física. Ela pode, também, referir-se a nosso entendimento, possibilitando-nos conhecimento: esta é sua índole *lógica*. Ela pode, ainda, referir-se a nossa vontade e ser considerada como objeto de escolha para um ser racional: esta é sua índole *moral*. Ou, finalmente, ela pode referir-se ao todo de nossas diversas faculdades sem ser objeto determinado para nenhuma isolada dentre elas: esta é sua índole estética (1989, p. 103 grifos do autor).

Este estado estético está diretamente relacionado à beleza. Schiller, diferentemente de Kant, afirma que a beleza é “[...] *objeto* para nós, porque a reflexão é condição sob a qual temos uma sensação dela, mas é, ao mesmo tempo, *estado de nosso sujeito*, pois o sentimento é a condição sob a qual temos uma representação dela” (1989, p. 127 grifos do autor). E Schiller vai mais longe, dizendo que somente a beleza “[...] faz feliz a todo mundo; e todos os seres experimentam sua magia e todos esquecem a limitação própria” (1989, p. 141). A beleza, para Schiller, pode ser percebida por qualquer ser humano através da arte, e, portanto, esta é imprescindível para uma experiência desta natureza.

No entanto, a estética pode ser entendida, conforme Ormezzano, “[...] como um modo de *ser* e *estar* no mundo, como construção da conexidade eu-cosmo” (2009, p. 37 grifos da autora). A autora esclarece que esta visão a permite estar imersa no mundo, expressando-se da forma que é e deixando-se penetrar pela estesia, “[...] ao perceber a interrelação dinâmica do ser no todo” (2009, p. 37).

Na mesma direção, Scholze afirma que o outro “[...] está sempre presente na constituição estética do sujeito, como uma dobra de relação consigo mesmo, e toda auto-apresentação está orientada intersubjetivamente” (2007, p. 61). Esta abertura para o outro que nos constitui como seres estéticos, seja este outro a arte, o mundo ou outro ser humano, pode ser provocada por uma educação do sensível, da sensibilidade inerente à vida humana, e

[...] por certo constitui o lastro suficiente para que as naus do conhecimento possam singrar os mares mais distantes de nossas terras cotidianas, como os oceanos da matemática ou da mecânica quântica. Inevitavelmente, após viajarmos por tais paragens longínquas acabaremos sempre por retornar aos nossos portos do dia-a-dia, nos quais convivemos com outros marinheiros e companheiros de jornada, tendo de trocar, com eles e com a paisagem ao redor, informações e procedimentos que precisam nos tornar mais humanos e menos predadores (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 180-181).

Nesse sentido, para Ormezzano a educação estética é um

[...] processo em que cada sujeito sente, experimenta e vibra emocionalmente, de modo tal que seu potencial humano se expressa tanto na distinção da singularidade irrepitível como na forte percepção da união dinâmica com seus semelhantes, necessitando e sendo capaz de comunicar seus ideais e a complexidade da sua interioridade, que cobra vida nas ações e obras (2007, p. 16).

Ormezzano (2009) continua esclarecendo que, a educação estética é uma forma de conhecimento que contribui para reduzir a divisão entre razão e o imaginário, integrando as faculdades racionais e sensíveis do ser humano. Duarte Júnior, segundo a autora, apresenta uma teoria para a educação estética que utiliza-se da arte, “[...] mas atua em um nível anterior ao da simbolização estética” (2009, p. 39). Esta teoria coloca a ênfase nas sensações. No entanto, a autora considera o pensamento, o sentimento e a intuição, e afirma “[...] que é preciso educar os sentidos para perceber de modo acurado o mundo e a nós mesmos” (2009, p. 39).

Duarte Júnior (2001) elucida que o neuropsicólogo António Damásio em sua obra *O Erro de Descartes* aponta, dentre suas descobertas e reflexões, um mecanismo cerebral de suma importância para a educação do sensível. Este mecanismo cerebral, que Damásio (1996) chama de “como se”, quer dizer como se fosse real ou como se a criação de sentimentos a nível mental, tivessem sua origem em nosso corpo, isso em favor de certa “economia energética”. Damásio explica que o fato de nossas decisões estarem sempre amparadas num sentimento, na medida em que vamos crescendo, aprendemos a simular estes sentimentos, melhorando nossa tomada de decisões.

[...] os mecanismos ‘como se’ são uma consequência do desenvolvimento individual. É provável que, à medida que éramos socialmente ‘sintonizados’ na infância e na juventude, a maior parte de nossas decisões tenha sido moldada por estados somáticos relacionados com castigos e recompensas. Mas ao crescermos, e com a categorização das situações repetidas, diminuiu a necessidade de contar com os estados somáticos para cada caso de tomada de decisão e desenvolveu-se mais um nível de autonomia econômica. As estratégias de tomada de decisão começaram a depender, em parte, de ‘símbolos’ dos estados somáticos. Em que medida dependemos desses símbolos ‘como se’ em vez da realidade, eis uma questão empírica importante (DAMÁSIO, 1996, p. 217).

A educação estética está relacionada, conforme Duarte Júnior (2001), a esse mecanismo “como se” de Damásio, onde afirma que,

[...] a qualidade dos sentimentos do espectador, frente à obra, é distinta de sua qualidade na existência do dia-a-dia. De certo modo os sentimentos se dão ali com um caráter de ‘como se’, isto é, como se fossem os mesmos da vida prática. A tristeza que sinto face à morte de uma personagem, no teatro, é diferente da que sinto por ocasião da morte de um amigo. Na experiência estética estamos frente a um símbolo, e o que sentimos guarda também esta qualidade simbólica (DUARTE JÚNIOR, 1998, p. 85).

O mesmo autor sustenta que o contato com obras de arte estimula o mecanismo “como se”, próprio das operações mentais humanas, “[...] na medida em que tais obras propiciam a ocasião para o ativar de nossa sensibilidade (ainda que num modo fictício), contribuindo com o desenvolvimento de nossa cognição, em seu mais pleno significado” (2001, p. 135). A linguagem audiovisual do cinema favorece esse mecanismo “como se” e estimula nossa sensibilidade.

2.2 O cinema na educação estética

O cinema como dispositivo de educação estética oferece muitas possibilidades, pois contém em si outras formas de arte e precisa delas para existir. O cinema se comunica com as pessoas despertando todos os seus sentidos. Segundo Bresson, a “[...] tela de cinema (ou visor da câmera) se instaura como uma nova membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com si próprio” (2013, p. 19).

Uma das crenças de Cezar Migliorin, conforme Bresson, é na sua possibilidade de “[...] intensificar as invenções de mundos, ou seja, da possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida, as formas de ocupar os espaços e habitar o tempo” (2013, p. 25). Num cenário pedagógico, diz o autor, seria uma “[...] espécie de desafio para transitar entre uma vivência e uma experiência do cinema” (2013, p. 25). Fazer cinema, dessa forma, pode se constituir em uma experiência, na qual podem haver desdobramentos pedagógicos e o desenvolvimento de faculdades cognitivas.

Ver ou fazer um filme pode supor simplesmente uma vivência. Bozhovich (1976), psicóloga russa – discípula de Lev Semenovitch Vigotski, que se ocupou de pensar as questões levantadas pelo mestre até sua morte precoce, a respeito de personalidade -, afirma que a vivência constitui a unidade menor de análise entre o eu e o mundo. Para a psicóloga não ocidental, só é possível estudar relações. Quando nos perguntamos pela unidade de base da linguagem cinematográfica, encontramos ‘o plano’ (BRESSION, 2013, p. 25-26).

O autor esclarece que, plano, é aquela parte que fundamenta o filme como um todo, que num pensamento literal, “[...] podemos dizer que é aquela parte do filme que fica determinada por dois cortes, mas ele configura uma totalidade em si” (BRESSION, 2013, p. 26).

Conforme Fresquet, a linguagem cinematográfica possui elementos característicos,

[...] planos, movimentos de câmera, efeitos de iluminação, campo sonoro – e a montagem – que, além de organizar a lógica da história contada, usa recursos para acelerar ou retardar os efeitos emocionantes – foram sendo construídos rigorosamente para capturar, sem restrições, a atenção do espectador (2011, p. 18).

Todo o aparato tecnológico construído pela tecnologia do cinema, segundo a autora permite que o espectador, sozinho, na sala escura, desfrute das “[...] emoções proporcionadas pela história, contada através de uma linguagem que hipertrofia as percepções visual e sonora. Isso favorece que haja uma adesão sem restrições ao entrecho desenvolvido” (FRESQUET, 2011, p. 18-19).

Esta relação com o mundo através do cinema gera uma vivência para as pessoas que Bresson considera fortemente transformadora. A vivência do cinema na educação “[...] revela uma potência da imagem cinematográfica, que supera a visão tradicional lingüística, semiótica e semiológica, propiciando, no espaço educativo, uma experiência sensível e direta com as obras de arte” (2013, p. 26).

Acompanhando estudos de neurociência que utilizam filmes para experimentos de observação do desenvolvimento de atividades cerebrais, Franco (2011) constatou que, as emoções provocadas pelos filmes permanecem e chegam a produzir alterações fisiológicas nos espectadores. A partir desta constatação, a pesquisadora pergunta como esse conhecimento poderia contribuir para pensar a importância para a formação humana dessa estimulação emocional tão significativa produzida através do cinema. Nesse sentido Fresquet afirma que,

O filme favorece mecanismos psicológicos de projeção/identificação e o cinema, como fenômeno social, favorece mecanismos de pertencimento quando as emoções proporcionadas pelos filmes são socializadas por meio de um sem número de modos oferecidos pelo cinema-negócio e pelas ações culturais que se aprofundam em várias formas de cinefilia (2011, p. 20).

Além da socialização, conforme Fresquet, o cinema tem forte impacto no campo político como meio educador. A autora cita as famosas palavras de um presidente norte-americano: “[...] onde entram os filmes, entram nossos produtos” (2011, p. 20). O efeito psicológico do filme provoca um caldo afetivo que a médio e longo prazo, passa a constituir, segundo a autora, “[...] uma identidade moral, ideológica e cultural, que parece ‘natural’, e se torna orientadora dos comportamentos” (2011, p. 20). Na mesma direção, Fischer e Marcello afirmam que, ao trazermos para os espaços educacionais

[...] um modo particular de discussão da história presente; chamamos a atenção para a amplitude dos gestos humanos necessários neste tempo – seja como abertura a novos repertórios, seja como experimentação de formas diferenciadas de linguagem audiovisual, seja ainda como exigência de posicionamento ético quanto a fatos cotidianos, sociais, culturais ou políticos a que somos expostos ou dos quais nós mesmos somos muitas vezes até protagonistas. Trata-se, portanto, de inserir a pesquisa em cinema e educação no interior de uma discussão também política, já que entendemos que a educação do olhar e a formação estética, são, sim, dimensões desta ordem [...] (2011, p. 510).

Sobre questões políticas e sociais, Duarte (2009) ressalta que, para Pierre Bordieu, o cinema contribui para desenvolver nas pessoas a “competência para ver”, sendo esta uma disposição valorizada socialmente para compreender e analisar as histórias cinematográficas. Entretanto, continua a mesma autora, Bordieu esclarece que essa “competência para ver”, depende, antes de mais nada, da atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas. Significa dizer, segundo a autora que, a maneira de ver depende das experiências culturais e do grupo social ao qual pertencem. Para Duarte (2009), pensar a educação como um processo de socialização, desenvolver o gosto por diferentes cinematografias torna-se importante, em função de que as escolhas não são baseadas apenas em preferências pessoais, transitar por diferentes campos sociais requer aprender suas linguagens, e o cinema contribui para que isso aconteça.

O conceito de socialização, conforme Duarte (2009), pode ser identificado na teoria sociológica em duas correntes distintas que ora se opõe ora se complementam. A concepção desenvolvida inicialmente por Émile Durkheim e que marcou profundamente a educação brasileira, principalmente na primeira metade do século XX, “[...] vê a socialização como um

mecanismo segundo o qual o indivíduo interioriza as regras sociais, assimila, de modo mais ou menos pacífico, as normas que a sociedade impõe aos que dela participam” (DUARTE, 2009, p. 15). Outra perspectiva, segundo Duarte (2009), desenvolvida, a princípio por Georg Simmel, entende que o indivíduo tem participação ativa no processo de socialização, interfere nas condições e modifica o entorno social. Desse ponto de vista, continua a autora, os protagonistas são agentes e produtos da interação social num processo em permanente construção. Diferentemente de Durkheim, esclarece Duarte (2009), Simmel rompe com a ilusão pedagógica de um par ativo/passivo. Nesta concepção, o ser social é visto como resultado de um conjunto de interações, nas quais o sujeito representa papel ativo em interações de caráter educativo (escola, família, igreja, etc.) e também em interações onde não estão presentes ações com intenções pedagógicas (grupo de pares, relações de trabalho, etc.).

Nas duas concepções, entretanto, conforme a autora, a educação escolar é vista apenas como uma das muitas formas de socialização, bem como, um entre vários modos de transmissão e produção de conhecimento, valores morais e formação de padrões éticos. Os estudos que investigam o papel social do cinema caminham nesta direção, afirma a autora.

É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de ‘sociabilidade’, no sentido que Simmel dá ao termo, ou seja, forma autônoma ou lúdica de ‘sociação’, possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns (DUARTE, 2009, p. 16).

Segundo a autora, ver filmes, “[...] é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (2009, p. 16). Defende, inclusive, que o homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica que se faça do que isso significa. Fundamenta seu pensamento com o pensamento de Eric Hobsbawm em seu livro *A Era dos Extremos*, no qual, segundo a autora, ratifica a importância da era da reprodutibilidade técnica, na qual se reproduzem obras de arte e as tornam acessíveis a muitas pessoas, provocando uma transformação na forma dos seres humanos perceberem a realidade.

Muito da percepção que se tem da história da humanidade, diz a autora (2009), por mais que se tenha informações sobre os fatos, está marcada pelo vasto imaginário produzido pelo cinema, e cita, por exemplo, John Wayne lutando com (ou contra) os índios e tantos outros filmes que nos despertam sentimentos contraditórios e constrangimentos íntimos. Se

isso se aplica em relação à História, esse efeito é muito mais pronunciado para os aspectos mais subjetivos da vida social, os quais, salienta Duarte, são “[...] muito mais permeáveis ao contato com as diferentes formas de expressão artística” (2009, p. 18). A autora reafirma que, valores e concepções sobre amor, família, sexualidade, têm como referência as significações produzidas entre espectadores e filmes. Experiências culturais e filmes acabam interagindo e provocando a construção de identidades, crenças e saberes para muitas pessoas, e este é, para Duarte, “[...] o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica” (2009, p. 18).

A importância do cinema para o campo educacional, contudo, precisa ser compreendida dentro da especificidade da linguagem cinematográfica,

[...] se admitimos que a relação com filmes participa de modo significativo da formação geral das pessoas, precisamos entender como é que isso se dá e qual é a extensão e os limites dessa participação. Precisamos estar atentos e dispostos a compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos de que ela se utiliza para ‘seduzir’, de forma tão intensa, um considerável contingente de pessoas, sobretudo jovens. Para isso é necessário nos dispormos a conhecer o cinema, sua linguagem e sua história (DUARTE, 2009, p. 19-20).

Fischer e Marcello esclarecem que para dar conta do objeto de pesquisa em cinema e educação precisam ser abarcadas três grandes dimensões, apenas separadas em caráter didático:

A complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema, o público ao qual se destinam os materiais em foco (ou os sujeitos dos quais as narrativas falam, ou ainda o grupo do qual desejamos tratar ou a quem nos propomos certa ação investigativa); e, por fim (e não menos importante), interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenções com o cinema, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente (2011, p. 506).

Destas três modalidades depende, conforme as autoras, a construção do objeto de pesquisa em cinema e educação, os quais devem estar “[...] ligados a problemas contemporâneos urgentes – ou, como diria Foucault, relacionados aos perigos que nos cabe enfrentar, particularmente no campo da educação” (2011, p. 506).

Para Fischer e Marcello (2011), não se trata de simples opção por uma ou duas das modalidades, mas dar conta de todas, mesmo que durante a pesquisa, uma ou duas delas, terão mais relevância para o objeto em questão. Uma das modalidades diz respeito ao público pesquisado e que segundo Xavier, é alguém que usa de suas capacidades mentais

[...] para participar ativamente do jogo, preenchendo as lacunas do objeto com investimentos intelectuais e emocionais que cumprem as condições para que a experiência cinematográfica se inscreva na esfera do estético; para Munsterberg, esfera em que o mundo exterior deve vestir as formas de nossa consciência. Tal concepção do estético confere ao cinema posição privilegiada, pois nele, como nunca antes, “o mundo exterior palpável perdeu o peso, libertando-se de espaço, tempo, causalidade, e se revestindo das formas de nossa consciência. Ao afirmar, na segunda parte de seu estudo, que o cinema supera as formas do mundo exterior e ajusta os eventos à formas de nosso mundo interior - atenção, memória, imaginação e emoção, Munsterberg exalta esta ‘vitória da mente sobre a matéria’, como fonte de um prazer genuíno, fornecido apenas pelo cinema (1983, p. 20).

Fischer e Marcello sustentam que pesquisar o cinema em educação tem a ver com educação do olhar, pois o cinema “[...] olha para certos temas de hoje, e, ao fazer isso, nos convida e nos ensina também a olhá-los de outro modo” (2011, p. 507). As autoras enfatizam a necessidade de exercitar “[...] uma mudança de perspectiva ao que se refere às nossas análises de imagens, de narrativas, de enunciações várias; falamos aqui, de aprender, que não há nada por trás dos gestos do cinema” (2011, p. 506). É preciso, ainda, enfrentar a total impossibilidade

[...] de uma imagem efetivamente *representar algo*. Isso tem a ver com um olhar sobre (e em direção a) o cinema, um olhar que não busca, naquelas narrativas, o encontro com falsas ou verdadeiras imagens, mas que, aceita olhar aquilo que é exposto naquela cena, naquela história, [...] (FISCHER; MARCELLO, 2001, p. 508 grifos do autor).

As autoras explicam que isso só faz sentido porque as interpretações serão sempre inesgotáveis, “[...] não por incompetência daquele que olha - mas por resistência da própria imagem, que desdobra os ditos que se fazem sobre ela sempre em novas possibilidades, portanto, em novos ditos [...]” (2011, p. 508), nunca abarcando a totalidade.

De acordo com Xavier, o filósofo Maurice Merleau-Ponty, traz, em seu ensaio, uma nova percepção que é explorada em sua relação com a psicologia da (Gestalt), onde

[...] é acentuada a afinidade destes dois elementos contemporâneos, dado expressivo da cultura do século. Inserindo o cinema em seu percurso de crítica à concepção clássica, mecânica, da percepção, Merleau-Ponty observa como o novo meio nos ensina nova relação com o mundo, nos dando a ver a conduta do homem-em-situação, não o seu pensamento. A imagem cinematográfica enquanto “gestalt temporal”, torna manifesta a união do espírito com o corpo e a expressão de um no outro. Ao apontar o cinema como demonstração do interior/exterior, da atividade do olhar como um sentido anterior ao da inteligência, o filósofo afirma algo compatível com os princípios gerais de sua fenomenologia sem deixar de nos lembrar as formulações de Jean Epstein em sua visão do cinema como teatro-da-pele, como revelação de um sentido que já está na superfície e não oculto atrás da face do homem (XAVIER, 1983, p. 220).

Muitos filmes exploram o tema do uso e abuso de substâncias psicoativas. No entanto, o sentido sempre acontecerá na superfície epidérmica do espectador. Neste estudo, os espectadores, sujeitos da pesquisa, são pessoas com uso problemático de substâncias psicoativas, os quais são chamados, mais usualmente, dependentes químicos.

2.3 Dependência química

Encontrei no site da CAPES, sobre o tema educação estética, nos últimos 5 anos, 13 dissertações de mestrado e 53 teses de doutorado. Sobre o tema educação estética e cinema, uma dissertação de mestrado e 6 teses de doutorado. Não encontrei, nos últimos 5 anos, trabalhos que envolvessem os três temas do presente estudo, ou seja, educação estética, cinema e dependência química.

O termo “dependência química” vem de uma “visão de saúde” que data do período da Assembléia Constituinte de 1988, ou seja, a saúde passou a se encarregar do tema do uso abusivo de substâncias psicoativas, tratando-o como doença e, portanto, “[...] o caminho para sua solução seria a Clínica Psiquiátrica, nos seus mais variados níveis, que iam desde atendimento ambulatorial até a internação em hospitais psiquiátricos” (SIQUEIRA, 2010, p. 66). O autor referenciado esclarece que, neste contexto, os pobres passaram a utilizar o Sistema Único de Saúde (SUS) e as comunidades terapêuticas, ao passo que, “[...] os mais abastados as Clínicas para tratamento de desintoxicação e recuperação, muitas vezes, em parceria com as igrejas” (2010, p. 66).

A dependência química toma contornos cada vez mais complexos, os quais são vistos tanto na mídia como no cotidiano, mas ao mesmo tempo, pouco se fala no assunto nas escolas, nos lares, e de modo geral, na maioria das instituições sociais. Antes de debruçar-me nas questões atuais sobre substâncias psicoativas trarei algumas considerações sobre sentidos que podem ser atribuídos à palavra vício.

2.3.1 Sentidos do vício

Dahlke (2001) discorre sobre alguns sentidos do termo vício em determinadas línguas e épocas. Por exemplo, a palavra “[...] *suht*, do *Mittelhochdeutsch* (língua falada na Alemanha Central aproximadamente entre os séculos XII e XV), significava doença em geral. A nossa medicina mais antiga também apresenta vestígios dessa visão” (p. 215-216).

Existe ainda, na linguagem popular atual, afirma o autor, determinados nomes de doenças como a hepatite, que é chamada “[...] *Gelbsucht* [vício amarelo]. E, não faz muito tempo, designava-se a epilepsia por *Fallsucht* [vício da queda], a tuberculose por *Schwindsucht* [vício da magreza] e a psicose agitada por *Tobsucht* [vício da fúria], [...]” (DAHLKE, 2001, p. 216).

As drogas também eram e ainda são utilizadas com fins de provocar a evolução do espírito. A heroína, segundo Dahlke, faz referência ao herói ou a heroína que “[...] visam à jornada heróica da existência” (2001, p. 219). O autor informa que a forte substância “[...] provoca, momentaneamente, uma sensação *heróica* de invencibilidade e euforia, quase como se a pessoa, em vez de escolher a evasão, fosse empreender a busca do objetivo da vida” (2001, p. 219 grifo do autor). Este aspecto destemido expressiu-se, também, conforme o autor, de forma desastrosa, no uso da mesma seringa, numa espécie de ritual de sangue, deixando, dessa forma, um rastro de contaminação do HIV.

No “baseado” que passa de mão em mão, de acordo com Dahlke (2001), também se encontra um caráter ritual. “Conquanto já não se possam detectar essas raízes profundas na maior parte das formas modernas de vício burguês, elas podem ser encontradas na sombra do consumo de drogas – coisa que não as torna de modo algum menos nocivas” (2001, p. 219). No entanto, afirma o autor, “[...] querer responsabilizar a droga pela desgraça do vício é desviar-se do tema verdadeiro” (2001, p. 219).

O tema verdadeiro ao qual se refere Dahlke e talvez o objetivo da política para as substâncias psicoativas é a projeção de seu “[...] próprio problema no grupo marginal, como os dependentes de heroína, e neles se combate a própria sombra” (2001, p. 219). O autor cita a heroína, mas atualmente, o foco é o crack.

A sombra, da qual fala Dahlke são os nossos aspectos negligenciados que não queremos ver e nem mesmo conhecer e, portanto, são projetados nos outros. De acordo com von Franz, a “[...] sombra não é o todo da personalidade inconsciente: representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego – aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes” (1964, p. 168). A autora destaca que, quando

[...] uma pessoa tenta ver sua sombra ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros – coisas como o egoísmo, a preguiça mental, a negligência, as fantasias irreais, as intrigas e as tramas, a indiferença e a covardia, o amor excessivo ao dinheiro e aos bens – em resumo, todos aqueles pequenos pecados que já se terá confessado dizendo: ‘Não tem importância; ninguém vai perceber e, de qualquer modo, as outras pessoas também são assim’ (1964, p. 168).

Mas não existem apenas atributos negativos depositados na sombra, para von Franz, “[...] por vezes, tudo quanto o ego desconhece mistura-se à sombra, incluindo as mais valiosas e nobres forças” (1964, p. 173).

Retornando a questão do vício em substâncias psicoativas, Dahlke sustenta que a única terapia capaz de agir em “[...] profundidade tem de devolver o afetado à condição de buscador no caminho individual da existência” (2001, p. 220). O autor defende que precisam ser inseridas as qualidades do arquétipo Netuniano “[...] de meditação e religião, transcendência e êxtase” (2001, p. 221). Esclarece que os viciados vivem esse “[...] princípio em seu vício e na maldição que por trás dele se pode entrever e, por isso mesmo, em planos extremamente infelizes. Trata-se de lhes mostrar outros caminhos para fazerem jus a esse princípio e, assim, ter alegria e prazer na jornada da vida” (2001, p. 221).

A psiquiatria, segundo Dahlke (2001) faz desses aspectos netunianos um tabu e reforça unilateralmente as características do arquétipo de Saturno de disciplina e ordem. Esses aspectos também são importantes, mas é necessário entender que o outro lado também precisa ser valorizado e reconstituído no seu sentido pleno de vida. O alerta de Dahlke é que, convém reconhecer o “[...] êxtase como um direito humano vital e estimulá-lo em vez de impedi-lo e demonizá-lo. Quem dança extaticamente ou vive o esporte e a música até o êxtase está, sem dúvida, mais resguardado contra o abuso das drogas do que o ambicioso dócil e submisso à autoridade” (2001, p. 221).

Dahlke (2001) coloca o problema em vários níveis. Na medicina dá o exemplo de estudantes que aprendem tudo sobre as etapas da cirrose hepática, sendo que esta doença é a 4ª causa de óbitos na Alemanha, mas não aprendem nada sobre o alcoolismo, principal causador daquela doença. A responsabilidade de compreensão do problema é atribuída ao psiquiatra que pouco tem a dizer. E esse pouco, continua o médico, se esgota em “[...] lugares-comuns como o alcoólatra não tem força de vontade, é preciso retirar-lhe o álcool, coisa que raramente dá resultado” (2001, p. 217).

Precisaria, segundo o médico “[...] ajudar o buscador que atolou no vício a retornar a busca” (2001, p. 217). Todavia, continua o autor, a medicina convencional é incapaz disso, pois não consegue compreender o vínculo entre vício e busca. Preferem fechar os olhos e negar, tal como faz o restante da sociedade. “Só quando se tomar consciência das dimensões desse processo de recalque coletivo é que se desenvolverá uma sensibilidade para a potência do problema do vício que nos cerca” (DAHLKE, 2001, p. 217).

O autor citado (2001) alerta para o fato de que os noticiários informam que cerca de duas mil pessoas morrem, anualmente, por causa das drogas, e que isso é lamentável. No

entanto, não acham tão importante noticiar que morrem, na Alemanha, em torno de vinte mil pessoas por ano por causa do álcool e isso inclui acidentes de trânsito. Também, nada se diz a respeito “[...] dos milhares de seres humanos que se viciam em drogas (originalmente) receitadas por médicos e por isso acabam morrendo. E não se faz a menor alusão aos que perecem devido à compulsão ao trabalho, ao jogo, ao consumismo, a ter e a dominar” (DAHLKE, 2001, p. 218). Na sociedade burguesa do bem-estar e da abundância, esclarece o autor,

[...] não existe quase nada que não vicie. Desde a televisão, passando pelo consumo, até o sexo e o esporte, hoje praticamente tudo se tornou suspeito. E as drogas em si não são de modo algum o problema. Para quem já não busca (o sentido e o objetivo da vida), quase tudo pode se transformar em droga e viciar. Inversamente, as drogas clássicas estão longe de ser tão perigosas quanto se insiste em afirmar na Alemanha. Quando o usuário a toma no contexto de seu culto, ou seja, na busca religiosa, não se tem registro de desenvolvimento de nenhum vício (DAHLKE, 2001, p. 218).

Dessa forma, conforme Dahlke, é preciso abrir caminho para estas oportunidades em vez de obstruí-las.

Por outro lado, é claro que seria sumamente útil se os pais ou responsáveis tivessem experiências próprias no reino de Dionísio. Tais experiências aguardam a todos nós em qualquer tempo; estão sempre no interior e não são nada difíceis de realizar quando nos empenhamos em nos *realizarmos a nós mesmos* (2001, p. 222-223 grifo do autor).

Este caminho do desenvolvimento dos sentidos, das sensações, do prazer de ser e estar no mundo com os outros, esse sentimento coletivo de força comum, conforme nos ensina Maffesoli,

[...] essa sensibilidade mística que fundamenta a perdurância, utiliza vetores bem triviais. Sem que seja possível analisá-los aqui, trata-se de todos esses lugares da conversação, ou de maneira mais ampla, da convivialidade. Cabarés, cafés e outros espaços públicos que são ‘regiões abertas’, quer dizer, lugares onde é possível dirigir-se aos outros e, por isso mesmo, dirigir-se à alteridade em geral (1987, p. 36).

O sociólogo (1987) refere-se a uma sacralidade das relações sociais que se expressa na palavra que circula acompanhada da bebida e da comida. “Não esqueçamos que a eucaristia cristã, que enfatiza a união dos fiéis, e a união com Deus, é uma das formas acabadas da comensalidade, que se encontra em todas as religiões do mundo” (MAFFESOLI, 1987, p. 37). Entretanto, alerta Maffesoli, é bom lembrar que o divino “[...] é oriundo das realidades

quotidianas, que ele se elabora, pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros. É neste sentido que o *'habitus'*, ou o costume, servem para concretizar, para *atualizar*, a dimensão ética de toda socialidade” (1987, p. 38 grifo do autor).

Contudo, lembra Maffesoli, o “[...] costume, enquanto expressão da sensibilidade coletiva, permite, *stricto sensu*, um ex-tase no quotidiano. Beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ [...]” (1987, p. 38). Maffesoli sustenta que ao lado de um saber “[...] puramente intelectual, existe um conhecimento que integra também uma dimensão sensível, um conhecimento que, mais de acordo com a sua etimologia, permite ‘nascer junto’” (1987, p. 38).

Como todos sabem, os seres humanos sempre utilizaram substâncias com a função de alteração da consciência, sendo que é possível encontrar amplas referências históricas à respeito. Nery Filho (2012), com sua narrativa mítica sobre o tema, talvez nos provoque de forma a despertar dimensões sensíveis para refletir sobre a questão.

2.3.2 O mito de Adão e Eva e o mito da horda primitiva

Através de uma narrativa que ocorre na dimensão do universo simbólico: o mito de Adão e Eva e o mito da Horda Primitiva, Nery Filho (2012) responde à pergunta: “Por que os humanos usam drogas?” (2012, p. 12). O autor (2012) esclarece que usa o termo Horda Primitiva, apenas da ideia de Charles Darwin de Horda Primeva como grupo original e não na concepção freudiana da morte do pai primevo e suas decorrências, ou seja, a organização social e cultural humana. Ao discorrer sobre estes mitos, Nery Filho solicita nossa consideração de que os “[...] humanos nem sempre puderam ser vistos com as características psíquicas e sociais que hoje os definem” (2012, p. 12). Supõe que, no começo, “[...] deslocava-se no tempo um grupo de seres liderados por um grande chefe, sem passado e sem futuro, aprisionados em um eterno presente [...]” (2012, p. 12), por não possuírem linguagem e, portanto, não simbolizarem. A horda, conforme o autor (2012), não sabia de sua própria existência, tal como Narciso, antes de contemplar sua própria imagem – contrariando o aviso de Tirésias de que teria vida longa desde que não contemplasse sua própria imagem – e cair na lagoa afogando-se. Essa horda, portanto, era eterna na “[...] Roda do Tempo, no nascer e no morrer, sem se dar conta do que ficava para trás nem do que viria por adiante” (2012, p. 13). Na medida em que a horda adquiriu a capacidade de simbolizar, “[...] pôde reconhecer o passado e significá-lo, dar-lhe sentido, tanto quanto antecipar o futuro” (2012, p. 14). Dessa forma, a simbolização, introduz a dimensão da morte:

Sim, porque a significação do passado implicou no reconhecimento daquilo que se deixa para trás, perdido, inalcançável, salvo pela lembrança através da restauração imaginária e, mesmo assim, segundo as regras e leis da memória, que se perde no particular para ser inventada no coletivo. Eis que a vida ganha sentido com o reconhecimento da morte. Entretanto, impõe-separa essa horda em transformação o mesmo paradoxo ou quase o mesmo de Narciso: não reconhecer a dimensão Tempo implica em não ser; reconhecê-la implica em reconhecer-se mortal, finito. E quais as conseqüências disso para os agora humanos? (NERY FILHO, 2012, p. 14).

A resposta, para o autor, está no sofrimento ocasionado pela consciência da morte, do tempo passado e futuro e da perda do que vai ficando para trás. O problema daqueles humanos era lidar com o sofrimento que a própria condição humana lhes impunha. O que fazer?” (2012, p. 14). A seguinte história, segundo Nery Filho, pode ter ocorrido:

[...] um dia, depois de longa peregrinação, um grupo de humanos repousou sob árvores protetoras; talvez fosse tempo outonal e chovesse com frequência. Vejo um humano saindo de seu canto em busca de água para apaziguar a sede. Abaixa-se e, ainda distante dos gestos mais delicados que terá no futuro, bebe sofregamente sem se dar conta de que nesta água estão amolecidos e dissolvidos frutos, frutos de sua árvore, tombados antes de sua chegada. É possível, também, que tenha sido uma laranjeira essa árvore ou mesmo uma macieira, para antecipar outro mito mais significante. Frutos cítricos fermentados deram a essa água propriedades novas, **inebriantes**, pela presença do etanol ou de moléculas de propriedades químicas muito próximas, produzindo, pela primeira vez, inevitável efeito depressor do sistema nervoso central e a respectiva alteração da percepção de si mesmo e do mundo exterior. Finalmente, a dor psíquica causada pelo conhecimento da finitude era aplacada e os humanos puderam seguir em frente construindo incessantemente sua história (2012, p. 14-15 grifo do autor).

Dessa história, o autor (2012) compreende a importância atribuída ao álcool na nossa cultura, a ponto de ser uma substância protegida por dois deuses, Dionísio para os gregos e Baco para os romanos.

O outro mito ao qual o autor se refere é o da criação do homem. Cita um trecho do Gênesis, e depreende deste relato que o “[...] Homem e a Mulher no Paraíso poderiam dispor da eternidade, visto que a árvore da vida não lhes fora interditada. Contudo, a proibição do conhecimento lhes fora taxativa” (NERY FILHO, 2012, p. 17). E todos sabem o que acontece a seguir, “[...] o drama de nossos pais inaugurais, Adão e Eva: a passagem da condição de divinos – imortais – a humanos – mortais” (2012, p. 17). Nery Filho explica que este mito difere do da horda, por não se tratar da passagem para a simbolização e linguagem, mas “[...] da significação das coisas, do saber-se sabedor” (2012, p. 17). Entretanto, aproximando os dois mitos, o autor pensa que,

É possível pensar que o encontro com uma planta ou produto químico tenha ocorrido, de modo semelhante àquele referido linhas acima para os novos humanos oriundos da Horda Primitiva: ‘[...] um dia, sedentos, tomaram da ‘água fermentada’ e reencontraram o paraíso, temporariamente’. Um novo fruto do bem e do mal foi descoberto; entretanto, não seria mais de Deus o Juízo e a Sentença, mas dos próprios humanos, na longa trilha calçada pelo livre arbítrio e pela liberdade (NERY FILHO, 2012, p. 18).

Após a narrativa dos mitos, o autor afirma que, “[...] fundamentalmente os humanos usam drogas porque são humanos” (2012, p. 18). Dessa forma propõe uma ruptura e outra incursão: se os “[...] humanos usam drogas (substâncias psicoativas legais e ilegais) porque são humanos, haveremos de considerar, no mundo de hoje, duas outras dimensões – a dimensão social e a da própria substância” (2012, p. 18).

O autor conclui o texto com duas narrativas: a primeira quando iniciou seu trabalho com usuários de drogas e entrou num lugar imundo, em uma rua no Pelourinho, onde viviam crianças, adolescentes e uma mulher grávida e a segunda quando do nascimento de sua neta, rodeada de cuidados. Dessas histórias considera que cada humano consumirá essa ou aquela droga, na medida de suas necessidades subjetivas e sociais.

Não são as drogas que fazem os humanos – já foi dito; são os humanos que fazem as drogas ou, se dissermos de outro modo, em função dos buracos/faltas que constituem a estrutura de nossas histórias. Alguns de nossos filhos terão pequenos espaços para as drogas em suas vidas; outros filhos nossos encontrarão mais facilmente nas drogas a possibilidade de suportar o horror da exclusão pelo nascimento. Entre uma história e outra, há todas as possibilidades – a vida é *móvil*. Nossos nascimentos não são garantias inelutáveis de destino, mas portam a semente do que poderemos ser (NERY FILHO, 2012, p. 20 grifo do autor).

O autor desconstrói com esta reflexão os sentidos atribuídos ao termo drogas, e que nos são muito caros, por fazer uma diferenciação entre os que estão dentro e os que estão fora da lei e as coloca na categoria substâncias psicoativas legais e ilegais. Escolhi, portanto, neste estudo, utilizar a expressão substâncias psicoativas.

2.3.3 Substâncias psicoativas *versus* drogas

A Lei 5.991/73 de 17 de dezembro de 1973 adota como conceito de droga a “[...] substância ou matéria-prima que tenha finalidade medicamentosa ou sanitária (BRASIL, 1973, p. 1).”

Sobre o termo drogas, Vargas explora a lição do Dr. Paracelso: *dosis sola facit venenum* nas seguintes notas: “Tal exploração propõe que as drogas sejam consideradas como

uma categoria complexa e polissêmica que recobre e reúne, por vezes de modo marcadamente ambíguo, como também isola e separa, tantas vezes de modo instável, matérias moleculares as mais variadas” (2008, p. 41).

Labate, Fiori e Goulart preferem usar o termo substâncias psicoativas à drogas, explicam que o termo substâncias psicoativas, embora não seja de todo neutro por engendrar um ponto de vista nitidamente biomédico, “[...] carrega menos pressupostos morais, permitindo que haja distanciamento dos sentidos, muitas vezes contraditórios, que o termo ‘droga’ normalmente remete (narcótico, entorpecente, tóxico, coisa ruim, etc.” (2008, p. 24).

Pude inferir que os conceitos utilizados no cotidiano, pela maioria das pessoas, possuem uma carga moral e são carregados de significados de contextos históricos e culturais que, provavelmente, acabam representando obstáculos no entendimento da questão. Existem políticas públicas que podem auxiliar na compreensão destes processos.

2.3.4 Políticas públicas de saúde

A lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, no artigo 3º, estabelece o conceito ampliado de saúde que não mais se limita a ausência de doenças, mas tem como condicionantes e determinantes, entre outros “[...] a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais” (BRASIL, 1990).

Conforme a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), o conceito ampliado de saúde está na base do processo de criação do SUS. Portanto, o SUS, “[...] como política do estado brasileiro pela melhoria da qualidade de vida e pela afirmação do direito à vida e à saúde, dialoga com as reflexões e os movimentos no âmbito da promoção da saúde” (BRASIL, 2006, p. 10). Dessa forma, a promoção da saúde, como uma das estratégias de produção de saúde, ou seja, “[...] como um modo de pensar e de operar articulado às demais políticas e tecnologias desenvolvidas no sistema de saúde brasileiro, contribui na construção de ações que possibilitam responder às necessidades sociais em saúde” (2006, p. 10).

A PNPS esclarece que, tradicionalmente, “[...] os modos de viver têm sido abordados numa perspectiva individualizante e fragmentária” (BRASIL, 2006, p. 10), responsabilizando unicamente sujeitos e comunidades pelos processos de saúde-doença que ocorrem durante a vida.

Contudo, na perspectiva ampliada de saúde, como definida no âmbito do movimento da Reforma Sanitária brasileira, do SUS e das Cartas de Promoção da Saúde, os modos de viver não se referem apenas ao exercício da vontade e/ou liberdade individual e comunitária. Ao contrário, os modos como sujeitos e coletividades elegem determinadas opções de viver como desejáveis organizam suas escolhas e criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses pertencentes à ordem coletiva, uma vez que seu processo de construção se dá no contexto da própria vida (BRASIL, 2006, p. 10-11).

Esta política propõe que as ações em saúde sejam ampliadas levando em conta seus determinantes e condicionantes para que a organização da atenção e do cuidado envolvam, ao mesmo tempo, os serviços de saúde e as ações extra-muros do sistema de saúde, “[...] incidindo sobre as condições de vida e favorecendo a ampliação de escolhas saudáveis por parte dos sujeitos e das coletividades no território onde vivem e trabalham” (BRASIL, 2006, p. 11). Importante ressaltar, também, que a PNPS estimula a comunicação entre os diversos setores que extrapolam os serviços de saúde para tratar desta questão complexa e produzir soluções inovadoras para a melhoria da qualidade de vida.

A Promoção da Saúde apresenta-se, portanto, “[...] como um mecanismo de fortalecimento e implantação de uma política transversal, integrada e intersetorial, que faça dialogar o setor sanitário, os outros setores do Governo, o setor privado e não-governamental e a sociedade” (BRASIL, 2006, p. 15), tecendo redes de compromisso onde todos sejam partícipes e corresponsáveis na proteção e cuidado com a vida. A portaria nº 2.446, de 11 de novembro de 2014 que redefine a PNPS, traz como tema prioritário que os pactos interfederativos e planejamento estratégico do Ministério da Saúde estejam em diálogo permanente com as demais políticas, bem como com outros setores e com especificidades sanitárias, entre elas, o enfrentamento

[...] do uso abusivo de álcool e outras drogas, que compreende promover, articular e mobilizar ações para redução do consumo abusivo de álcool e outras drogas, com a corresponsabilização e autonomia da população, incluindo ações educativas, legislativas, econômicas, ambientais, culturais e sociais (BRASIL, 2014, p. 5).

O Programa Saúde na Escola, articulado com a PNPS (BRASIL, 2011) tem como um dos objetivos a promoção e prevenção da saúde e para isso institui uma linha de ação que se chama prevenção ao uso de álcool e tabaco e outras drogas. Este programa traz diretrizes, bem como metodologias para se trabalhar este tema buscando “[...] tratar a saúde e educação integrais como parte de uma formação ampla para a cidadania e o usufruto pleno dos direitos humanos” (BRASIL, 2011, p. 7).

O conhecimento destas políticas para a área da educação é fundamental para que possamos construir ações intersetoriais promovendo estratégias que levem em consideração o conceito ampliado de saúde. No entanto, a educação, área das ciências humanas, tem suas peculiaridades para tratar do tema da dependência química.

2.3.5 Estudo da dependência química pelo viés das ciências humanas

Segundo Ormezzano, Gallina e Albani, a dependência química, vem sendo vista, atualmente, “[...] por uma perspectiva da integralidade, que envolve diversas áreas do conhecimento na acolhida aos usuários de drogas” (2013, p. 43). No entanto, durante muito tempo, as pessoas que apresentavam quadros de dependência química eram vistas como marginais e essa condição era relacionada a problemas de caráter dos sujeitos. O recurso utilizado para lidar com a questão era trancá-los em hospitais psiquiátricos e exilá-los da sociedade. De acordo com as autoras, esse cenário desumano estava amparado pela lei, independentemente de quem fossem os sujeitos envolvidos:

[...] em 1934, surgia a primeira versão daquela que se tornaria a primeira ‘Lei de Drogas’ do Brasil e que já marginalizava os usuários. Na verdade, essa lei não foi a primeira a tratar do tema, mas fazia referência à ‘toxicomania’, definindo-a, a exemplo da França (em 1917) e de outros países, como crime no mesmo nível com que tratava os ‘alcoólatras, doentes mentais, mendigos, etc.’ (SIQUEIRA, 2010, p. 65).

Ormezzano, Gallina e Albani informam que os avanços dos estudos psicossociais foram contribuindo para a mudança dessa visão e citam como exemplo a estratégia de redução de danos, adotada no Brasil na tentativa de “[...] amenizar problemas de saúde e sociais ocasionados pelo consumo de drogas, sem, no entanto, impor a abstinência como parte do tratamento” (2013, p. 44).

A estratégia de redução de danos se insere no movimento amplo da reforma psiquiátrica brasileira, “[...] que teve início como movimento social no final da década de 1970 e início dos anos 1980 e foi legitimada pelo texto legal no ano de 2001, através da Lei nº 10.216” (DIAS; OLIVEIRA, 2010, p. 29).

De acordo com Dias e Oliveira (2010), essa lei dispõe sobre “[...] a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental” (BRASIL, 2001), e com a posterior publicação da Portaria 3088/2011, os serviços estratégicos responsáveis para prover os cuidados às pessoas com transtornos

psíquicos decorrentes do uso de álcool e outras drogas são os CAPSad, “Serviço de saúde mental aberto e de caráter comunitário, indicado para municípios ou regiões com população acima de 70.000 habitantes” (BRASIL, 2011, p. 5); CAPSad III “Serviço com no máximo 12 leitos para observação e monitoramento, de funcionamento 24 horas, [...] indicado para municípios ou regiões com mais de 200.000 habitantes” (BRASIL, 2011, p. 6); CAPS i (infantil) serviço que “Atende crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes e os que fazem uso de crack, álcool e outras drogas” (BRASIL, 2011, p. 6). Os autores referenciados sustentam que, aos “[...] CAPS cabe o desafio de invenção de práticas cujos objetivos não se reduzam a buscar um ideal em que haveria uma suposta cura/reabilitação representada pela abstinência às drogas” (DIAS; OLIVEIRA, 2010, p. 31).

A Lei da Reforma Psiquiátrica legitimou, portanto, a desconstrução dos saberes médico-psiquiátricos e jurídico-policiais que delimitavam as pessoas que usavam substâncias psicoativas tornadas ilícitas como doentes e criminosos. Operando sob o aval da neutralidade científica, mas engendrados a partir dos mais variados interesses econômicos, políticos e religiosos, Dias e Oliveira esclarecem que “[...] a apropriação do campo de uso das drogas por estes sistemas restringiu as possibilidades de inserção do tema em outros campos, e determinou a forma como o assunto deveria ser abordado” (2010, p. 28). No contraponto àqueles saberes, conforme Labate, Fiori e Goulart,

Insatisfeitos com a pouca atenção dada ao tema nas humanidades, com tal supremacia das ciências da saúde e com um debate público marcado pelo simplismo e por uma estéril dualidade entre posturas ‘contra’ e ‘a favor’, um grupo de pesquisadores, com vinculações disciplinares e interesses de pesquisas os mais diversos, todos de alguma forma ligados à questão das ‘drogas’, começou a se reunir para discutir regularmente o tema (2008, p. 24).

O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (LABATE; FIORI; GOULART, 2008), surgiu no ano de 2001, na Universidade Federal da Bahia, dos esforços de diversos profissionais de diversas áreas das ciências humanas que já dedicavam-se ao estudo do fenômeno do consumo de substâncias psicoativas. Segundo os autores, o grupo se constituiu sob duas vertentes de atuação:

[...] a busca pela consolidação de um eixo temático duradouro nas ciências humanas, fincando o pé num campo de pesquisa bastante inexplorado ou, infelizmente, muitas vezes mal explorado; e a inserção direta através de uma postura mais ativa, quase militante, no debate público, buscando influenciá-lo (2008, p. 24).

Este grupo de pesquisa, seguindo uma tendência geral, busca abrir-se ao diálogo interdisciplinar frente a esse fenômeno complexo e multifacetado. De acordo com Labate, Fiori e Goulart,

Entre os especialistas tem sido cada vez mais consensual que as políticas de ‘repressão’ ou ‘demonização’ do uso de drogas se mostraram historicamente ineficazes. As propostas caminham muito mais no sentido da informação e da educação, tornando disponível para a sociedade, principalmente os jovens, um conjunto de informações mais precisas sobre as ‘drogas’ e seus efeitos (2008, p. 29).

Este conhecimento teórico fundamentou a pesquisa de campo, cuja metodologia está descrita no próximo capítulo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é qualitativa de cunho fenomenológico. Segundo Masini, este enfoque “[...] caracteriza-se pela ênfase ao ‘mundo da vida cotidiana’, pelo retorno àquilo que ficou esquecido, encoberto pela familiaridade [...]” (2008, p. 61). A autora afirma que não existe “o ou um” método fenomenológico, mas uma “[...] atitude de abertura do ser humano para compreender o que se mostra” (2008, p. 62). Esta abertura, esclarece Masini, é no sentido de “[...] estar livre para perceber o que se mostra e não preso a conceitos ou predefinições” (2008, p. 62). Estamos livres, conforme a autora, “[...] quando sabemos de nossos valores, conceitos e preconceitos e podemos ver o que se mostra cuidando das possíveis distorções” (2008, p. 62).

A autora afirma ainda que o “[...] método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva” (2008, p. 63). Por descrição, a autora entende “[...] um caminho de aproximação do que se dá, da maneira como se dá e tal como se dá” (2008, p. 63). O método fenomenológico, portanto, é “[...] simultaneamente tarefa da interpretação (tarefa da hermenêutica) [...]” (2008, p. 63). Masini define interpretação como a decifração do sentido aparente, que consiste em “[...] desdobrar os sinais de significação implicados na significação literal... há interpretação onde houver sentido múltiplo e é na interpretação que a pluralidade de sentidos torna-se manifesta” (2008, p. 63). Toda hermenêutica, de acordo com Masini, é “[...] explícita ou implicitamente compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro. Ricoeur afirma que para compreender-se a si mesmo o ser humano necessita refletir” (2008, p. 63).

Foram utilizadas algumas técnicas da pesquisa participante para coleta de informações, como a entrevista livre, que para Brandão, é “[...] concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc.” (1990, p. 29). Também fazem parte da pesquisa participativa as tomadas de decisões conjuntas, que foram feitas através da escolha dos filmes, dias e horários para as sessões de cinema.

3.1 Sobre a fenomenologia

A fenomenologia como paradigma tem muitos desdobramentos. Conforme Cerbone (2013), o fenomenólogo Edmund Husserl [1859-1938] foi quem iniciou a filosofia

fenomenológica como outra fundamentação teórico-metodológica a ser utilizada em pesquisa nas ciências humanas e que se opôs ao objetivismo das ciências naturais. Segundo Cerbone várias orientações e aspirações se revelam no antinaturalismo (oposição às Ciências Naturais) de Husserl, são elas: “Discernir e descrever a estrutura essencial da experiência; perguntar e responder questões transcendentais sobre a experiência; atingir a certeza epistemológica” (2013, p. 39).

A redução fenomenológica, de acordo com Cerbone (2013), principal inovação metodológica de Husserl, consiste em adquirir uma postura frente aos objetos (aos quais Husserl converte em fenômenos) onde torna-se possível conhecer a realidade que não é dada naturalmente à nossos sentidos, mas que prepara o caminho para responder questões transcendentais sobre a possibilidade da experiência.

O autor referenciado cita Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty como os mais famosos praticantes da fenomenologia após Husserl, “[...] são, com frequência, coletivamente referidos como fenomenólogos ‘existenciais’, como opostos a puros ou transcendentais” (2013, p. 62). Embora haja muitas diferenças entre as concepções destes filósofos, o adjetivo “existencial” surge da oposição à fenomenologia transcendental de Husserl. A crítica da fenomenologia existencial é quanto a possibilidade de isolar a experiência como pretende Husserl na redução fenomenológica.

Conforme Cerbone, Husserl às vezes se refere à redução como um tipo de “purificação” e chama sua fenomenologia “pura” ou “transcendental”,

Em vez de uma alteração no fluxo da experiência, a mudança principal anunciada pela execução da redução é uma mudança na atenção por parte daquele que experiencia. Quando executo a redução, não atendo mais aos objetos mundanos de minha experiência, nem me pergunto sobre os fundamentos causais dessa experiência; em vez disso, foco minha atenção na experiência desses objetos mundanos. Presto atenção à apresentação do mundo ao meu redor (e de mim mesmo), em vez do que é apresentado. A redução é assim, um tipo de reflexão: para Husserl, o domínio da reflexão é “o campo fundamental da fenomenologia”(2013, p. 41).

De acordo com Cerbone (2013), a obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty constitui um completo repensar do método fenomenológico e da fenomenologia. Embora Merleau-Ponty tenha aprendido muito com Husserl, Heidegger e Sartre, o autor sustenta que talvez a mais surpreendente característica da fenomenologia de Merleau-Ponty em contraste com esses teóricos

[...] seja a extensão de seu envolvimento com a pesquisa empírica em curso nas ciências naturais, especialmente na psicologia, fisiologia e linguística. Merleau-Ponty foi profundamente influenciado pela psicologia da Gestalt [...], especialmente sua ênfase na estrutura holística da experiência (2013, p. 147).

Ao contrário de teorias que concebem a percepção como envolvendo algum tipo de átomos sensoriais ou sensações como os elementos fundamentais, segundo Cerbone os gestaltistas, cujas figuras dominantes incluem Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Kofka, rejeitaram aquelas teorias e argumentam que

[...] a experiência perceptual está organizada em todos significativos, por exemplo, em figura-e-fundo, cuja significância não pode ser entendida como o resultado ou produto da combinação de átomos sensoriais simples, menos-que-significantes. Na experiência, o todo é anterior às partes e, portanto, é mais do que sua soma (na verdade, na visão da Gestalt, é somente em termos do todo que podemos delinear, de algum modo, quaisquer partes significantes) (CERBONE, 2013, p. 147).

Contudo, de acordo com o autor, Merleau-Ponty dedicou boa parte de sua atenção a expor as incoerências da pesquisa empírica, principalmente, as suposições concernentes à natureza da experiência

[...] e às frequentes concepções procustianas da percepção, da corporificação e da atividade humana em ação na maneira com que cientistas interpretam seus achados. Essas suposições, tensões e distorções servem para enfatizar a necessidade de investigações fenomenológicas adicionais: do que Merleau-Ponty chama “um retorno aos fenômenos (CERBONE, 2013, p. 147-148).

O prefácio do livro *Fenomenologia da percepção* inicia com a seguinte pergunta: O que é a fenomenologia? O autor responde que é estranho ainda colocar-se essa questão meio século depois dos trabalhos de Husserl, paradoxalmente a questão está longe de estar resolvida.

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira a não ser a partir de sua ‘facticidade’. É uma atitude transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivididos’ (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1-2).

Merleau-Ponty, segundo Cerbone, ao retornar à questão acerca do que é a fenomenologia, espera iniciar um retorno aos próprios fenômenos, e, assim, “[...] redespertar em nós um sentido tanto do tema da fenomenologia como de sua significância. A ideia de ‘retornar’ aos fenômenos, de ‘redespertar’ nossa sensibilidade para eles, permeia o trabalho como um todo” (2013, p. 158). Para Merleau-Ponty: “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (1999, p. 13). Com esta afirmação, o filósofo esclarece que

[...] não é preciso se perguntar se nossas evidências são mesmo verdades, ou se, por um vício de nosso espírito, aquilo que é evidente para nós não seria ilusório com referência a alguma verdade em si: pois, se falamos de ilusão, é porque reconhecemos ilusões, e só podemos fazê-lo em nome de alguma percepção que, no mesmo instante, se atestava como verdadeira, de forma que a dúvida, ou o temor de se enganar, afirma ao mesmo tempo nosso poder de desvelar o erro e não poderia, portanto, desenraizar-nos da verdade. Nós estamos na verdade, e a evidência é ‘a experiência da verdade’. Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Em relação às evidências de fato e “verdades”, o autor compreende que, como o mundo não é o que se pensa, mas sim o que se vive, não é possível que se encontre um pensamento naturante que forme a armação do mundo ou o ilumine do começo ao fim, pois dessa maneira não se estaria sendo fiel à experiência do mundo, e “[...] procuraria aquilo que a torna possível em lugar de buscar aquilo que ela é” (1999, p. 14).

Ao contrário da fenomenologia de Husserl, que conforme Cerbone (2013), dispensa pouca ou nenhuma atenção a experiência do corpo, bem como seu papel na experiência de outros objetos, Merleau-Ponty busca descrever nossa experiência perceptual, corporificada. Enquanto para Husserl, as ciências naturais são a consequência da atitude natural que “[...] supõe um mundo objetivo, repleto de uma variedade de entidades materiais e relações causais” (CERBONE, 2013, p. 160), para Merleau-Ponty atitude natural, assim como as ciências naturais, negligenciam as origens dessa concepção do mundo na experiência. Segundo Cerbone, o sujeito da experiência nunca é separado do mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. O filósofo discorda de Husserl quando afirma a impossibilidade de uma redução completa (fenomenologia transcendental), pois “O retorno à experiência perceptual nunca apaga o caráter mundano de nossa existência, nem cinde os ‘fios intencionais’ que nos ligam ao mundo circundante” (CERBONE, 2013, p. 161).

Dessa forma, a fenomenologia de Merleau-Ponty requer uma abertura ao mundo com o cuidado de não falsificá-lo e nem introduzir nele explicações. De acordo com Cerbone, o filósofo alerta para a tendência constante de “[...] usar os resultados da experiência para explicar essa experiência” (2013, p. 161-162), sendo que essa atitude pode determinar a experiência que deve permanecer aberta, sob pena de distorção. O paradigma fenomenológico de Merleau-Ponty me orientou na tentativa de compreensão dos processos educativos estéticos vivenciados através do cinema pelos sujeitos pesquisados.

3.2 CAPSad e os participantes

O contexto de criação dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad) se inscreve como um marco de transformação da realidade dos pacientes com sofrimento psíquico decorrente do uso de álcool e outras substâncias psicoativas. O CAPSad é o principal dispositivo criado para dar suporte ao tratamento de pessoas que fazem uso problemático dessas substâncias.

Segundo Azevedo e Miranda, a Política Nacional para Usuários de Álcool e outras Drogas “[...] preconiza que a assistência deve ser ofertada em todos os níveis de atenção, privilegiando-se os cuidados em dispositivos extra-hospitalares, como o CAPSad, devendo também estar inserida na atuação de uma Rede de Atenção Básica de Saúde” (2010, p. 57). Com estas orientações, o Brasil,

[...] por intermédio do Ministério da Saúde, adotou a política de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, exigindo a busca de novas estratégias de contato e de vínculo com o usuário e sua família, além do reconhecimento de suas características, necessidades e vias de administração de drogas, objetivando o desenho e implantação de múltiplos programas de prevenção, educação, tratamento e promoção de fácil adaptação às diferentes necessidades (AZEVEDO; MIRANDA, 2010, p. 57).

Os autores salientam que, nesse sentido, um dos objetivos do CAPSad é,

[...] estimular a estruturação e fortalecimento de uma rede de assistência e atenção psicossocial centrada na atenção comunitária, associada à rede de serviços de saúde e sociais que enfatize a reabilitação e reinserção social dos usuários, amparada em dispositivos comunitários, integrados ao meio cultural, articulados à rede de saúde mental e aos princípios da Reforma Psiquiátrica (AZEVEDO; MIRANDA, 2010, p. 57).

Pode frequentar o CAPSad qualquer pessoa com problemas decorrentes do uso e/ou abuso de substâncias psicoativas. Ao iniciar o tratamento, a equipe interdisciplinar elabora o plano de tratamento singular do usuário, que consiste em um cronograma de atividades e definição da necessidade de frequência, que pode ser, de acordo com as normas do CAPSad, não-intensiva (uma vez na semana), semi-intensiva (até três vezes na semana) e intensiva (todos os dias). As atividades são realizadas pela equipe que é composta de psicólogas, enfermeira, terapeuta-ocupacional, nutricionista, assistente social, psiquiatra e técnicas de enfermagem. Neste CAPSad em particular existem grupos terapêuticos, atividade no horto da prefeitura, cinema e outros.

Os sujeitos de pesquisa foram aqueles que já participavam de uma atividade de cinema que acontece, semanalmente, na própria instituição, maiores de idade e dispostos a colaborar com o trabalho. No total dos encontros participaram 40 homens, 6 mulheres e duas profissionais da equipe, todos com idade entre 18 e 69 anos. A maioria dos participantes é composta por solteiros, sendo que, um é casado e dois separados. A escolaridade da maioria dos usuários é ensino fundamental incompleto. Alguns possuem ensino médio incompleto, outros completo, e apenas um usuário tem ensino superior. Somente um pesquisado trabalha, é funcionário público. Um participante é aposentado, alguns recebem benefício, mas a maioria está desempregada. Os membros da equipe possuem ensino superior completo. Este serviço atende, atualmente, 2.418 usuários e possui um arquivo morto com a ficha de 951 pessoas. Este trabalho foi realizado em um CAPSad de uma cidade localizada ao norte do Rio Grande do Sul.

3.3 Instrumentos de pesquisa

As ferramentas de coleta de informações foram o diário de campo e a entrevista livre grupal. Utilizei a metodologia de “cine-fórum” (termo utilizado para definir cinema com debate), de M. A. S. Guerra (1998), como estratégia de educação estética, que consiste, resumidamente de apresentação, exibição, e posterior colóquio sobre o filme. De acordo com o autor (1998), a apresentação do filme deve ser breve e adaptada ao público e aos objetivos da atividade. Durante a exibição do filme, Guerra (2008) orienta criar um clima de respeito e sem ruídos durante a sessão. O colóquio, última etapa sugerida pelo autor, foi a nossa entrevista livre grupal.

A lógica de trabalho foi organizar o grupo em forma de círculo e, após as perguntas, deixar fluir a conversa, sobre a qual, eventualmente fazíamos considerações. As perguntas

norteadoras foram: Que significados o filme teve para vocês? e/ou O que o filme diz de vocês? Segundo Bicudo e Espósito, a pesquisa “[...] na abordagem fenomenológica inicia-se com uma interrogação” (1997, p. 26). No início, conforme as autoras, esta interrogação não é clara, trata-se de algo que incomoda o pesquisador, que lhe causa estranheza e ao mesmo tempo lhe é familiar, causando uma tensão que alimenta o processo de investigação. Além da pergunta, eu pedia que falassem mais sobre a questão específica, quando esta se mostrava necessária. Gravei e transcrevi a entrevista livre grupal para posterior compreensão. No entanto, nos primeiros encontros, os participantes não se sentiram à vontade para que a entrevista fosse gravada, deram permissão a partir do quarto encontro.

Solicitei a permissão do grupo que participou do projeto, antes do início da coleta de dados. Respeitei os princípios da ética em pesquisa, e utilizei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A) de todos os participantes da pesquisa. Para garantir proteção e confidencialidade da identidade dos sujeitos da pesquisa, preservando o seu anonimato na divulgação dos resultados do estudo, os participantes foram identificados por duas letras do alfabeto na sequência em que as falas foram sendo identificadas para a compreensão (ex.: AB – participante 1). Várias pessoas participaram de forma silenciosa.

Apresentei o TCLE no primeiro encontro com os pesquisados, o qual se constituiu de objetivos, justificativa e metodologia do estudo. Li e expliquei o TCLE para poder sanar possíveis dúvidas dos participantes. No TCLE constou que os dados da pesquisa serão utilizados em divulgações científicas, em congressos e publicações em periódicos.

Guardarei as gravações e transcrições das entrevistas durante cinco anos, sendo que após este período estes documentos serão incinerados, conforme prevê a Resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

Todos os participantes deste estudo tiveram conhecimento dos riscos e/ou desconfortos que pudessem advir durante as entrevistas. Coube a mim, com a colaboração da professora orientadora, o papel de tomar as medidas possíveis de minimizá-los, garantindo com que seus nomes e as informações coletadas tivessem total sigilo, assegurando sua privacidade, além de possibilitar aos sujeitos todos os esclarecimentos necessários durante a pesquisa e também deixar claro que os mesmos poderiam deixar de participar da pesquisa em qualquer etapa, sem que isto lhes trouxesse qualquer prejuízo.

Realizei os encontros com data agendada e horários de início e término, em sala reservada no CAPSad. Considerei como critério para encerramento da pesquisa qualitativa o fato de que nenhuma pessoa portadora de condição crônica assinasse o TCLE. Adotei os

procedimentos que obedeceram aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3.4 A escolha dos filmes

Compartilhei com os participantes a escolha dos filmes. No primeiro encontro levei sugestões de filmes e orientei para que também trouxessem, no encontro seguinte, nomes de filmes para escolhermos juntos. No segundo encontro, apenas um participante falou que sua irmã havia lido as sugestões e que o filme *Bicho de sete cabeças* era muito bom.

Na medida em que fomos assistindo aos filmes, consegui perceber aqueles que seriam interessantes para serem exibidos nas próximas sessões e aqueles que deveriam ser excluídos do trabalho. Por exemplo, no filme *Diário de um adolescente*, uma participante (com problema com cocaína) manifestou que sentia muita vontade de usar substâncias psicoativas quando via o uso em filmes. Para evitar essa situação descartei os filmes com estas características. O filme *O barato de Grace*, foi visto em duas sessões, porém até a metade na primeira vez, devido à falta de tempo.

Os filmes escolhidos também precisaram atingir dois critérios: 1) histórias (baseadas em fatos reais ou não) onde aparece, no contexto do filme, o uso ou o abuso de substâncias psicoativas. 2) análise do desdobramento do filme, no qual devem acontecer processos de transformação interna pelos quais passam um ou mais sujeitos envolvidos no roteiro. O segundo critério trata de uma sugestão de Fischer (2015).

3.4.1 Lista de filmes selecionados:

3.4.1.1 *O barato de Grace*

Título original: Saving Grace

Direção: Nigel Cole

Gênero: Comédia

Ano: 2000

País de origem: Inglaterra

Duração: 01:34 min.

Sinopse: Grace é uma viúva que está em sérios apuros financeiros. Seu marido se suicidou recentemente e deixou para ela uma série de dívidas que podem fazer com que ela

perca a casa onde sua família vive há mais de 200 anos. Sabendo de suas dificuldades financeiras e também de sua habilidade com a jardinagem, seu empregado Matthew acaba lhe fazendo uma proposta insólita: que ela cuide, numa estufa, de suas mudas de maconha para que eles, juntos, possam revender a plantação a traficantes (COLE, 2000).

3.4.1.2 *Diário de um adolescente*

Título original: The basketball diaries

Direção: Scott Kalvert

Gênero: Drama

Ano: 1995

País de origem: EUA

Duração: 1:42 min.

Sinopse: Baseado na obra homônima e autobiográfica do escritor Jim Carroll em seus tempos de adolescência. O filme mostra como ele passou de uma promessa do basquete ao vício em substâncias psicoativas e marginalidade. Tudo o que ele vive é registrado em um diário (KALVERT, 1995).

3.4.1.3 *Tudo por dinheiro*

Título original: Two for the Money

Direção: D. J. Caruso

Gênero: Drama

Ano: 2005

País de origem: EUA

Duração: 02:03 min.

Sinopse: Durante anos um sonho fez com que Brandon Lang (Matthew McConaughey) se dedicasse ao futebol americano, jogando das ligas infantis até os times universitários. Um problema no joelho fez com que abandonasse temporariamente o esporte, mas ele ainda acreditava que poderia ser convocado para jogar em um dos times profissionais. Brandon enviou cartas para os mais diversos olheiros, mas sempre recebia negativas como resposta. Enquanto isso, para se sustentar, trabalhava em um cubículo, atendendo ligações. Brandon começa a perder a esperança de realizar seu sonho, até que recebe uma carta de Walter Abrams (Al Pacino), responsável pelo maior serviço de esportes dos Estados Unidos.

Walter não quer Brandon jogando, mas acredita que ele possui habilidade para detectar os vencedores das partidas, o que o tornaria um trunfo no ramo das apostas. Walter acredita tanto em Brandon que lhe faz uma proposta irrecusável: que ele escolha o valor do contra-cheque e se mude para Nova York. Brandon aceita a proposta (CARUSO, 2005).

3.4.1.4 *Bicho de sete cabeças*

Título original: Bicho de sete cabeças

Direção: Laís Bodansky

Gênero: Drama

Ano: 2001

País de origem: Brasil

Duração: 01:14 min.

Sinopse: O filme conta a história de Neto (Rodrigo Santoro), um jovem que é internado em um hospital psiquiátrico após seu pai descobrir um cigarro de maconha em seu casaco. Neste hospital, Neto é submetido a situações abusivas. O filme, além de abordar a questão dos abusos cometidos em hospitais psiquiátricos, também aborda a questão das substâncias psicoativas e a relação entre pai e filho (BODANSKY, 2001).

3.4.1.5 *Intocáveis*

Título original: Intouchables

Direção: Eric Toledano e Olivier Nakache

Gênero: Drama

Ano: 2011

País de origem: França

Duração: 01:52 min.

Sinopse: Philippe (François Cluzet) é um aristocrata rico que, após sofrer um grave acidente, fica tetraplégico. Precisando de um assistente, ele decide contratar Driss (Omar Sy), um jovem problemático que não tem a menor experiência em cuidar de pessoas no seu estado. Aos poucos ele aprende a função, apesar dos diversos descuidos que pratica. Philippe, por sua vez, se afeiçoa cada vez mais a Driss por este não tratá-lo com pena. Aos poucos a amizade entre eles se estabelece, com cada um conhecendo melhor o mundo do outro (TOLEDANO; NAKACHE, 2011).

3.5 Descrição dos encontros

No primeiro encontro estavam presentes 21 homens e 2 mulheres. Iniciamos as 10h30 de uma sexta-feira e encerramos as 11h30. Este encontro teve como objetivo entrar em contato com os usuários do CAPSad para informá-los sobre a pesquisa e também para que juntos, pudéssemos organizar os outros encontros: dia da semana, turno, horário e filmes a que iríamos assistir. Um membro da equipe que ficou como nossa referência no CAPSad, nos acompanhou até a sala que fica nos fundos da casa, atravessando um jardim arborizado e com gramado. A sala é onde as pessoas fazem as refeições e também para uso de grupos terapêuticos. Estava bastante quente, o ar condicionado não estava funcionando, naquele horário o sol entrava na sala.

O membro da equipe perguntou se precisava ficar, respondi que não. Apresentei-me e pedi para que os participantes se apresentassem. Em seguida, comecei a falar sobre a pesquisa, convidando-os a participar. Expliquei que já estava há um ano e meio preparando o trabalho e agora era a etapa final. Falei do trabalho que fiz no CAPS II e das observações referentes ao início do tratamento para dependentes químicos no município, das dificuldades e dos preconceitos que, tanto a equipe quanto a sociedade encontram para lidar com esta questão.

Entreguei-lhes um convite para participar do estudo. Pedi para trazerem sugestões de filmes para o próximo encontro para escolhermos juntos e perguntei sobre acesso a Internet, a maioria falou que não tem Internet. Entreguei-lhes uma lista de sugestões de filmes. Comecei a conversar sobre os filmes, era 11h30 e logo veio um membro da equipe perguntar se iríamos demorar porque precisavam servir o almoço. Interrompi a conversa e enquanto as pessoas se levantavam, agradei e comuniquei que viria na próxima semana para continuarmos.

O segundo encontro estava combinado para a próxima sexta-feira de manhã, no entanto, quando liguei para confirmar, o membro da equipe nos falou que teria que ser à tarde. Lá chegando, me dirigi para a sala onde estavam os usuários, a mesma do primeiro encontro. Estavam presentes 6 homens, um número bem menor de pessoas do que o encontro anterior. Perguntei o que havia acontecido, o membro da equipe falou que à tarde ficam poucas pessoas, porque muitos dependem de uma Van que os leva para casa logo depois do almoço. O objetivo deste encontro foi discutirmos quais filmes iríamos ver. Perguntei se eles tinham selecionado algum filme. Um usuário comentou que sua irmã havia olhado, em casa, nossa lista de sugestões, e disse que o filme *Bicho de sete cabeças* era muito bom.

Os usuários pediram para que eu viesse fazer o trabalho na segunda-feira de manhã, porque não tinham nenhuma atividade, disseram que na terça tem academia, na quarta tem grupo com a psicóloga e na quinta tem grupo com a outra psicóloga. Falei que iria conversar sobre isso com a equipe e que iria tentar vir de manhã na próxima semana para poder falar com todos. Despedi-me e fui para a sala de equipe. Perguntei para um membro da equipe se teria alguma manhã que eu pudesse vir para conversar com todos e disse que eles haviam sugerido a manhã de segunda-feira. Responderam que segunda de manhã eles têm o horto e chegam tarde e que em dia de horto é difícil, pois até eles se lavarem quando chegam já está na hora de almoçar. O almoço é servido às 11h30. Falei do problema de passarmos os filmes à tarde, pois ficam poucas pessoas. Falaram da atividade de todas as manhãs, dizendo que de manhã fica difícil e sugeriram que eu aguardasse a coordenadora retornar das férias para combinar dia e horário.

Para o terceiro encontro, combinei com a coordenadora que o filme seria exibido na sexta-feira de manhã às 09h, no entanto, começamos ver o filme quase 10h. Participaram da atividade 3 mulheres e 11 homens, na mesma sala dos dias anteriores. O som da TV era muito baixo e a imagem estava prejudicada por causa da claridade da sala. Neste encontro, não vimos o filme até o final, porque aconteceram contratemplos.

Comecei a atividade falando com eles sobre as combinações de selecionarmos filmes feitas nos outros dois encontros, no entanto, poucos eram os mesmos usuários dos outros dias. Levei dois filmes para eles escolherem: *Diário de um adolescente* com o objetivo de abordar a falta de conhecimento e a solidão dos adolescentes nesta fase da vida em relação a seus problemas e início do uso de substâncias psicoativas e *O barato de Grace* com a intenção de refletir sobre uso e proibição da maconha. Falei que não tivemos horários disponíveis para conversarmos naquelas semanas (havia passado três semanas do segundo encontro) e perguntei se eles pensaram em algum filme para vermos. Um participante falou do *Diário de um adolescente*, ao que respondi que era um dos filmes que havia trazido.

Outro usuário falou dos filmes *Pulp Fiction*, *A gang do crack* e *Bicho de sete cabeças*, comentou que este último retratava bem como a sociedade vê as pessoas que usam drogas. Após esta fala, perguntou qual era o outro filme que eu havia trazido. Falei que era *O barato de Grace*, perguntei se já tinha visto, disseram que não e ficaram com uma expressão de curiosos. Falei resumidamente sobre o filme, os usuários riram e decidiram-se, por unanimidade ver este filme.

Logo que começamos assistir, chegou o café e precisamos fazer uma pausa. Após tomarem o café, uma parte das pessoas foi para outra atividade e retomamos o filme. Mais ou

menos uma hora depois tivemos que interromper o filme e conversamos um pouco sobre ele. Neste dia, dois participantes sentiram-se incomodados com a gravação da entrevista, então fiz apenas anotações das falas. Tive que encerrar antes das 11h, porque os participantes iriam fazer pão com linguiça. Combinei com eles de continuar assistindo esse filme no próximo encontro.

Do terceiro ao oitavo encontro, realizei entrevista livre grupal, que iniciou, após assistirmos ao filme, com as seguintes perguntas norteadoras: O que o filme significou para vocês? O que o filme diz de vocês? Na medida em que conversávamos, muitas vezes, foi necessário lembrar aos participantes o objetivo da conversa, então fazia as perguntas novamente.

O quarto encontro foi na sexta-feira de manhã. Iniciamos às 09h e terminamos às 11h30. Estavam presentes 7 homens e 4 mulheres. Ficamos na sala de refeições. Uma das profissionais da equipe quis participar da atividade e ficou até o final da entrevista livre. Os participantes que estavam na semana anterior queriam continuar assistindo ao filme *O barato de Grace*, no entanto, como havia novos usuários, induzi a assistirem ao filme *Diário de um adolescente*, pois meu objetivo foi exibir, neste encontro, um filme que abordasse outro tipo de substância psicoativa que não a maconha. O filme da semana anterior tinha sido uma comédia, queria para este dia um drama, justamente para contrastar as emoções.

Continuávamos com problemas de imagem e som, mesmo assim, estávamos atentos. Uma das participantes manifestou desconforto com o filme, por causa das cenas de uso de drogas (heroína e cocaína). Para o próximo encontro, portanto, já sabia que deveria evitar este tipo de cena. Comentei de exibir um filme sobre vício em jogo, alguns dos pesquisados comentaram sobre este problema e acharam relevante. Neste dia, também fiz anotações, pois alguns usuários não quiseram gravar a entrevista.

No quinto encontro, sexta-feira, comecei a exibir o filme às 09h, na mesma sala dos dias anteriores. Ficaram na atividade 7 homens e 3 mulheres. Levei uma caixa de som, a imagem continuou ruim devido a claridade. Neste dia não participaram membros da equipe. Logo que cheguei, os participantes começaram a perguntar sobre qual seria o filme. Falei o nome do filme, *Tudo por dinheiro*, cujo tema é vício em jogo. Um dos usuários falou que seu irmão foi assassinado na mesa de jogo. Outro participante comentou que um parente seu ganhou no jogo e foi assassinado pelo perdedor.

Meu objetivo em exibir este filme foi trazer uma história de dependência que não fosse em substâncias psicoativas, embora um dos personagens fosse, também, viciado em cigarro.

Assistimos ao filme e após começamos a conversar. Os participantes permitiram que eu gravasse a entrevista.

No final da entrevista comecei a fazer combinações para o próximo encontro, falei que estava pensando em trazer o filme *A corrente do bem*. Fiz um breve comentário sobre o filme e eles acharam interessante. Um dos usuários falou que já havia locado este filme e perguntou se não era do tempo do VHS. Disse que era bem provável, pois o filme talvez fosse de uns 20 anos atrás. Nesse momento, chegou uma servidora pedindo para arrumar as mesas, pois já era quase meio-dia.

No sexto encontro levei o filme *A corrente do bem*, no entanto, não tinha opção dublado, e os participantes não gostam legendado. Eles pediram para acabar de assistir *O barato de Grace*. Fui até a locadora buscar o DVD. Neste dia, nos acompanhou nas atividades outro membro da equipe. Esta profissional permaneceu conosco até o último encontro. Estavam presentes 11 homens e 2 mulheres. Este encontro aconteceu na sexta-feira, começou às 09h e terminou às 11h30, na mesma sala dos dias anteriores.

Quando começamos assistir ao filme, um dos participantes (que já tinha assistido esta parte do filme no terceiro encontro) levantou-se, e foi buscar panos para escurecer a sala. Voltou com vários panos e outros usuários foram ajudá-lo a pendurar. Uma pessoa que estava do outro lado da sala pediu os panos que haviam sobrado, porém quando subiu na cadeira para pendurar na janela, teve um ataque epilético e caiu por cima de alguns participantes. Ninguém se machucou. Os vigias vieram e a levaram dali. Todos voltaram aos seus lugares e continuamos assistindo ao filme.

Foi importante terminarmos de ver o filme, pois o final é surpreendente e desconstrói todo aquele sonho de Grace e seu jardineiro, do início do filme, de ganhar dinheiro traficando maconha, expõe os perigos desta prática e também questiona a criminalização da maconha. O objetivo em acabar de assistir este filme foi para investigar melhor o pensamento dos participantes a respeito do uso da maconha. Além destas questões, o filme também mostra o uso recreativo e a comercialização da maconha, o que gerou polêmica na hora da entrevista. Gravei a entrevista do início ao fim sem oposição dos participantes.

O sétimo encontro ocorreu na segunda-feira de tarde, das 13h30 às 16h, na sala de recepção. Estavam presentes 6 homens, uma mulher e uma profissional da equipe. Para mudarmos a sala precisamos mudar também o turno, pois à tarde ficam poucas pessoas no CAPSad e podemos utilizar a sala da frente da casa. O lugar ficou adequado, pois tinha pouca iluminação. Quando cheguei o equipamento (telão, notebook, datashow) já estava organizado, só precisei levar caixa de som.

Assistimos ao filme *Bicho de sete cabeças*. Este filme havia sido comentado anteriormente por vários participantes. Meu objetivo com este filme foi tentar entender as dinâmicas das famílias de pessoas que usam substâncias psicoativas e também o modo como era visto o tratamento para dependência química antes dos CAPSad, que são os serviços substitutivos dos hospitais psiquiátricos. A entrevista foi gravada com a permissão dos participantes.

No final da entrevista um dos usuários comentou que o trabalho foi bem produtivo e que esperava que tivesse sido produtivo para fazer meu Phd, doutorado. Ri e falei que era um mestrado. Todos riram. O participante continuou parabenizando meu interesse e seriedade e agradeceu. Eu disse que o trabalho não havia terminado, que na próxima semana teríamos mais um filme e perguntei se eles se dispunham a ficar, novamente, à tarde. Concordaram.

Para o oitavo e último encontro os participantes pediram que escolhêssemos um filme que não lhes trouxesse lembranças ruins, pois o filme *Bicho de sete cabeças* os tocou profundamente, devido à identificação com o personagem Neto (interpretado por Rodrigo Santoro). Fiquei responsável, portanto, pela escolha do filme. Estávamos novamente na sala de recepção numa segunda-feira à tarde, com todo o equipamento já montado e funcionando perfeitamente. Iniciamos às 13h e concluímos às 15h30. Ficaram para a atividade 7 homens, 2 mulheres e uma profissional da equipe.

Escolhi o filme *Intocáveis* por tratar de uma história baseada em fatos reais e também, mostrar um processo profundo de transformação de duas pessoas muito diferentes, quando as mesmas resolvem entregar-se para uma relação de mútua ajuda, embora a princípio fosse apenas uma relação profissional. Aparecem cenas de uso de maconha com fins recreativos, atendendo um dos critérios para a escolha dos filmes. Objetivei com este filme mostrar pessoas que conseguem desligar-se de seus passados, alterando completamente suas trajetórias. Justamente este aspecto foi o que mais chamou a atenção dos pesquisados. Este filme foi muito importante para o encerramento, pois trouxe um alento de vida diante de circunstâncias extremas. Despedi-me com um abraço.

3.6 Compreensão das informações

A compreensão das informações foi feita a partir do método fenomenológico, que conforme Ormezzano e Torres (2002) consta de quatro passos, propostos por Giorgi e um quinto passo proposto por Comiotto. A seguir, cada um dos passos será descrito:

Primeiro Passo: O sentido do todo: Nesta etapa, segundo Ormezzano e Torres (2002) a linguagem tem importância capital, devendo o pesquisador captar da entrevista oral, gravada e posteriormente transcrita, algumas vivências do entrevistado. Este passo não é nada mais do que a leitura dos textos das entrevistas dadas, com o fim de impregnar-se do conteúdo das mesmas, desenvolvendo certa habilidade para compreender a linguagem dos entrevistados. Conforme a extensão do texto, realizei uma simples leitura ou retornei ao mesmo múltiplas vezes até alcançar a compreensão do todo.

Segundo Passo: As unidades de significado: As autoras esclarecem que, depois da visão do todo através da descrição do fenômeno, parte-se para a redução fenomenológica. Nesta etapa a percepção exerce um importante papel. As unidades emergem como consequência da análise e são espontaneamente percebidas durante a releitura das entrevistas. Cada unidade é numerada em ordem crescente junto ao número de cada entrevista.

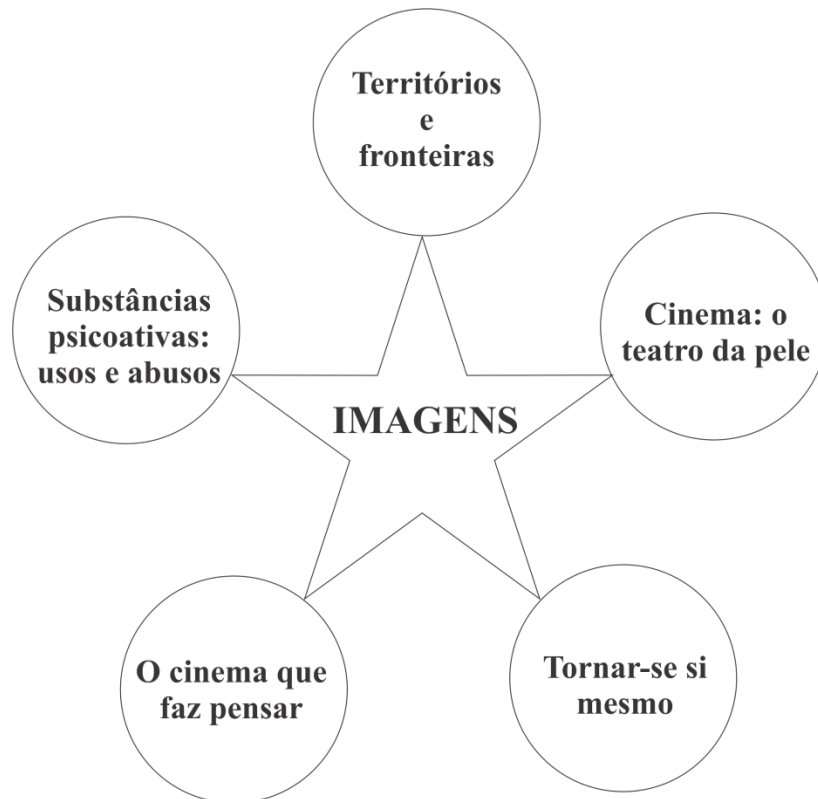
Terceiro Passo: Transformação das unidades significativas em linguagem psicoeducativa: É necessário se estar abertos e sensíveis ao que está sendo mostrado pelos entrevistados, orientam Ormezzano e Torres (2002). São seus mundos vividos e é preciso mergulhar neles até atingir a sua essência. Quando capta-se verdadeiramente a mensagem do outro, interpreta-se e expressa-se o fenômeno explicitado pelo sujeito através de uma linguagem psicoeducativa.

Quarto Passo: Síntese das estruturas de significado: Nesta síntese, conforme as autoras, procura-se intuir as essências que aparecem na fala dos entrevistados. Considerando a síntese como a criação de algo novo, na qual fusionam-se as percepções dos mesmos e do pesquisador, dando ao texto um conteúdo diferente e pretendendo achar os aspectos realmente significativos dentro de uma visão totalizadora.

Quinto Passo: Dimensões fenomenológicas: Esta última etapa, esclarecem as autoras, visa encontrar as dimensões mais significativas do fenômeno, que vão aflorando ao longo do trabalho e que compõe as essências. Comiotto afirma que “[...] estes aspectos essenciais ‘emergem a partir de uma redução da própria redução’, abstraindo tudo o que faz parte do fenômeno até chegar à sua essência” (1992, p. 20 apud ORMEZZANO; TORRES, 2002, p. 17). As autoras sustentam que as dimensões vêm da intuição e não da fragmentação do fenômeno, colaborando desta forma a impregnar-se do todo. É um momento de síntese entre subjetividade e mundo, visando estruturar os significados dados à vivência através da linguagem. Merleau-Ponty (1983) aponta que, a partir da consciência que somos e da experiência pessoal, a linguagem tem significado para nós.

Os processos metodológicos produziram cinco essências, as quais nomeei imagens. Para cada imagem visualizei três dimensões e as nomeei impressões. A seguir apresento um gráfico com a representação das imagens, e no início do quinto capítulo estão descritas suas respectivas impressões.

Figura 1 – Gráfico da representação das imagens



Fonte: Elaborado pela autora

4 IMAGENS E IMPRESSÕES

Ao começar a escrever sobre as essências intuídas e suas dimensões, me senti numa teia, com dificuldade de tratar especificamente de cada título e subtítulo. Os temas estavam de tal forma interligados que, muitas vezes, percebi que o que eu estava dizendo de uma essência poderia ser, na verdade, de outra. Assim, as essências anteriormente extraídas se transformaram em imagens e suas dimensões transmutaram em impressões. Imagens são fugidias, dependem da iluminação, do ângulo do qual as olhamos, de nossas emoções, do ambiente em que são vistas, se as vemos sozinhos ou em grupo. Imagens não detêm um significado, o verdadeiro, pois vistas pela manhã ou pela tarde, já terão outras nuances, as impressões, que são as marcas das imagens, suas sensações, bem como os sentimentos que as acompanham. O sentimento é líquido, escorregadio, inconstante. Esta reflexão acerca de imagens e impressões ajudou-me a entender meus sentimentos e pensamentos cambiantes conforme fui avançando na pesquisa de campo e depois na compreensão e interpretação das informações.

O registro no diário de campo e a transcrição das entrevistas adquiriram cores e tons conforme misturavam-se aos sons das vozes, às lembranças das imagens do momento em que aconteceram e às minhas memórias sensíveis, transformando-se em matéria prima para as palavras que procuraram traduzir aquela profusão de percepções. Palavras minhas, da Professora Graciela, dos participantes, dos personagens dos filmes e suas trilhas sonoras e dos autores que me acompanharam, não apenas nestes dois anos, mas parceiros de uma vida. Cada uma das cinco imagens descritas na Figura 1, anteriormente apresentada, constituiu-se de três impressões descritas a seguir:

Territórios e fronteiras

- O CAPSad é um território
- Estigma, preconceito e resiliência
- Fronteiras entre ficção e realidade

Cinema: o teatro da pele

- Divertimento, humor e autodistanciamento
- Encanto e percepção do belo
- O Diabo como aliado: prazer e dor

Tornar-se si mesmo

- O olhar do outro
- O espectador como criador
- Liberdade e destino

O cinema que faz pensar

- Filmes que fazem pensar
- O cinema como prática cultural
- Cinema e educação

Substâncias psicoativas: usos e abusos

- Legalização, redução de danos e uso medicinal
- Drogas leves e pesadas
- Sensibilidade e anestesia

Construí uma narrativa em busca de compreensão destas imagens e impressões, sem a intenção de concluí-las ou esgotá-las, pois me entendo como um sujeito que possui o compromisso epistemológico de abertura ao mundo e dessa forma me reconheço parcial na atribuição de significados aos fenômenos.

4.1 Territórios e fronteiras

Mesmo em um CAPSad, onde poderia se pensar que só existam pessoas com problemas graves devido a dependência de substâncias psicoativas e que, portanto, deveriam estar em abstinência e afastados completamente daquelas substâncias, verifiquei que esta não é uma realidade, e que também está longe de ser a mais desejada, tanto pelos usuários do serviço, quanto pelos servidores do CAPSad. O filme *Bicho de sete cabeças* (2001), desencadeou muitas falas e considerações feitas pelos sujeitos, ou como bem colocou um dos participantes, “as duas equipes, a que trata e a que recebe tratamento” (AB), pois nos CAPSad, serviços substitutivos à antiga lógica de internação em hospitais psiquiátricos de pacientes com transtornos decorrentes do uso e abuso de substâncias psicoativas, é importante que se dissolva ao máximo as fronteiras de quem trata e quem é tratado, com o respeito a este último grupo, através do acolhimento de sua fala e de seu desejo e, dessa forma, tornar as relações consensualizadas e não mais impostas pelos “detentores do saber.” Na fala do

participante, portanto, percebi que, ao se colocar como fazendo parte de uma equipe, colocou-se numa relação horizontal de poder. O momento da fala deste usuário surgiu no *continuum* do fenômeno e surge nesta escrita como significante propulsor desta essência, porque o CAPSad é um território dentro de um processo maior de conquistas históricas de direitos de pessoas que sofrem preconceitos por ter a marca, o estigma do criminoso; condenado, desta forma, a viver na marginalidade. Porém, a vida que foi determinada por muitas variáveis, poderá ficar aberta a outras que venham a surgir da imprevisibilidade dos acontecimentos e que a estes, as pessoas consigam responder com resiliência.

O cinema, misto de ficção e realidade também é um território que com suas fronteiras virtuais, acaba por eliminar a resistência e pode, assim, penetrar com mais facilidade nos ambientes e facilitar o acesso a outras formas que atribuam outros sentidos às nossas vivências advindas de nossas relações com o mundo. Fresquet fala da crença de Cezar Migliorin no cinema “[...] e na sua possibilidade de intensificar as invenções de mundos, ou seja, da possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida e as formas de ocupar os espaços e habitar o tempo” (2013, p. 25).

As impressões que constituem esta imagem são, portanto: O CAPSad é um território; Estigma, preconceito e resiliência; Fronteiras entre ficção e realidade.

4.1.1 O CAPSad é um território

O CAPSad é um lugar, um território onde as fronteiras são mais livres, podemos transitar, improvisar as atividades em diferentes espaços, pois não estão determinados, podem ser mudados de uma hora para outra, conforme a necessidade dos que ali os ocupam. A sala de café pode virar espaço de cinema, assim como a sala de recepção também pode se transformar em cinema.

Percebi, no filme *Bicho de sete cabeças* (2001) que, em oposição aos antigos hospitais psiquiátricos, no CAPSad as relações são horizontais e negociadas. No primeiro encontro os sujeitos já foram bastante participativos, e nos encontros decorrentes, fizeram escolhas de filmes e sugeriram dias e horários mais apropriados para a sessão de cinema. No entanto, mudamos de local e horário devido às condições inadequadas da sala de café, onde o sol entrava profusamente e não havia cortinas para contê-lo. Os usuários, nos últimos encontros, concordaram em ficar na segunda-feira à tarde e ocupamos a sala de recepção. Nestas últimas sessões, conseguimos ter qualidade de luz e som.

Este serviço, no entanto, não pode estar localizado em determinados lugares da cidade. Um membro da equipe do CAPSad falou que estão procurando outra casa para alugar, mas que está muito difícil porque tem que ser num lugar central e quando encontram a casa apropriada, os proprietários não querem alugar por causa do tipo de serviço oferecido.

Constatei, também, esta dificuldade no primeiro encontro, quando comentei que meu interesse neste tema foi em decorrência de minhas observações durante meu trabalho num CAPS II no início do tratamento para dependentes químicos naquele serviço, dos preconceitos e das dificuldades que tanto a equipe quanto a sociedade encontram para lidar com esta questão. Neste momento, um dos usuários falou do preconceito que sofrem e comentou que a sede do CAPSad era para ser em outra casa, mas que os moradores do local não aceitaram o serviço naquela região. O local a que se referiram fica no centro do município, numa rua residencial de classe média alta, onde tem uma escola particular de educação básica.

Contudo, o próprio fato dos usuários estarem sendo tratados no seu território, sua cidade, com o direito de ir e vir, já significa respeito aos seus direitos de escolherem ou não o tratamento para seu problema. Quanto a isso, a consideração feita por um membro da equipe do CAPSad sobre Neto (interpretado por Rodrigo Santoro), protagonista do filme baseado em fatos reais, *Bicho de sete cabeças* (2001), é relevante:

Não consegui trabalhar e desenvolveu um círculo vicioso, internava e depois passou por várias clínicas e entrou num sofrimento, porque talvez se a família tivesse procurado outro tipo de tratamento que na época talvez não existia, hoje ele estaria uma pessoa bem, trabalhando. O filme também mostra o quanto a gente evoluiu no tratamento. Nessa época não existiam os CAPS (Membro da Equipe do CAPSad, 2016).

O próprio Austregésilo Carrano Bueno, nome real do personagem principal do filme *Bicho de sete cabeças* (2001), responde para a pessoa da equipe em seu livro *Canto dos malditos*: “Se, na minha época, existissem os ‘trabalhos substitutivos’ creio que eu nem teria sido internado” (2001, p. 194).

As relações no cotidiano do CAPSad estão longe de serem “harmoniosas”, se considerarmos este termo como tendo uma única forma perfeita. Pelo contrário, as relações são tensas, mas permitem o conflito, admitindo muitas harmonias e dissonâncias entre “as equipes”, quem trata e quem é tratado, e destas entre si, pois a reforma psiquiátrica e a obrigatoriedade dos serviços substitutivos não garantiu de antemão a reforma do pensamento da equipe de profissionais e da equipe de usuários do serviço. Será possível ver na próxima

impressão que existem diferentes formas de pensar a respeito do tema em todas as instâncias, desde os cuidadores até os beneficiários dos cuidados.

4.1.2 Estigma, preconceito e resiliência

Os participantes trouxeram muitas falas, nas quais perceberam o preconceito das pessoas. AB disse que as pessoas pensam que drogas são para os pobres e para a marginalidade. No entanto HI disse que o filme *O barato de Grace* (2000): “Mostrou também que qualquer classe social usa maconha, desde o mais rico ao mais pobre.”

Neste filme, o policial, o médico, o jardineiro, e muitos outros personagens, fumam maconha. O conceito de estigma pode ajudar a esclarecer o sentimento que percebi em AB. É difícil com apenas uma ou duas citações entender a complexidade deste conceito que Goffman procura desvelar. O autor esclarece que os gregos “[...] criaram o termo *stigma* para se referirem a sinais corporais com os quais procuravam evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (1975, p. 11 grifo do autor). Conforme o autor, estes sinais eram feitos no corpo para identificar pessoas que deveriam ser evitadas, principalmente em lugares públicos, tais como escravos ou criminosos. Atualmente, afirma Goffman “[...] o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que a sua evidência corporal” (1975, p. 11).

Goffman menciona três tipos de estigmas diferentes. No entanto, interessa para este estudo o estigma provocado por “[...] culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, [...]” (1975, p. 14). AB comenta que a equipe do CAPSad melhorou seu pensamento devido ao trabalho de um membro da equipe.

[...] melhorou até com os funcionários, assim o modo deles pensar tem ajudado com o negócio de não ver o cara como um sem-vergonha, mas ver o cara como um cara doente, que nem tão dizendo agora que tá evoluído, porque eles tinham um pensamento muito errado do cara, Ah, esse maconheiro, esse bêbado, ela conseguiu fazer eles ficar um pouquinho mais perto, um pouquinho mais realista como é a real (AB, 2016).

Na conversa sobre o filme *Bicho de sete cabeças* (2001), AB falou que o que aconteceu com o protagonista do filme, aconteceu com ele. “Os pais dos amigos ficam

dizendo que ele é drogado e não querem que ficam andando com ele.” Esta fala foi feita referindo-se ao momento em que Neto volta para casa depois da internação, vai na casa de um amigo e os pais deste amigo pedem para mandá-lo embora, que não o querem dentro de sua casa. Goffman esclarece que uma passagem por um hospital para doentes mentais instaura um estigma no sujeito e “[...] conserva sobre ele uma influência desacreditadora” (1975, p. 105).

O preconceito em relação às drogas ilícitas aparece entre os usuários em tratamento na fala de LM. No primeiro encontro, falávamos que geralmente as pessoas acham que usar drogas é uma escolha, que não deveriam nunca ter provado porque sabiam dos riscos. LM falou, então, que “Quem usa drogas sabe dos riscos que está correndo.” Perguntei se ela sabia dos riscos e LM respondeu: “Meu problema não é a droga, é o álcool.” O preconceito existe entre os usuários dos diferentes tipos de substâncias psicoativas. Bueno (2001) descreve em seu livro o tratamento diferenciado que era dispensado, nos manicômios, aos alcoolistas. “Fim de tarde... bom apenas para coçar, curtindo o peso do martírio de não fazer nada. A ociosidade era tediosa. Alguns jogavam baralho, grupo fechado, até o enfermeiro-maconheiro participou. Eram alcoólatras, grupo fechado, elite do hospício” (2001, p. 75).

Opondo-se ao termo estigma, Goffman categoriza os “normais”. “Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de *normais*” (1975, p. 14 grifo do autor). A palavra “normal” é utilizada pelos entrevistados para se referir ao retorno a um estado desejado de vida, como trabalhar, se sustentar, ter uma família. Um membro da equipe usa o exemplo do filme *O barato de Grace* (2000) para dizer que: “No filme, todo mundo que usava tinha uma vida...” HI completa a frase da psicóloga: “Normal, assim, trabalhava...”

Contudo, apesar do estigma e preconceito, é importante lembrar que os usuários de um CAPSad estão em tratamento por assim o desejarem. Nesse caso, podemos falar de resiliência? Conforme Cyrulnik

Só se pode falar de resiliência quando ocorreu um traumatismo seguido da retomada de algum tipo de desenvolvimento, a reparação de uma ruptura. Não se trata do desenvolvimento normal, na medida em que o traumatismo inscrito na memória passa a fazer parte da história do sujeito como um fantasma que o acompanha. A pessoa ferida na alma poderá retomar um desenvolvimento a partir de então desviado pela violação de sua personalidade anterior (2005, p. 7).

Algumas falas dos pesquisados podem denotar crenças e esperanças, bem como a vontade de retorno a vida “normal.” JK disse que não estava no encontro anterior porque foi

procurar emprego. AB comparou o vício em jogo do personagem do filme *Tudo por dinheiro* (2005) com o vício da cocaína,

Tu vê, o cara não dormia e não comia. É a mesma coisa que cheirar cocaína o dia inteiro, não conseguir se livrar que nem nós. O cara vem aí tentar parar com as drogas aí com qualquer último recurso de ajuda que tem aí, tem que tentar outras coisas, tem que ir atrás, não dá prá desanimar também, né? (AB, 2016).

NO falou que é importante colaborar com a pesquisadora, pois pode aprender algum comportamento para com o chefe para depois procurar emprego. HI disse durante a conversa sobre o filme *O barato de Grace* (2000) que sempre fumou maconha e sempre trabalhou.

AB citou o papel de um membro da equipe do CAPSad como uma referência na melhoria do tratamento, principalmente, na desconstrução de preconceitos da equipe de servidores. Cyrulnik (2005) afirma a importância fundamental de pessoas de referência no processo de recuperação, o autor insiste que a presença do outro é vital para a ressignificação dos traumas. AB agradeceu a Deus e disse que a pessoa nunca pode desanimar, referindo-se aos serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos como vistos no filme *Bicho de sete cabeças* (2001).

No entanto, as drogas são fator de traumatismo? Carl Hart, um neurocientista estadunidense, desafia nossa visão sobre as drogas através de estudos científicos e de sua própria experiência de vida. Em seu livro *Um preço muito alto* (2014), o autor afirma que, fatores como isolamento, carência de apoio familiar ou social e a situação sócio-econômica na qual os pais não têm tempo para seus filhos, expõe as crianças e jovens a situações de vulnerabilidade à dependência química, como vimos no filme *O diário de um adolescente* (1995).

Neste filme, fica claro que o protagonista, Jim, não possui uma rede social de apoio em nenhum grupo aos quais está vinculado, família, escola e amigos. No contexto do filme, Jim, adolescente de bairro de classe pobre, gosta muito de jogar basquete, único vínculo positivo que mantém com a escola. Porém, o treinador do time, pessoa antiética, explora sexualmente os meninos. Na sala de aula os professores (des)educam utilizando-se da violência física e verbal. Podemos perceber que a mãe gosta de Jim, porém está numa situação tão vulnerável quanto ele, cria o filho sozinha e não tem condições intelectuais e emocionais para lidar com a complexidade da vida. Acompanhamos, portanto, a sensação de vertigem e a queda livre de Jim nas vicissitudes das experiências da adolescência sem amparo, abandonada a própria sorte, ilustrada na fala de PQ “O estado lamentável que a pessoa chega.”

Situação similar e ao mesmo tempo completamente diferente pode ser encontrada no relato de Hart (2014), que foi um adolescente de bairro de classe pobre, com o esporte como principal vínculo com a escola. Embora seu contato com vários tipos de drogas, não tornou-se dependente químico, devido, segundo ele, a sua ampla rede de apoio e proteção da família extensa e de seus amigos. Dessa forma, Hart afirma que o problema não é a dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e recompensa causada pela substância psicoativa o fator que determina se a pessoa vai ou não tornar-se dependente destas substâncias, mas sim, o apoio social. Conforme Hart “Os pesquisadores que estudam a resistência ao estresse constatam reiteradamente que o apoio social é um dos maiores fatores de proteção” (2014, p. 94). Fatores sociais do uso de substâncias psicoativas também mudam com a idade, afirma Hart. “Por exemplo, ter filhos e se casar estão associados à redução do uso de drogas” (2014, p. 95). A fala de AB sobre o filme *O barato de Grace*, confirma a colocação de Hart, senão na realidade, pelo menos no desejo de AB.

Prá quem já fez um crime ali, matar não custa nada, vai dá no mesmo, um a mais, um a menos, o cara não ta nem aí, daí mostrou ao mesmo tempo um usuário, duma família, duma pessoa, da responsabilidade de um marido que não sabia que a mulher tava grávida e se envolveu com isso aí (referindo-se a venda de maconha). Se tu souber que vai ter uma família, tu logicamente não vai se envolver (AB, 2016).

AB estava se referindo ao personagem jardineiro que fumava e vendia maconha junto com Grace e quando soube que sua mulher estava grávida mudou de perspectiva.

Quanto a Jim Carrol, poeta, músico e escritor, acaba encontrando apoio num homem que, as vezes, dividia com ele a quadra de basquete do bairro. Este amigo ofereceu-lhe ajuda, pois havia passado pelo mesmo problema. O filme *Diário de um adolescente* (1995), é baseado no livro que Jim escreveu contando sua história (interpretada por Leonardo DiCaprio). No final do filme, Jim está numa palestra para adolescentes numa escola, falando de seu livro, e ao que parece, bem de saúde. Estas e outras histórias me fazem concordar com Frankl (2008), psicólogo judeu austríaco que viveu por três anos num campo de concentração nazista, quando faz uma crítica ao que ele chama de pandeterminismo, visão de ser humano “[...] que descarta sua capacidade de tomar uma posição frente a condicionantes, quaisquer que sejam” (2008, p. 152-153). O psicólogo sustenta que podemos predizer o futuro das pessoas somente “[...] dentro de um quadro muito amplo de um levantamento estatístico relativo a um grupo inteiro; a personalidade individual, entretanto, permanece essencialmente imprevisível” (2008, p. 153). As previsões, segundo Frankl, precisam captar as condições biológicas, psicológicas ou sociológicas e, mesmo assim, “[...] uma das principais

características da existência humana está na capacidade de se elevar acima dessas condições, de crescer para além delas” (2008, p. 153).

Carl Hart também desconstrói a visão fatalista sobre substâncias psicoativas e afirma que “Em matéria de drogas, a maioria das pessoas tem convicções que não se apóiam na realidade” (2014, p. 114). O autor insiste em dizer que as crenças de quem faz uso problemático de drogas, assim como também, da maioria dos profissionais que tratam do problema, prejudicam o tratamento das pessoas e da criação de políticas públicas adequadas para lidar com a questão.

4.1.3 Fronteiras entre ficção e realidade

Esta impressão surgiu de várias situações, nas quais minha percepção era de que os participantes ultrapassavam as fronteiras entre ficção e realidade, discutindo e argumentando sobre a possibilidade de determinadas cenas ocorrerem na vida real. Eles falaram de vários filmes como se fossem “bem como acontece na realidade.”

Sabemos que os filmes criam um efeito de realidade que supera em muito o de qualquer outra forma de arte; a imagem em movimento produz o que se convencionou chamar de *impressão de realidade*, base do grande sucesso do cinema. Essa impressão de realidade encontra do lado de cá da tela, uma pessoa que também está buscando a ficção e é por essa razão que ela vai ao cinema. Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidade de sair um pouco do mundo do real para aprender a lidar com ele. Além disso, a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência (DUARTE, 2009, p. 58 grifo do autor).

Nesse sentido, já no primeiro encontro, quando conversávamos sobre filmes, AB perguntou se eu já tinha assistido *Pulp Fiction* de Quentin Tarantino e *Tropa de Elite 2* de José Padilha, falando em seguida que morou no Rio e que teve experiências muito fortes quando lá esteve. Compreendi que AB relacionou os filmes com as experiências fortes que teve no Rio, pois os dois filmes que citou são violentos e o segundo foi gravado no Rio de Janeiro. Falou, também, do filme *New Jack city – a gang do Crack* e disse que as coisas na realidade se passam bem daquele jeito.

No terceiro encontro AB falou que o filme *Bicho de sete cabeças* (2001) retrata bem como a sociedade vê as pessoas que usam drogas. RS perguntou se eu conhecia o filme *Segurando as pontas*, falou que é uma comédia, mas que tem tudo a ver com as coisas como são. RS comentou, também, sobre o filme *Diário de um adolescente* (1995), disse que o que

acontece com o protagonista, a forma como as pessoas começam a usar drogas, enfim, o desenrolar do filme é muito real. Este usuário, provavelmente, relacionou a forma como o protagonista começou a usar drogas com sua própria experiência de vida.

No filme *O barato de Grace* (2000), surgiu um diálogo que demonstrou como são tênues as fronteiras entre ficção e realidade. Este filme é uma comédia que se passa numa cidadezinha do interior da Inglaterra, onde uma dona de casa com idade em torno de 55 anos, fica viúva e herda uma imensa dívida financeira do marido. O jardineiro de Grace (a viúva) fuma e cultiva maconha para uso próprio. Na cidade, várias pessoas fumam maconha, o médico, o policial, o dono do bar, e outros.

Grace (protagonizada por Brenda Blethyn) é uma exímia jardineira e um dia seu jardineiro pede para que olhe uma planta que está morrendo e no desenrolar dos acontecimentos os dois começam a produzir maconha para levantar dinheiro para pagar a dívida de Grace e para um “pé-de-meia” do jardineiro. Quando Grace vai a Londres para encontrar um comprador para seu produto de ótima qualidade, acaba envolvendo-se com um grande traficante francês e casa-se com ele. O casamento acontece no final do filme e Grace acaba ganhando muito dinheiro, mas não com maconha e sim com seu livro, que supostamente é uma ficção, mas que se trata da narrativa de sua própria aventura com o comércio ilegal de maconha. A maconha produzida, por sua vez, acaba sendo queimada por Grace para evitar uma tragédia maior, ou seja, não chega a ser comercializada.

Em relação ao casamento de Grace com o traficante, um membro da equipe comentou: “Quantos, por exemplo, conseguem casar com um traficante ou uma traficante, mas a maioria são homens, então, isso é bem de filme, né?” AB respondeu: “Isso é da vida real mesmo, traficante ganha muito dinheiro.” Membro da equipe: “Mas assim oh, quantos de vocês que vão lá e conseguem casar com a traficante, assim, que nem ela, ela acabou com o traficante (risos), é coisa de filme.” AB falou: “Um amigo meu foi pro Paraguai e casou com a filha do patrão lá.” Membro da equipe: “Sim, um ali e quantos outros que tã na rua.” AB continuou a fala do membro da equipe: “Na cadeia, morreram, tã se tratando.” TU disse baixinho para o membro da equipe: “Eu era amante do traficante.” O membro da equipe concordou: “É, então, acontece, oh!”

Entendi que o membro da equipe, preocupado com a forma como a questão do uso de maconha foi tratada no filme, procurou alguma identificação com a realidade para trazer algum tipo de mensagem sobre o filme, entretanto, as cenas do filme, mesmo as mais inusitadas, encontraram eco nas vivências dos participantes. Pude compreender também, a preocupação do membro da equipe, já que o filme trata da questão do uso de maconha de uma

forma muito divertida, sendo que os participantes riram muito. Dessa forma, as emoções despertadas pelo filme podem ter sido motivo de dúvida quanto ao entendimento dos usuários em relação ao uso da maconha e receio de que o mesmo pudesse ser estimulado.

Para nos ajudar a compreender este fenômeno, trago algumas considerações de Franco, sobre cinema e educação na hipótese-cinema de Alain Bergala, cineasta, escritor, roteirista e crítico de cinema. Conforme Franco (2011), Bergala traz uma questão fundamental, que é a forma como tratamos cinema e educação, pois temos uma cultura de uso da mídia áudio-visual vinculada às disciplinas, ou seja, usamos os filmes como uma ferramenta para ilustrar algum conteúdo do currículo. A autora (2011) busca, entretanto, numa realidade contemporânea, resintonizar essas relações entre cinema e educação. Para isso utiliza o termo instrução como educação escolar (sem nenhum demérito, conforme a autora), para diferenciar os momentos de uso do cinema como método da lógica disciplinar e o termo educação para se referir “[...] a transformações mais abrangentes de visão de mundo / comportamento, surgidas de situações mais aleatórias e mesmo emocionantes” (2011, p. 27). Cabe esclarecer que o estudo da autora foi feito nas escolas, no entanto, entendo que os espaços educativos não-formais acompanham a mesma lógica.

É importante lembrar, que neste trabalho, meu foco são os processos educativos estéticos vivenciados através do cinema. Portanto, de acordo com Franco, Bergala esclarece que a utilização do cinema apenas como instrução, reduz o alcance “[...] simbólico da arte e sua potência de revelação, no sentido fotográfico do termo. A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem. A arte é, por definição, um elemento perturbador dentro da instituição” (2008, p. 29-30).

Os filmes mobilizaram nossas emoções, e Franco orienta que, na elaboração dessas emoções, não se pode, “[...] pretender ‘limpar’ suas influências, pois perderemos qualquer autoridade se atuarmos, *a priori*, como juízes condenatórios dos mais queridos e desveladores sentimentos oferecidos pelos filmes [...]” (2011, p. 29).

O cinema, como toda forma de arte, provoca emoções, tema complexo, o qual vamos tratar neste estudo somente o suficiente para a compreensão das unidades de significados que deram origem a imagem: Cinema: o teatro da pele e as impressões que a constituem: divertimento, humor e autodistanciamento; percepção do belo; o diabo como aliado.

4.2 Cinema: o teatro da pele

O nome desta imagem foi inspirado e copiado da expressão “cinema: o teatro da pele” do cineasta, poeta, teórico do cinema e da poesia, Jean Epstein, citado por Xavier na introdução da parte 1 do seu livro *A experiência do cinema: antologia*. Conforme Xavier, Epstein possui uma visão do cinema “[...] como revelação de um sentido que já está na superfície e não oculto atrás da face do homem” (1983, p. 22).

Xavier (1983), ainda na introdução de seu livro, cita Merleau-Ponty que aponta o cinema “[...] como demonstração do elo natural interior/exterior, da atividade do olhar como constituição de um sentido anterior à inteligência, o filósofo afirma algo compatível com os princípios gerais da fenomenologia” (1983, p. 22). O autor (1983) aproxima, portanto, o pensamento do cineasta, Epstein e do filósofo, Merleau-Ponty.

Dessa forma, para Merleau-Ponty (1983), a compreensão da significação de um filme, deriva da percepção e não do pensamento.

Eis porque a expressão humana pode ser tão arrebatadora no cinema: este não nos proporciona os *pensamentos* do homem, como o fez o romance durante muito tempo; dá-nos a sua conduta ou o seu comportamento, e nos oferece diretamente esse modo peculiar de estar no mundo, de lidar com as coisas e com os seus semelhantes, que permanece, para nós, visível nos gestos, no olhar, na mímica, definindo com clareza cada pessoa que conhecemos (MERLEAU-PONTY, 1983, p. 115-116 grifo do autor).

Esta breve introdução da imagem “cinema: o teatro da pele”, teve como objetivo ajudar a compreender/interpretar a profusão de emoções despertadas nos participantes durante os filmes, as quais mantiveram-se de forma bastante intensa, durante a entrevista grupal, após alguns filmes. Compomos esta imagem de impressões visualizadas nas emoções vivenciadas pelos sujeitos pesquisados: Divertimento, humor e autodistanciamento; encanto e percepção do belo; o diabo como aliado: prazer e dor.

4.2.1 Divertimento, humor e autodistanciamento

Parece estranho falar de divertimento e humor num ambiente onde existem pessoas em tratamento para dependência química. No entanto, foi o que constatei em vários momentos nas atividades com os participantes da pesquisa. No terceiro encontro, quando comentei a sinopse do filme *O barato de Grace* (2000), PQ falou: “Vamos rir, hoje é sexta-feira”. Entendi que PQ quis referir-se ao final de semana, quando termina a responsabilidade do

trabalho e é possível utilizar o tempo para descontrair. Culturalmente, algumas pessoas utilizam o álcool ou alguma outra substância psicoativa para o mesmo fim. No entanto, a comédia ou outro bom filme também é uma opção, como se pode constatar na fala de AB no último encontro, no qual os participantes pedem para que eu continue exibindo filmes para eles no CAPSad. Ao falar que concordava, pois aprendi bastante com eles e tivemos uma troca muito legal, AB comentou: “E ninguém tá envolvido em confusão, pelo menos até as 4 da tarde.” Todos riram da fala de AB.

Outro momento bem humorado foi quando os participantes questionaram o porquê da maconha estar legalizada em alguns países e no Brasil não, e HI falou “Dá um prá Dilma fuma.” Eles utilizaram-se do humor rindo de si mesmos. O humor é uma forma de se distanciar do problema e o distanciamento é uma das condições necessárias para uma percepção mais acurada da situação.

A maioria dos filmes que envolvem substâncias psicoativas é do gênero drama ou tragédia. O filme *O barato de Grace* (2000) é um desses filmes que subverte completamente a “ordem”, pois se trata de uma viúva, dona-de-casa com todas as características de uma pessoa formal e politicamente correta que começa a transgredir leis e normas com o objetivo de pagar a dívida deixada por seu marido e salvar o patrimônio. Neste processo, acabam acontecendo transformações profundas entre todos os personagens envolvidos e também o desvelamento de hipocrisias e a desconstrução de preconceitos. O humor é o principal ingrediente desta obra de ficção. Parece um contrassenso rir de coisa séria? Frankl fala ser uma lástima “[...] que até agora não tenhamos tomado suficientemente a sério o humor” (2005, p. 111). A partir desta citação de Frankl, descrevo algumas ocasiões em que percebi certo receio de tratar o tema sob o ângulo do humor.

No primeiro encontro, aconteceu uma situação interessante a esse respeito. Quando eu já estava indo embora, atravessando o jardim que fica nos fundos da casa, indo em direção a saída, RS chamou-me e perguntou se o filme poderia ser comédia, afirmei que sim e ele perguntou se eu já tinha assistido *Segurando as pontas*, e novamente falou que o filme era do gênero comédia, mas que tem tudo a ver com como as coisas são. O fato de perguntar se poderia ser comédia e depois reiterar o gênero acrescentando um “mas”, ficou para mim, como se fosse “o filme é para rir apesar de mostrar coisas que normalmente não seriam engraçadas”.

Outro momento em que tive esta sensação de receio do humor por parte dos participantes foi no final do filme *O barato de Grace* (2000) no sexto encontro (este filme foi exibido também no terceiro encontro). Um membro da equipe que estava nos acompanhando

aproximou-se de mim e pediu se poderia sugerir um filme para a próxima semana e disse: “Já que hoje foi um filme mais divertido, uma comédia, e ao verem este tipo de filme eles pensam que não tem problema usar, na semana que vem tu poderia passar um filme que dê um ‘choque de realidade’, porque muitos não têm discernimento, poderia ser *Cristiane F.*” Expliquei que no filme *O diário de um adolescente* (1995), PQ contou que não podia ver este tipo de filme porque ficava mal e com muita vontade de usar quando via cenas de uso de substâncias psicoativas (o problema de PQ é com cocaína) e por isso eu não iria mais passar filmes que os levassem a fissura (desejo muito forte de consumir drogas) e o contexto do filme *Cristiane F.* é pródigo em cenas de uso problemático de heroína. O membro da equipe sugeriu, então, *Bicho de sete cabeças* (2001). Este foi o filme da semana seguinte.

Entendi a apreensão do membro da equipe, pois estes temas não são fáceis de serem abordados. Existe uma linha muito frágil para os usuários do CAPSad, que separa o uso do abuso e também porque todos estes temas são relativamente novos e tudo o que é novo causa ansiedade e a cautela é necessária. Por outro lado, não são os próprios usuários de substâncias psicoativas as pessoas que podem nos informar melhor sobre seus efeitos e o que para eles é bom ou ruim? Carl Hart que pesquisou os efeitos das substâncias em humanos faz uma constatação

A realidade é que quase todos nós às vezes nos vemos em situações nas quais insistimos em determinado comportamento, apesar das conseqüências negativas, exatamente como os viciados. A maioria das pessoas não é capaz de fazer dieta, muitas continuam a ingerir alimentos gordurosos e doces quando estão ganhando peso, ou passam por períodos de pesado consumo de álcool, ou persistem em maus relacionamentos, ignorando seus resultados negativos, o que vem a ser o mesmo padrão de comportamento constatado no vício em drogas (2014, p. 250-251).

Hart (2014) esclarece que nossos preconceitos sobre a utilização de drogas ilegais com suas leis punitivas fazem com que as pessoas que as usam pareçam menos racionais.

Qual poderia ser a função do humor, portanto? Guardada a devida dimensão, uma citação de Frankl contando sobre um episódio durante sua passagem em um campo de concentração nazista pode nos esclarecer sobre a importância do humor em situações de sofrimento. O psicólogo começa o relato referindo-se a vontade de humor, a qual define como a tentativa de enxergar as coisas de uma forma engraçada, sendo que “[...] constitui um truque útil para a arte de viver. A possibilidade de optar por viver a vida como uma arte, mesmo em pleno campo de concentração, é dada pelo fato de a vida ali ser muito rica em contrastes” (2008, p. 62-63). Continua dizendo que estes efeitos contrastantes, por sua vez,

[...] pressupõe certa relatividade de todo sofrimento. Em sentido figurado, se poderia dizer que o sofrimento do ser humano é como algo em estado gasoso. Assim como determinada quantidade de gás preenche um espaço oco sempre de modo uniforme e integral, não importando as dimensões desse espaço, o sofrimento, seja grande ou pequeno, ocupa toda a alma da pessoa humana, o consciente humano. Daí resulta que o ‘tamanho’ do sofrimento é algo bem relativo; resulta, ainda, que algo quase insignificante pode proporcionar a maior das alegrias, como foi, por exemplo, na ocasião em que viajávamos de Auschwitz para um dos campos filiais de Dachau, na Baviera. Temíamos que o transporte fosse para Mauthausen. Nossa ansiedade crescia à medida que o trem se aproximava daquela ponte sobre o Danúbio pela qual, segundo diziam companheiros com anos de experiência em campos de concentração, ele teria que passar assim que se desviasse da linha principal, caso se dirigisse a Mauthausen (2008, p. 63).

Frankl completa o relato afirmando que para quem “[...] ainda não passou por algo semelhante só acreditaria se pudesse ver os prisioneiros no vagão dançarem de alegria ao perceber que o transporte de dirigia ‘apenas’ para Dachau” (2008, p. 63). Lembrei-me desta citação, porque associo a dependência química a uma prisão, na qual a pessoa está sem ter, necessariamente, cometido um delito, o que era o caso, também, dos prisioneiros de campos de concentração nazistas.

Conforme Hart, a dependência química é um problema mais de ordem contingencial do que propriamente um problema das substâncias. Através de suas pesquisas, o neurocientista afirma que a dependência química “[...] afeta apenas entre 10 e 25% daqueles que experimentam até as drogas mais estigmatizadas, como heroína e crack” (2014, p. 23).

Portanto, assim como os judeus num campo de concentração, as pessoas com uso problemático de drogas não estão nesta situação por escolha e conforme Hart “[...] a dependência física não é o principal motivo do uso continuado de drogas” (2014, p. 254). De acordo com este pesquisador, mesmo as pessoas viciadas em crack “[...] não são sensíveis só a um tipo de prazer, mas a muitos. Embora possa estreitar o foco e reduzir a capacidade de sentir prazer em experiências alheias às drogas, o vício grave não transforma a pessoa num ser incapaz de reagir a toda uma série de incentivos” (2014, p. 257).

O humor pode ser uma fonte de incentivo porque, de acordo com Frankl, permite ao ser humano “[...] criar uma perspectiva, impor uma distância entre si mesmo e o que quer que o confronte. Na mesma moeda, o humor permite ao ser humano um descolamento de si mesmo, o que implica a obtenção do maior autocontrole possível” (2011, p. 135). O humor para Frankl (2005) precisa ser visto como a expressão do potencial eminentemente humano de autodistanciamento, fundamental para olharmos para as questões de nossas vidas de outros ângulos e, dessa forma, conseguirmos visualizar outras alternativas. No filme *Intocáveis*, vimos isso acontecer o tempo todo na relação que se estabelece entre um tetraplégico e seu

cuidador, sendo que, o desenrolar do filme nos mostra que as atitudes da dupla para lidar com aquela situação difícil promove vida e energia onde existia tédio e apatia. A cena em que Phillippe fala para Driss que sente intenso prazer nas orelhas, ou seja, numa área tão pequena do corpo, parece um pouco com o que Frankl fala das situações insignificantes da vida poderem despertar profunda alegria e também na relatividade de todo sofrimento. De acordo com Moraes, para Freud “[...] o humor consiste numa forma inteligente de lidar com a dor e o sofrimento e ainda tirar prazer disto” (2008, p. 116). Assim como o humor, a percepção do belo também pode ser fonte de prazer, o que será visto na próxima impressão.

4.2.2 Encanto e percepção do belo

Percebi nas faces e nas falas dos participantes o deslumbramento com a fotografia e o cenário do filme *O barato de Grace* (2000) que se passa numa cidade litorânea pacata do interior da Inglaterra. Eles associaram algumas cenas do filme com experiências positivas no uso da maconha. Pude verificar a sensibilidade dos participantes frente a uma bela cena da natureza e da cidadezinha que se localiza nesta geografia e também a alteração da consciência provocada pela substância psicoativa como algo prazeroso e sem lembranças traumáticas, ao contrário de experiências com cocaína ou crack.

O encantamento com a beleza da paisagem surgiu durante o filme, várias vezes, através de expressões, tais como: “Que lugar bonito, né?” “Oh o lugar!”. Realmente a fotografia do filme é muito linda, não foi à toa a escolha deste cenário idílico para o pano de fundo do filme. Embora o filme tenha sido feito no ano de 2000, na minha percepção, ele retoma um pouco dos ideais de paz e amor dos anos 1960, do desapego e da vida próxima à natureza, porém com novos ares, pois as pessoas no filme trabalham, estão inseridas no sistema dominante, mas fumam maconha e curtem sua “viagem” de forma “responsável.”

O arrebatamento que ocorre no cinema, do qual fala Merleau-Ponty (1983), serve para descrever o tom das falas sobre o lugar onde se passa o filme. A singularidade deste fenômeno merece um tratamento especial neste estudo, pois, a capacidade de comoção dos participantes frente ao belo é uma demonstração do potencial que possuem para também sensibilizarem-se em relação às questões do cotidiano, o que confirma a afirmação de Carl Hart (2014) de que a droga não rouba os sentimentos das pessoas. A preocupação de VW com o fato de passarem propagandas impróprias para crianças nos intervalos de filmes infantis e de chamar sua atenção à exibição na televisão do filme da biografia de Tim Maia às 18h30 horas, foi um dos diversos momentos de extrema delicadeza vivenciados no processo investigativo.

A percepção do belo de que falo nesta dimensão é no sentido do ser total, absorvido por aquele momento de relação sensível com o mundo. Merleau-Ponty nos ajuda a entender este sentido, diferenciando a percepção analítica da percepção das formas. O filósofo esclarece que,

[...] a percepção analítica, que nos propicia o valor absoluto dos elementos isolados, corresponde, [...] a uma atitude posterior e excepcional – é aquela do sábio que observa ou do filósofo que reflete; a percepção das formas, no sentido bem geral de estrutura, totalidade ou configuração, deve ser considerada como o nosso meio de percepção mais espontâneo (1983, p. 105).

Outro momento de reações espontâneas dos participantes devido a beleza do lugar no filme *O barato de Grace* (2000), foi na cena em que Grace experimenta maconha pela primeira vez junto com seu jardineiro. HI que já tinha visto esta parte do filme no terceiro encontro comenta: “Duro de chapado; oh o lugar também.” HI referiu-se ao lugar onde eles foram fumar na beira da praia, paradisíaco, o sol incidindo na água deixando-a dourada e os dois sentados numa rocha apreciando aquilo tudo. Na minha compreensão, as duas expressões verbais “Duro de chapado” e “Oh o lugar também”, utilizadas juntas com a entonação de voz com que foram proferidas e a expressão facial articulada com a fala, foi como se o lugar potencializasse o efeito da maconha; foi também como se fosse o lugar “ideal” para curtir o efeito da planta, onde se pudesse extrair o máximo da experiência. Conforme Hart: “Esse é um dos principais motivos pelos quais as pessoas consomem drogas: alterar o estado de consciência” (2014, p. 205). O cientista ainda esclarece que: “Até onde sabemos, os seres humanos tentam alterar seu estado de consciência com agentes psicoativos (não raro extraídos de plantas) desde que habitam o planeta, e é provável que essas tentativas não tenham fim” (2014, p. 205).

Independente ou não de estarmos com o estado de consciência alterado por alguma substância, o encontro com o objeto que nos sensibiliza será fonte de prazer. Duarte Júnior fala que: “A beleza não encontra-se nem no objeto em si mesmo, nem isoladamente nos sujeitos humanos. A beleza habita a relação” (2009, p. 45). O autor afirma ainda que: “Para que a consciência sinta a beleza é necessário que seja tocada pelo ‘aparecer’ de um dado objeto” (p. 45). Mas a beleza só nos provoca sentimentos de alegria e encanto ou pode também provocar a dor e a tristeza?

4.2.3 O Diabo como aliado: prazer e dor

O título desta impressão teve como influência o livro de Michel Maffesoli, *A parte do Diabo*. No decorrer do filme *Diário de um adolescente* (1995), na medida em que foram aparecendo cenas cada vez mais constrangedoras de uso de cocaína e heroína, percebi que o clima começou a ficar tenso entre nós, tanto eu quanto os participantes começamos a nos olhar de “rabo de olho”, principalmente AB, o mais participativo nos encontros. Eu precisava olhar para observar e descrever o que estava acontecendo e ao mesmo tempo sentia-me constrangida, pois eles também sabiam que estavam sendo observados. A relação que se estabeleceu no grupo foi completamente diferente do encontro anterior, no filme *O barato de Grace* (2000), em que ríamos e nos olhávamos sem restrições. Arrisco-me a dizer que o sentimento que ali imperava entre nós era de angústia e vergonha e dava para perceber o desconforto na superfície de nossos corpos. Talvez nossa vontade fosse de não compartilhar estes sentimentos. Esta situação me fez lembrar o *Poema em linha reta* de Fernando Pessoa.

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. E eu, tantas vezes reles,
 tantas vezes porco, tantas vezes vil,
 Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
 Indesculpavelmente sujo.
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado
 [sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo. Toda a gente que eu conheço
 e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida... Quem me dera ouvir
 de alguém a voz humana
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
 Ó príncipes, meus irmãos, Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo? Então sou só eu que é vil e errôneo nesta
 terra? Poderão as mulheres não os terem amado,
 Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
 Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
 Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza (PESSOA, 1993, p. 312).

Este poema de Pessoa, no meu entendimento, é um desabafo, tanto quanto um alívio para quem o lê e identifica-se, pois sentirá que não está sozinho e que, se Fernando Pessoa expôs as suas covardias e infâmias talvez elas sejam passíveis de perdão. No entanto, quem há de nos perdoar? De acordo com Maffesoli: “É no mínimo delicado, em nossa tradição cultural, mostrar de que maneiras o mal nos persegue, em suas diversas modulações: agressividade, violência, sofrimento, disfunção, pecado – a lista poderia prosseguir indefinidamente” (2004, p. 27). O sociólogo continua dizendo que não há “[...] quem não seja afetado, e são poucos os que querem conhecer os efeitos de semelhante realidade. Pois o que é, é. A sombra faz parte desta banalidade básica. Elemento de base em numerosos mitos, onipresente em nossos contos e lendas, [...]” (2004, p. 27) inquieta há muito os sistemas filosóficos e é também “[...] uma pedra no caminho da doutrina religiosa, pelo menos no ocidente” (2004, p. 27). Por isso, o autor referenciado diz dirigir-se

Aos que não tem medo de uma lucidez revigorante para uso individual e social. De fato, está na hora de superar a problemática do homem realizado em sua totalidade, da sociedade perfeita. Ainda que como ideal, como tensão, como projeto. Pois é esta a melhor maneira de provocar a realidade que se tratou de negar, como um retorno do foi recalçado. No fim das contas, reconhecer que a imperfeição *também* (grifo do autor) é um elemento estruturante do dado mundano, [...] (MAFFESOLI, 2004, p. 27-28).

O sociólogo pede que aceitemos esta visão, pelo menos de forma metodológica para melhor entender “[...] todas essas atitudes presenteístas e mesmo hedonistas, esta mística corporativista ou ainda este poderoso relativismo, todas tendências que, de maneira difusa, contaminam a vida corrente” (2004, p. 28).

Esta contaminação da vida corrente guarda relação com aquilo que a imagem em movimento, para Epstein, cineasta que viveu de 1897 a 1953, começou a produzir a partir de alguns raros filmes, como

A Concha e o Clérigo (G. Dulac, 1927-30), O Cão Andaluz (Buñuel, 1928), [...], marcam os primeiríssimos passos dados timidamente para a revelação na tela de uma vida interior mais profunda com seu eterno movimento, seus meandros acavalados, sua misteriosa espontaneidade, seu secreto simbolismo, suas trevas impenetráveis para a consciência e a vontade, seu império inquietante de sombras carregadas de sentimento e instinto. Esse terreno sempre novo e desconhecido que cada um traz em si e que todos vêm a temer, mais dia menos dia, foi e ainda é, para muitos, o laboratório em que o Diabo destila seus venenos (1983, p. 298).

Maffesoli, fala de uma sabedoria demoníaca, “[...] da vitalidade desta terra em que ‘estamos aí’. Desta terra de que somos feitos e que faz de nós o que somos” (2004, p. 36), e

insiste numa mudança de perspectiva, de uma visão externa para uma visão interna que é também uma intuição. Maffesoli aproxima sua idéia de intuição “[...] dessa ‘grandeza negativa’ de que falava Kant, e que não é uma negação da grandeza” (2004, p. 37).

Na minha percepção, o conteúdo dessa grandeza negativa de que fala Maffesoli, encontra sua forma na cena do filme *O diário de um adolescente* (1995) em que Jim (protagonizado por Leonardo DiCaprio), que participa do time de basquete da escola, vai disputar um campeonato importante, porém, extremamente debilitado pelo abuso de heroína, toma algumas pílulas acreditando que lhe darão energia para suportar o jogo, ao contrário do que espera ser o efeito da pílula, ele começa perder seus reflexos e coordenação, numa cena trágica que tem como fundo musical a música da banda *The Door's, Riders on the storm*. O sentimento de horror que aquela cena provocou-me jamais seria o mesmo caso fosse outra música. Os participantes identificaram a banda e a música quase que no mesmo momento em que ela iniciou. Este conjunto de estímulos acontecendo quase que ao mesmo tempo ficou gravado intensamente na memória que trago agora para esta escrita. Uma parte da música *Riders on the storm*, cuja tradução do título significa “Viajantes na tempestade” está traduzida abaixo:

Nessa casa nascemos
 Nesse mundo fomos jogados
 Como um cachorro sem osso
 Um ator atuando sozinho
 Viajantes na tempestade

Há um assassino na estrada
 Seu cérebro está se contorcendo como um sapo
 Tenha um longo feriado
 Deixe suas crianças brincarem

Se você der uma carona a este homem
 A doce família morrerá
 Assassino na estrada, yeah

Garota, você tem que amar seu homem

Pegue-o pela mão
 Faça-o entender
 Que o mundo depende de você
 Nossa vida nunca acabará (LETRAS, 2016, p. 1).

Jim estava caindo, todo mundo estava olhando e ninguém poderia ajudá-lo. A agonia daquele momento foi prolongada pela câmera lenta. Apesar de estar no meio de uma multidão, sua solidão era total, a fatalidade daquela queda literal e metafórica, daquele instante e dos que se seguiram foi inexorável.

Em relação às emoções vivenciadas no cinema, transcrevi a fala de Bergala de um vídeo no qual o autor nos alerta que:

Emoção é uma palavra muito perigosa para falar de cinema. Na França, por exemplo, havia um *slogan*, em um determinado momento, que dizia que o cinema é emoção e só isso. Isto é, a emoção era o valor absoluto dos filmes. Então, é claro que é muito perigoso, porque há emoções que são indignas. Há emoções que são obtidas através do cinema, que são absolutamente indignas. Não é porque há emoção que o filme será bom ou ruim. Por outro lado, existem filmes em que a emoção é obtida por meios tão desleais, que, no final, é uma emoção ruim (BERGALA, 2012, vídeo).

O cineasta orienta que quando se fala em emoção, “[...] é preciso sempre se perguntar como essa emoção foi obtida. Ela foi obtida através de chantagem ao espectador? É muito fácil fazer o espectador chorar” (2012, vídeo). Fresquet nos deixa questionamentos sobre isso, e embora não seja minha intenção aprofundá-los, achei importante citá-los. “Como discernir uma emoção indigna? Como sensibilizar sem fragilizar? Como garantir um espaço de suspeita diante do que nos emociona sem racionalizar tudo neuroticamente?” (2013, p. 36).

Talvez o que Bergala (2012, vídeo) fala sobre o que é um bom filme dê alguma direção nesse sentido.

Um bom filme é quando há, ao mesmo tempo, uma história com personagens, mas que há um mundo também. Quer dizer, um mundo existe, não há apenas a narração, apenas a história do filme. Um bom filme é aquele em que os personagens existem verdadeiramente, não apenas como suporte para a narração e o mundo em torno deles existe também. Já podemos dar esta primeira definição.

É possível pensar, então, que um bom filme é aquele que não encerra o espectador em apenas uma visão de mundo, mas que promove muitos olhares e perspectivas. Pode-se inferir, também, a partir disso, que os filmes utilizados para este estudo, foram filmes bons, pois geraram vários olhares e emoções conflitantes entre os participantes.

O fato de normalmente negarmos determinadas emoções ou mesmo não aceitarmos seja em nós ou nos outros, acabam por gerar conflitos internos e externos. Conforme Epstein, “[...] em geral, o grau de uma civilização se mede na proporção direta das repressões que a sociedade impõe ao indivíduo” (1983, p. 307). Estas repressões são impostas através de códigos e costumes sociais, os quais se dizem importantes para a vida em comunidade e superiores aos interesses individuais. Esta adaptação, segundo Epstein, “[...] mais ou menos penosa, do homem à vida social não ocorre sem recalques imperfeitos em grande número de consciências que, em decorrência disso, ficam perturbadas” (1983, p. 307). Estes resíduos,

conforme o poeta, “[...] formam as neuroses e psicoses coletivas que expressam a média dos recalques de cada um, [...]” (1983, p. 307). Portanto, Epstein considera que o cinema “[...] através da revelação de incontáveis variantes por ele introduzidas na expressão de uma personalidade, opera uma espécie de imitação da psicanálise que pode ajudar a despistar e vencer um recalque” (1983, p. 306). Dessa forma, de acordo com Epstein, a “[...] poesia e a arte em geral são extremamente úteis à sociedade, pois favorecem a concretização inocente de anseios cuja realização mais exterior seria proibida como contrária à ordem” (1983, p. 307). Epstein, então, fala que de todos esses “[...] superalimentos oferecidos à imaginação, o mais diretamente assimilável, mas sentimentalmente ativo, mais próximo de suscitar o devaneio capaz de absorver o excesso de emotividade não utilizada é aquele que o filme propõe” (1983, p. 311). Dessa forma, para o poeta,

[...] as imagens de austera virtude não vencem os maus desejos. É vivendo mentalmente, uma vez ou outra, mas intensamente, as fortes emoções de uma vida de bandido, que um homem, tirado da ordem monótona de suas ocupações cotidianas, consegue enganar sua fome de aventuras, gastar suas tentativas de escapar à rotina, curar-se de uma insatisfação que, ora surda, ora lancinante, opõe-se à sua paz de espírito (1983, p. 311-312).

A moral dos filmes de *gangster*, conforme afirma Epstein (1983), é uma potente forma de gastar estes excessos do estágio natural arcaico, sempre prestes a ressurgir, mas que pode ser satisfeito assistindo a um filme sobre Átila ou Al Capone.

Nesse sentido, Maffesoli também esclarece que, é difícil “[...] aceitar que possa haver uma forma de grandeza na negatividade. Normalmente, a única perfeição admitida é a das alturas. O céu da divindade” (2004, p. 37). Para o sociólogo, “Esta recusa da inteireza do ser permite, [...], eliminar o trágico da condição humana. Fuga diante da morte, negação da morte como fonte da existência” (2004, p. 39). Penso que essa morte de que fala Maffesoli, possa também ser metafórica, ou seja, morte da ilusão do que pensamos que somos, projetando nos outros aquilo que não temos coragem de assumir em nós mesmos.

O filme *Diário de um adolescente* (1995) provocou, várias vezes, estas emoções indesejáveis, principalmente, nas cenas da relação de Jim com sua mãe. No momento em que aparece a mãe de Jim rezando, AB comenta: “O sofrimento da família também.” Após o comentário, AB saiu da sala onde estávamos assistindo o filme e não retornou. No encontro seguinte, perguntei para ele o que aconteceu, AB respondeu que foi por causa de trauma, do sofrimento da mãe na época em que ele usava drogas e disse: “Pai a gente tem muitos por aí, mas mãe é uma só.” Um membro da equipe que nos acompanhava falou, no momento da

entrevista grupal: “Eu achei bem legal, que bom que o filme tem um final positivo. E a dor da família, vocês viram aquela mãe?” PQ responde: “É bem verdade”.

Percebi que, após a fala do membro da equipe, os usuários ficaram quietos. Fiz, então, uma fala trazendo o contexto do filme, onde tanto a mãe quanto Jim encontravam-se em total desamparo para lidar com o problema e as interações na escola também não colaboravam com a situação, ao contrário, a fortaleciam. O treinador de basquete com o qual Jim tinha algum vínculo, era uma pessoa sem ética e explorava sexualmente Jim e os outros meninos do time. A (des)educação nas aulas é baseada na humilhação e punição física. A mãe não tem a menor ideia de como lidar com o problema, apenas grita com o menino e o julga expulsando-o de casa, ou seja, diante de tudo isso verifiquei que Jim não tinha uma rede de apoio social.

Levantei a questão para o sofrimento de Jim em não encontrar suporte frente às situações complexas da vida com as quais se deparava. Um membro da equipe falou: “É, é bastante complexo.” XY disse: “Acha que pode sair e entrar a hora que quer.” PQ comentou:

A parte que ele estava na abstinência, nossa, o desespero dele, ele sentia dor, babava, o desespero da falta da droga... no começo... depois vai passando, dá vontade e tu sabe que se tu esperar a vontade passa, e daí tu pensa: ‘Graças a Deus que fiz isso, que esperei’, mas é difícil.

ZA fez uma observação relacionando com o filme *O barato de Grace* (2000): “No outro dia parecia que era uma coisa que incentivava a usar e nesse mostra que não é para usar.” Entramos nessa forma de abordar o filme e não conseguíamos sair desse quadro de dor e sofrimento, ao mesmo tempo eu sabia que o filme oferecia outras perspectivas para nossos olhares. Porque insistíamos em permanecer neste processo de culpabilização e dor? A psicóloga Ximena Dávila Yáñez (2009, p. 225) ajudou-me a entender que a

[...] dor e o sofrimento surgem como uma dor cultural quando vivemos imersos numa cultura que nos aprisiona em nosso conviver cotidiano numa rede fechada de conversações que nos nega continuamente por estar centrada no medo e na insegurança, na desconfiança e no controle e na dominação e na subjugação cotidiana.

A autora referenciada afirma que a dor e o sofrimento surgem no nosso cotidiano numa cultura “[...] *patriarcal-matriarcal* que nos nega, e que nós contribuimos *recursivamente* para conservar com nosso conviver nela” (2009, p. 225 grifos da autora). De acordo com Yáñez, quase todos os seres humanos vivem de alguma forma nessa cultura de “[...] transfundo de dor porque não sabemos viver de outra maneira já que surgimos vivendo assim desde a infância e

não temos os elementos reflexivos e de ação para sair dela” (2009, p. 225). A psicóloga alerta que na cultura patriarcal-matriarcal,

[...] vivemos gerando dor a outros e a nós mesmos, e nela é como se a vida tivesse sido dolorosa desde sempre, e como se fosse parte de nossa identidade humana o viver na dor ou gerando dor. Sem dúvida, a história mostra que a vida tem sido e é dolorosa num viver patriarcal-matriarcal centrado em exigências e expectativas que nos negam num contínuo desamar. Mas tem que ser assim ou é possível liberar-se da armadilha que gera a dor? (2009, p. 225).

Para Yáñez (2009), a dor e o sofrimento são gerados e se conservam “[...] no conversar da cultura de maneira inconsciente, como se fossem próprios dos tempos em que se vivem” (2009, p. 225). Portanto, continua a autora “[...] a saída das dores e dos sofrimentos culturais também ocorre num suceder conversacional que dissolva a rede de conversações que lhes dá origem. Tal conversar é o conversar liberador” (2009, p. 225). A autora chama de conversar liberador aquele que acontece quando “[...] como observadores vemos e compreendemos a natureza de seu ocorrer, evocando o olhar reflexivo no viver humano que solta o apego à certeza da legitimidade da negação de si mesmo que se vive” (2009, p. 234).

A autora trata o conversar liberador como arte e ciência e não como método ou procedimento. Sua teoria do conversar liberador, se assim posso chamá-la, é bastante complexa e fundamentada na biologia cultural de Humberto Maturana. Os pensamentos de Yáñez pareceram-me um alento no sentido de tentar compreender o que ocorreu naquele círculo vicioso de conversas em torno do sofrimento e também uma possibilidade para tentar dissolver as redes de conversações geradas, em vários momentos, entre mim e os participantes, durante o processo vivencial e as entrevistas. Sendo que, estas reflexões junto com Yáñez ajudaram-me a entrar na próxima imagem: “Tornar-se si mesmo.”

4.3 Tornar-se si mesmo

Esta imagem surgiu da reflexão de um participante, NO, sobre o filme *Tudo por dinheiro* (2005), com narrativa baseada em fatos reais. NO não fez apenas uma reflexão, mas uma síntese que extraiu o significado, mais que isso, um sentido existencial profundo emergiu da forma como NO concluiu o seu relato: “[...] aí ele veio assim e voltou prá terra dele e virou professor de futebol, ‘ele queria ser ele mesmo.’ O rapaz e a esposa dele mostraram que não era aquilo.” Estas palavras, à primeira impressão, desconexas, mas que procurei tornar

compreensíveis no decorrer do texto, encerram, na minha percepção, um olhar delicado e sensível do participante para a história de Brandon, personagem de Matthew McConaughey.

Para este núcleo sensível convergiram outros significados que podem compor esta imagem, no sentido de exaltá-la, porém, não sem torná-la menos misteriosa, por tratar-se da busca sempre inacabada, da pergunta filosófica: “Quem somos nós?” Esta imagem foi constituída das seguintes impressões: O olhar do outro; O espectador como criador; Destino e liberdade.

4.3.1 O olhar do outro

O tema do olhar do outro permeou, praticamente, toda a trama de nossas vivências e conversas. Durante os filmes, nos olhávamos quando ríamos e evitávamos o olhar quando tristes ou envergonhados, porém, mesmo para sabermos que evitávamos precisávamos nos olhar. Nas entrevistas grupais, nos olhávamos quando falávamos, ora nos identificando, ora nos conflitando com sentimentos e pensamentos diferentes, numa dinâmica de empatia e de auto-afirmação das diferenças. O outro, para Scholze, “[...] está sempre presente na constituição estética do sujeito, como uma dobra de si mesmo, e toda auto-apresentação está orientada intersubjetivamente” (2007, p. 61). A autora (2007), utilizando-se do pensamento de Deleuze, afirma que esta relação intersubjetiva não é uma simples comunicação, mas um dispositivo de transformação de si a partir do encontro com o outro. Penso ter sido este o sentido que NO atribuiu à sua síntese do filme *Tudo por dinheiro* (2005).

Prá mim o filme foi o seguinte: no começo o pai dele ensina ele a jogar futebol, aí ele foi crescendo, crescendo; o pai dele bebia, era alcoólatra, aí ele vencia vários campeonatos e depois ele sofreu um acidente, machucou a perna e não pôde mais jogar, aí recebeu uma oferta, foi prá Nova York, cidade grande, começou ganhar dinheiro, mas esse patrão dele sabia de jogar prá ganhar dinheiro, e esse rapaz (o chefe) fez ele ganhar muito dinheiro, só que o seguinte: ele só queria ele receber, ele só, e aí aconteceu que no final, a última aposta que ele fez, que o rapaz fez pro patrão dele, pegou, deixou uma carta ali e pegou e foi embora, né. E a mulher dele fez ver que não era aquilo que prá ele, não era só aposta, aí ele veio assim e voltou prá terra dele e virou professor de futebol, ele queria ser ele mesmo. O rapaz e a esposa dele mostraram que não era aquilo (NO, 2016).

Esta transformação de si a partir do encontro com o outro é o que presenciei neste e nos outros filmes, porém, no filme *Tudo por dinheiro* (2005) este processo evidenciou-se na fala de NO. Posso dizer que Brandon e Walter, através de seu encontro, sofreram um processo formativo no sentido de integrar aspectos de sua personalidade, o que os transformou em algo diferente do que eram no início do filme, e pelo visto, em algo melhor. Esta formação vai ao

encontro da perspectiva foucaultiana, que para Fischer é uma “[...] formação assumida como uma escolha da própria existência, como busca de um estilo de vida, de um cuidado consigo” (2009, p. 95). A autora esclarece que, mesmo sendo impensável vivermos sem sermos assujeitados por diversos discursos, existe certa liberdade para a escolha de nossos discursos. “Assim sendo, o grande trabalho sobre nós mesmos será pensar como nos tornamos o que somos, que discursos nos subjetivam, a que verdades nos amarramos (ou: que verdades nos amarram?)” (FISCHER, 2009, p. 95). Este trabalho, segundo a autora, é sempre atravessado pela presença do outro, “daquele a quem recorremos para nos apossarmos de *discursos verdadeiros*” (2009, p. 95 grifo da autora).

É possível recorrer ao cinema em busca de “discursos verdadeiros?” Bergala (2012) sustenta que, o “[...] cinema é a forma de arte que, imediatamente, captou a alteridade” (vídeo). O cineasta alerta que a alteridade está nos bons filmes e nos bons cineastas, que através da heterogeneidade confronta o espectador, permitindo, dessa forma, que o mesmo se coloque no interior do outro. “O cinema nos fala de nós, de coisas que nós não conhecemos ainda, mas que sabemos que são para nós e sabemos que são nossas” (BERGALA, 2012, vídeo) Sendo assim, continua o autor, “[...] é por isso que o cinema é extremamente formador, mas muito profundamente sobre a relação com o mundo que se pode ter” (BERGALA, 2012, vídeo).

O cinema aproxima mundos desconhecidos, podemos vivenciar outras formas de nos relacionar com o mundo e com as pessoas, assim como vislumbrarmos outras geografias, enfim, o cinema pode nos remeter àquele mundo do “como se” de que fala Damásio (1996), ativando sentimentos, e porque não dizer, até odores e sabores até então, desconhecidos. Essa experiência do cinema pode vir a ser tão prazerosa, que arriscaria dizer que ela poderia ser substituída pelo vício em substâncias psicoativas, assim como falou AB em relação a decisão de Brandon: “Foi trabalhar no que ele amava, substituiu o vício do jogo pelo esporte.” Como vamos saber do que gostamos se ainda não o conhecemos ou se ainda não nos transformamos internamente para podermos identificar? Brandon amava futebol, ficou impossibilitado de jogar. No entanto, ele não aceitava essa situação, dizendo que não iria desistir e que, até voltar a jogar novamente, precisaria de um emprego que o sustentasse.

Na história, Brandon não voltou a jogar, mas foi fazer o que amava ensinando as crianças a jogarem. Brandon também poderia terminar sua história sentindo-se um fracassado e ressentido, seria outra opção, e, com certeza, existem muitas histórias assim, porém pensamos assim como Fischer (2009) que “[...] um bom romance e um bom roteiro de filme não podem prescindir de pelo menos um personagem remetido à própria transformação, a

uma experiência de si que o subverte, que faz dele algo diferente do que era” (2009, p. 95). Nesse sentido, Fischer sustenta, ainda, que se nos dedicarmos a tarefa de empregar nosso potencial intelectual e nossa bagagem de informações, poderemos fazer “[...] da experiência de ver também um espaço privilegiado de transformação de nós mesmos” (2009, p. 97). Entro, então, com esta afirmação de Fischer na próxima impressão.

4.3.2 O espectador como criador

Os participantes criaram, a partir da identificação com as histórias e cenas dos filmes, narrativas de acontecimentos de suas vidas. No filme *O barato de Grace* (2000), JK coloca-se, através de sua fala, dentro do filme:

Prá mim foi legal o filme, teve parte ali que eu me identifiquei, aquela parte que eu tava na praia de Ingleses, Florianópolis, uma praia meia deserta assim, não me lembro o nome da praia, que eu tava naquelas pedra, tava eu e uma mina, e ela fumava e eu fumando assim, é a mesma coisa, nós dava risada. Mas na realidade não é uma droga pesada, mas é uma droga que a psicóloga, o doutor já me falou estraga, detona os neurônio da gente (KJ, 2016).

Esta identificação do espectador com os filmes, segundo Duarte, é

[...] definida na teoria psicanalítica como um processo psicológico por meio do qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, de acordo com o modelo escolhido. Numa perspectiva mais geral, essa seria a operação pela qual o indivíduo humano se constitui enquanto tal (2009, p. 59).

A autora esclarece que, em relação ao cinema, “[...] identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama” (2009, p. 59). No filme *Bicho de sete cabeças*(2001), foi possível perceber esta vinculação com a trama, praticamente, de todas as pessoas. Quando perguntei sobre o significado do filme, AB falou:

Quase ninguém viveu uma realidade dessas aí. Essa aí é uma história que aconteceu, praticamente, comigo também. Até foi meio duro de assistir isso aí, não queria lembrar mais disso aí. Não fiquei em manicômio, mas tipo em clínica forçada. Eu nem queria falar muito disso aí, porque retrata a minha primeira internação, né. Das primeiras, na terceira eu tinha passado já e tinha me recuperado e resolveram me levar pro São Pedro em Porto Alegre e eu não queria tomar remédio e eles diziam: toma remédio senão tu vai ser contido. Eles descobriram que eu escondia remédio embaixo da língua e diziam que eu ia ter que ser contido e pá, umas injeção prá mim capotar. Daí no dia de visita eles me davam dois neosine e eu só tomava um, então chegava a mãe lá e o pai e eu não conseguia falar. No primeiro mês eu consegui dizer: me tirem daqui e eles me tiraram de lá (AB, 106).

AB narrava sua história e era como se ele fosse Neto (protagonista interpretado por Rodrigo Santoro). Consegui relacionar o que AB disse com as memórias recentes das cenas do filme. AB continuou relatando sua história numa intensidade emocional como se a estivesse vivendo novamente. Um membro da equipe perguntou se ele tinha usado camisa de força, ao que AB respondeu com mais fatos, desconsiderando a pergunta, que foi feita novamente por outro participante e também por mim, pois havia certa insistência para que a resposta fosse dada por AB, se ele havia ou não usado camisa de força. Então ele respondeu assim: “Bom, eu tô explicando prá vocês, não é que nem hoje que eu já sou meio coroa e troço e tal, é o seguinte: eu não vou tomar remédio e se alguém chega e quiser, vai dar pau. Eu voava neles todo dia, claro que tinham que me amarrar.”

Relendo essa passagem da entrevista compreendi que AB não respondia diretamente à pergunta, porque não era esse o ponto fundamental de sua narrativa, se havia ou não usado camisa de força era irrelevante. AB estava significando sua narrativa na ênfase ao seu sofrimento e a sua resistência e, na minha percepção, o fato de AB relatar, várias vezes, o comportamento covarde das pessoas que o tratavam nas clínicas em que esteve internado era para, justamente, enfatizar sua capacidade de reação frente àquela condição de humilhação e submissão a que lhe impuseram. AB estava interpretando seu drama. Para Nietzsche, segundo Dias: “Interpretar é criar” (2011, p. 57). A autora esclarece que quando Nietzsche afirma que

[...] não há nada para ser ‘explicado’, mas interpretado, que nada há para ser descoberto, mas inventado e que explicar é referir uma coisa inusitada a coisas habituais, ele está querendo dizer que não há um mundo de coisas dadas para o intelecto desvelar, para extrair delas sua verdade. Tudo o que constitui o mundo é uma soma de valorações (DIAS, 2011, p. 58).

Não é suficiente conhecer os fatos, é preciso experienciá-los e ter o direito de valorá-los. Dessa forma, para Dias, “[...] interpretar e organizar o mundo não quer dizer conhecê-lo, mas criá-lo” (2011, p. 58-59). A idéia que Dias expõe da filosofia de Nietzsche, é a de que não existem acontecimentos em si, mas o “[...] mundo dos valores, o único existente, é um mundo das perspectivas; é resultado das avaliações de uma perspectiva particular, da conservação ou intensificação da potência” (2011, p. 60).

Sendo assim, em relação ao cinema, é possível dizer, com Fischer e Marcello, que a “[...] imagem é irreduzível às interpretações ou às significações, pois estas são e serão sempre inesgotáveis” (2011, p. 508). As autoras citadas (2011) recorrem também a Merleau-Ponty para entender que na pesquisa com imagens não existe uma verdade do que está ali exposto. O filósofo nos diz que a “[...] arte da poesia não consiste em descrever didaticamente as coisas

ou expor idéias, mas de criar uma máquina de linguagem que, de maneira quase infalível, coloca o leitor em determinado estado poético” (1983, p. 115). Da mesma maneira, acontece num filme, afirma Merleau-Ponty:

O sentido de uma fita está incorporado a seu ritmo, assim como o sentido de um gesto vem, nele, imediatamente legível. O filme não deseja exprimir nada além do que ele próprio. A idéia fica, aqui, restituída ao estado nascente, ela emerge da estrutura temporal do filme, como, num quadro, da coexistência de suas partes. Trata-se do privilégio da arte em demonstrar como qualquer coisa passa a ter significado, não devido a alusões, a idéias já formadas e adquiridas, mas através da disposição temporal ou espacial dos elementos (1983, p. 115).

De acordo com Dias “Tudo o que acontece é um conjunto de fenômenos escolhidos por um intérprete” (2011, p. 61). Portanto, segundo a autora (2011), essa vontade criadora, atua constantemente como autoinventora, é uma atividade e não uma expressão do instinto de conservação.

Nesse sentido, pude perceber que, através do filme, AB pôde reviver sua história e queria ser reconhecido na sua atuação, talvez assim como Neto foi reconhecido por nós, os espectadores daquela sala, como vítima de um sistema injusto e preconceituoso, mas também como protagonista de sua história, pois conseguiu criar valor a partir de sua experiência. AB também vivenciou sentimentos conflitantes em relação a sua família, num determinado momento sentia-se culpado em relação a seus pais dizendo que eles só queriam ajudá-lo, e em outro manifestava seus sentimentos de indignação: “Esse depoimento, podia até tirar isso aí, eu sinto até vergonha disso aí, meu pai e minha mãe queriam que eu parasse e só fizeram cagada.” Questionamos que AB poderia sentir, também, orgulho de sua história. Mas ele não concordou e repetiu: “Só fizeram cagada.”

Dessa forma, compreendi que nossas vivências nesses espaços nos possibilitaram experimentar novas formas de nos ver e nos expressar, criamos perspectivas. Mesmo quando meu impulso foi de negar certos sentimentos, meus e dos participantes, posso pensar com Dias, baseada em Nietzsche, que foram assim que emergiram aqueles momentos, não precisamos explicá-los, assim como não precisamos nos fixar em determinado comportamento, podemos destruí-lo e transformá-lo. No entanto, para Dias “[...] esse movimento de vir à forma, é preciso entendê-lo em relação ao tempo, sem o qual, perderíamos a dimensão do devir. Uma forma, uma vez realizada, não dura eternamente – o tempo se encarrega de destruí-la” (2011, p. 69). A autora afirma que a vontade criadora quer crescer, mas que este crescer não quer dizer uma busca sem limites de algum objetivo, pelo

contrário, o “[...] querer crescer da vontade criadora é afirmação da temporalidade. Esse tempo não é cumulativo nem evolutivo; não há evolução contínua, mas um constante recomeçar” (DIAS, 2011, p. 69).

Este recomeço ocorreu várias vezes no mesmo dia. Em outro momento, AB perguntou-me: “Tu quase chorou assistindo o filme, né?” Respondi que sim. AB continuou: “Então imagina tu ver um negócio desses aí na vida real, tu não ia chorar? Ia, ainda mais tu participando da vida da pessoa.” Sim, AB tinha razão, eu quase chorei, só não chorei porque a mobilização da minha raiva foi mais forte. O sentimento de raiva foi também manifestado pelo membro da equipe que nos acompanhava e por BC quando perguntei se queria falar e ele respondeu: “Não, eu não vou falar, capaz, isso aí só me deu raiva”, mas um pouco depois BC disse: “Onde eu fiquei era assim.” Perguntei para BC se na época ele era menor de idade. BC respondeu: “A mãe ligou para o juiz e a polícia foi me buscar lá em casa, oito horas da manhã. Eu cheguei lá e fugi ainda.” Outro participante, DE, falou: “É a realidade da gente que passou por tanta coisa já e precisa ser melhor, né?” Indaguei se alguém mais gostaria de falar e FG comentou: “Eu gostei daquela parte que ele se revoltou, aquela hora ali que eu gostei, daí eu me senti bem, porque é muita covardia.”

Acho que todos nós naquela sala nos deleitamos com aquele momento, quando Neto foi às últimas consequências com seu ato, quando resolveu lutar com as armas que tinha. Poderia ter morrido, mas não foi o que aconteceu, ele viveu e libertou-se daquela situação e fez mais, viveu para denunciar tudo aquilo e também criou, escreveu um livro que foi inspiração para um filme, que inspirou muita gente e mostrou os equívocos de um sistema cruel e injusto. Se Neto reescreveu sua história, podemos nos indagar, então, sobre nossa capacidade de mudarmos o rumo, de nos reinventarmos, e para isso, vamos entrar na próxima impressão.

4.3.3 Liberdade e destino

O nome desta impressão que é também o nome do livro do psicólogo Rollo May, foi escolhido devido ao meu pensamento de que existem condições que nos são dadas pelo nascimento com as quais temos que aprender a enfrentar o mundo. No entanto, há outras que nos acontecem, e a partir das quais, temos alguma liberdade para mudar ou não. Conforme May, é um “[...] fato surpreendente que a liberdade tem sido considerada, ao longo da história humana, tão preciosa que centenas de milhares de seres humanos morreram de bom grado por ela” (1987, p. 15).

Contudo, o conceito de liberdade não é tão simples assim de se captar, se é que isso é possível, como quis Schelling, que de acordo com May “[...] achava que liberdade era axiomática, que até falar e pensar pressupõe a liberdade, não havendo assim necessidade de prova” (1987, p. 17). O psicólogo esclarece que precisamos compreender a natureza excepcional da liberdade, por ela não ser oferecida, pelo fato de que sua função é “[...] mudar sua natureza, tornar-se algo diferente do que é em qualquer momento determinado. Liberdade é a possibilidade de se retirar, de se excluir, negar e neutralizar o próprio crescimento. Paul Tillich escreve: “A natureza da liberdade é determinar a si mesma” (1993, p. 18). May considera a liberdade a mãe de todos os valores.

Se consideramos valores como honestidade, amor ou coragem, vamos descobrir, por mais estranho que possa parecer, que não podem ser situados em posição paralela ao valor da liberdade. Pois os outros valores derivam o seu valor de ser livre; são dependentes da liberdade (1987, p. 18).

A liberdade, portanto, conforme o autor citado, “[...] é mais do que um valor em si mesmo: sustenta a possibilidade de avaliação; é básica para a nossa capacidade de determinar o valor” (1987, p. 19). Sendo assim, podemos considerar que não existe um conceito auto-evidente de liberdade e, portanto, May questiona,

Não encaramos com muita facilidade e prontidão a liberdade como um direito de nascimento, esquecendo que cada um deve redescobri-la por si mesmo? Esquecemos as palavras de Goethe, ‘Só ganha a liberdade e existência / Quem a reconquista todos os dias?’ Contudo o destino voltará para nos atormentar, enquanto não for reconhecido. O destino está eternamente presente para nos lembrar que existimos como parte de uma comunidade. Não podemos nos dar ao luxo de ignorar ‘os que foram antes’, como diz Tocqueville, e ‘os que virão depois’ (1987, p. 32-33).

O pensamento de Rollo May nos auxilia na compreensão desta impressão, pois o filme *Intocáveis* (2011) mobilizou os participantes no sentido da relação que estabelecem com o tempo passado e futuro. As vivências de Driss (personagem representado por Omar Sy), negro, pobre e já marcado com passagem pela prisão, e Phillipe (personagem representado por François Clozet), branco, rico, culto, tetraplégico, trouxeram reflexões relativas a questões como: resistência a novas experiências, ter uma nova chance, aceitar o outro e ser aceito e transformar a própria vida em algo totalmente diferente do que era. Para JK o filme significou

Respeito, porque no começo o negão (Driss) não aceitou e depois aceitou o jeito do cara ser e mudou a vida do negão, né. E como o negão teve problema nas antiga, mas ele (Phillipe) não quis saber, passado é passado, não importava o que ele tinha feito, importava o presente, isso aí me pegou bastante (JK, 2016).

Outros participantes assentiram. CD falou:

É, foi o que mais me chamou a atenção no filme, o outro senhor (parente de Phillipe) disse prá ele (Phillipe) que condenava o passado do negão, e ele (Phillipe) nem quis saber quem era e ele (Driss) tava com uma vida nova, uma nova chance né, e acho que ele (Driss) mudou totalmente a vida do senhor aquele (CD, 2016).

Na mesma direção AB disse: “Prá mim também.” No tom de voz e expressão utilizados pelos participantes pude perceber o quanto aquilo tinha sido significativo, era como se eles quisessem dizer: “É isso que eu preciso para mudar a minha vida, uma oportunidade de trabalho, mas teria que ser de alguém que não considerasse meu passado.” No entanto, a reflexão dos participantes não foi no sentido de acontecer algo mágico em suas vidas, pelo contrário, eles ponderaram sobre as dificuldades que Driss precisou enfrentar cuidando de Phillipe, ou seja, demandou aceitação e escolha daquela situação por parte de Driss.

No filme fica muito claro que, apesar de Driss estar vivendo num conforto nunca antes imaginado por ele, precisou aceitar o ônus de seu trabalho, tudo o que implicava cuidar de todas as necessidades físicas de um tetraplégico. No entanto, após vencer a barreira inicial de seu trabalho, Driss foi além, conforme a fala de CD: “E depois tudo o que o negão se dedicou por ele (Phillipe), fez a loucura, mas tudo em favor da melhora do cara.” No mesmo sentido FG falou:

O filme foi interessante porque ali no começo que ele (Driss) foi fazer a entrevista prá cuidar do cara (Phillipe), no começo ele não queria. Acho que não era o que ele queria, apesar que ele queria só aquele bagulho do desemprego, ele nem podia imaginar que ele ia trabalhar lá cuidando do cara. No começo ele não queria e depois ele foi criando um afeto, foi gostando do convívio com o cara, porque nem a família ficava com o cara, nem a família ficava perto, que nem na festa de aniversário, eles vinham só fazer a festa por fazer mesmo, só por interesse pelo que ele tinha, né. E o cara que foi cuidar dele era de coração (FG, 2016).

É possível concordar com os participantes que Driss escolheu a possibilidade que se apresentou para ele, muito embora, tenha sido algo totalmente diferente do que ele foi buscar na casa de Phillipe. Nesse sentido, May questiona: “A possibilidade ou o poder de fazer alguma coisa em relação à situação iminente não confere à pessoa alguma *responsabilidade* para fazê-la?” (1987, p. 129 grifo do autor). O psicólogo também responde: “Eu escolho a

resposta sim. A responsabilidade não está mais vinculada apenas às causas passadas – isto é, o que a pessoa fez. Deve funcionar também com a liberdade presente – isto é, o que eu posso fazer” (1993, p. 129). May, no entanto, coloca liberdade e destino num paradoxo, pois a

[...] liberdade deve sua vitalidade ao destino e o destino deve seu significado à liberdade. Nossos talentos, nossos dons, são de empréstimo, a serem cobrados a qualquer momento pela morte, doença ou qualquer das outras incontáveis ocorrências sobre as quais não temos controle direto. A liberdade é essencial às nossas vidas, mas também é precária (1987, p. 33).

No entanto não foi só Driss que mudou, Phillipe aceitou muitas coisas as quais resistia, que acabaram por provocar profunda transformação em sua vida. Para XY, Phillipe, apesar de ter muito dinheiro, não tinha amigos e “[...] encontrou no cara problemático, vindo de uma história de vida de problemas, sendo criado pelos tios, de uma família problemática. Então, pelo que eu entendi, quem mais aprendeu nessa história toda foi o rico, não o pobre.” Entre a fala de XY e a fala de JK fez-se um silêncio, então perguntei: O que vocês acham? JK respondeu prontamente: “E o pobre aprendeu também com o rico, né.”

A mudança de Phillipe e o fato de que, a partir da relação com Driss ele começou a fazer coisas que um tetraplégico dificilmente faria, gerou em AB, a seguinte reflexão: “Outra coisa, que a limitação física tá na cabeça não no corpo, né. Se tu não tiver a tua alma livre, apesar dos pesares tu não pode desanimar, né. A doença pode ter acometido o corpo dele, não a cabeça.” Sobre a expressão “alma livre” da qual falou AB, penso que possa haver alguma relação com o sentimento de Frankl no campo de concentração, pois assim como Phillipe, preso a sua cadeira de rodas e Driss, limitado em sua condição sócio-econômica, Frankl também estava com sua vida restringida pelas circunstâncias. Aproximei, então, o que nos diz Frankl em relação à vida no campo de concentração à vida dos personagens do filme. O psicólogo (2008) nos diz que o conhecimento que considera que os prisioneiros que passaram mais tempo em campo de concentração têm sua alma condicionada pelo ambiente, merece objeções e com razão se pode

[...] perguntar: ‘Onde fica a liberdade humana?’ Não haveria ali um mínimo de liberdade espiritual no comportamento, na atitude frente às condições ambientais ali encontradas? Será que a pessoa nada mais é que um resultado de múltiplos determinantes e condicionamentos, sejam eles de ordem biológica, psicológica ou social? Seria a pessoa apenas o produto aleatório de sua constituição física, da sua disposição caracteriológica e da sua condição social? (FRANKL, 2008, p. 87).

Frankl nos fornece uma resposta tanto em nível de experiência, quanto em caráter fundamental. Conta que a pessoa no campo de concentração

[...] pode muito bem agir ‘fora do esquema’. Há suficientes exemplos, muitos deles heróicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritação; e que continua existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta, tanto exterior como interior (2008, p. 88).

Frankl lembra que “[...] Dostoiévsky afirmou certa vez: ‘Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento’” (2008, p. 89). Frankl (2008) fala que o sentido não é apenas encontrado na realização de valores na experiência da beleza ou da arte. “*Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá.* Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo” (2008, p. 90 grifo do autor).

Na experiência de vida de Frankl, penso que podemos encontrar aquilo que Maffesoli (2004) fala de integrar todos os aspectos do ser, os “bons e os maus.” Contudo, é importante lembrar que o sociólogo alerta que, nem por isto, “[...] teria cabimento apressar-se a descartar a ação que deve ser empreendida sobre o mal. Faz parte da consciência humana negociar com ele. Há uma distinção, que encontramos no pensamento grego, que nos ajuda neste sentido” (2004, p. 39). São dois termos, um sobre o qual podemos agir e outro do qual sofremos a ação e não temos como evitar. De um lado o mal

[...] sobre o qual podemos agir, que podemos evitar de diversas maneiras. Do outro, a ‘poluição’, que é automática, tão impiedosa quanto o micróbio desta ou daquela doença, e, como tal, tragicamente incontrolável. Eu diria que ‘temos que aguentar’. Um é pontual, a outra é ‘estrutural’ (2004, p. 39).

O sociólogo sustenta que reconhecer este aspecto estrutural pode provocar

[...] uma sabedoria cotidiana da necessidade. Esta conduzindo a uma postura existencial que integra o desamparo para alcançar um equilíbrio mais completo, mais complexo, o do ‘contraditório’, de uma lógica que não funciona em relação à superação do mal: a síntese, a perfeição, mas repousando na tensão, jamais terminada, que faz da imperfeição, da parte sombria, um elemento essencial de toda vida individual ou coletiva (2004, p. 39-40).

Estas reflexões provocaram outras formas de olhar os mesmos fenômenos, um estranhamento que levou a próxima imagem.

4.4 O cinema que faz pensar

Esta imagem surgiu das falas dos participantes e foi relacionada a um texto que trata de uma entrevista da revista *Educação & Realidade* com Ismael Xavier. O título do texto com a entrevista é: *Um cinema que “educa” é um cinema que faz pensar*. Xavier participa do combate “[...] contra as simplificações manifestas nos discursos moralistas que observam as imagens como um terreno suspeito e produtos dos piores efeitos” (2008, p. 15). Estes efeitos, segundo Xavier (2008), seriam o perigo das imitações de modelos de violência, sexo ou outros tópicos que supostamente deveriam estar sob a vigilância de algumas instituições. Apesar do cineasta não ter experiência com a área de educação, especificamente, interessa-se pela dimensão formadora do cinema como arte e entretenimento. Para Xavier, a “[...] dimensão educativa, entendida no sentido formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmes [...]” (REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE, 2008, p. 15). Sendo assim, para o autor citado,

[...] o cinema que educa é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é ‘passar conteúdos’, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável (2008, p. 15).

Vamos fazer a compreensão desta imagem através de três impressões: Filmes que fazem pensar; cinema como prática cultural; cinema e educação

4.4.1 Filmes que fazem pensar

O que seriam, na visão de Ismael Xavier, filmes que fazem pensar? E como poderíamos identificar esse processo ao longo da pesquisa de campo? À primeira pergunta busco responder com uma compreensão da expressão do cineasta, no entanto, não tenho a intenção e nem é objetivo deste trabalho aprofundá-lo.

Na entrevista da revista *Educação & Realidade* Xavier nos conduz “[...] por nos convidar, insistentemente, a compreender o cinema não só como arte, mas como linguagem mobilizadora e desestabilizadora de nossas certezas” (2008, p. 14). As perguntas dirigidas a Xavier questionam, também, aquelas imagens

[...] que nos tocam, movem-nos, atingem-nos. Muitas vezes, parece-nos mais fácil analisar histórias e imagens cinematográficas nas quais estão presentes as famosas ‘estruturas de consolação’ ou, quem sabe, estruturas em que o jogo entre o bem e o mal é mais explícito; parece-nos, portanto, mais fácil falar de filmes organizados em torno de estruturas nas quais as imagens e sons apenas nos conduzem a um certo entendimento, muitas vezes mais restrito, mais fechado (2008, p. 17).

Xavier responde que, para ele, o que vale “[...] estética, cultural e politicamente – é a relação com a imagem (e a narrativa) que não compõe de imediato a certeza sobre este ‘do que se trata’ e lança o desafio para explorar terrenos não codificados da experiência” (2008, p. 17). O cineasta esclarece que não existe uma capacitação para uma recepção adequada de filmes, pois “[...] quase tudo depende da postura, de uma disponibilidade, de uma forma de interagir com as imagens (e narrativas), que têm a ver com todas as dimensões da nossa formação pessoal e inserção social. A recepção deve ser um acontecimento (original) [...]” (XAVIER, 2008, p. 17).

Nesse sentido, posso arriscar a dizer que os filmes provocaram acontecimentos originais, conforme a fala de AB: “Esses filmes que tu tá trazendo bota a pessoa a pensar, né? Bota a pessoa ver de um outro jeito, de um outro modo e as pessoas vão ver ali um sofrimento sem ter que sentir na própria pele, pode evitar o sofrimento graças ao conhecimento, ao acesso, ou seja, educação.” Compreendi que o participante trouxe na sua fala dois sentidos, um que diz respeito aos participantes pensarem e verem de outras formas, e o outro sentido é sobre outras pessoas poderem ver os filmes e evitarem, a partir daquelas imagens de sofrimento, cometerem os mesmos atos, e estes não se referem somente a usar ou não usar substâncias psicoativas, como verifiquei em vários momentos, mas também, no sentido de um outro olhar para as pessoas que usam substâncias psicoativas, e porque não, sobre estas próprias substâncias.

No filme *Bicho de sete cabeças* (2001) surgiu a seguinte situação: JK perguntou: “A senhora não vai vim mais aqui, né?” Falei que viria na próxima segunda-feira, pois ainda iríamos assistir a mais um filme. JK falou: “Querida ver se a senhora me emprestava prá mostrar prá mãe.” Respondi que sim. AB fez um pedido:

Viu, Sônia, se tu pudesse continuar, seria muito bom porque prá nós, prá cultura, prá nós debater um fato, toda equipe, todo mundo, paciente tudo aí oh, porque se for melhor prá acrescentar pras duas equipes, tanto prá quem trata como prá quem recebe tratamento, última alternativa prá poder parar com a droga ou prá quem tá interessado em parar, a cultura do cinema é ótima, passa um conhecimento muito bom, né? (AB, 2016).

Respondi para AB que iria verificar a possibilidade de continuar, incluindo outros temas. AB falou: “Cultura é uma das melhores oficinas que tem, porque além de ser uma coisa que tá ajudando todo mundo, é uma coisa de cultura, né? Nós estamos evoluindo, eu saio daqui evoluído.” O conceito de cultura aparece, na fala de AB, no sentido de mudança para melhor por utilizar a palavra “evoluído”, ou seja, que ele sente que evoluiu após participar no que diz ser, “oficinas de cultura.”

O conceito de cultura é complexo, controverso e não pretendo reduzi-lo a simplificações, portanto, para a interpretação do que percebi serem as significações do uso do termo cultura pelo participante, utilizarei algumas reflexões de Baumann (2012), a respeito do conceito de cultura, porém de forma sucinta, correndo o risco de perder a clareza. No entanto, a dimensão deste estudo não me permite ir além.

O sociólogo (2012) esclarece que, autores, no final do século XVIII, tentaram resolver a ambigüidade existente no conceito de cultura, que ora mostrava-se como liberdade, ora como determinação e que ele mesmo tentou, há trinta anos, superar as incoerências do conceito. No entanto, Baumann não pensa mais que a “[...] eliminação de tal ambivalência, se ela for ao menos concebível, seria uma coisa boa, reforçando, por assim dizer, a utilidade cognitiva do termo” (2012. p. 18). O autor referenciado crê, pelo contrário, “[...] que a ambivalência inerente a idéia de cultura, a qual refletia fielmente a ambigüidade da condição histórica que ela pretendia captar e descrever, era o que tornava essa idéia um instrumento de percepção e reflexão tão proveitoso e persistente” (2012, p. 18). Segundo Baumann, a ambigüidade que importa,

[...] a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o habitat humano como o ‘mundo da cultura’, é entre ‘criatividade’ e ‘regulação normativa’. As duas idéias não poderiam ser mais distintas, mas ambas estão presentes – e devem continuar – na idéia composta de ‘cultura’, que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível (2012. p. 18).

Estas ideias de cultura que os autores, conforme Baumann (2012), tentaram conciliar, promoveram, portanto, dois discursos, um que gerou a ideia de cultura “[...] como atividade do espírito que vaga livremente, o lócus da criatividade, da invenção, da autocrítica e da autotranscendência; o outro apresentou a cultura como instrumento da rotinização e da continuidade – uma serva da ordem social” (BAUMANN, 2012, p. 22).

Após esta breve contextualização, é possível dizer que o sentido de cultura que o participante trouxe em sua fala está inserido num contexto histórico, no produto do primeiro discurso, que remeteu a “[...] noção de cultura como capacidade de resistir à norma e de se elevar acima do comum [...]” (BAUMANN, 2012, p. 22). O autor continua, dizendo que, neste sentido, cultura significava aquilo que, “[...] presumivelmente, distinguia os espíritos mais ousados, menos submissos e conformistas: irreverência em relação à tradição, coragem de romper horizontes bem-delineados, ultrapassar fronteiras bem-guardadas e revelar novas trilhas” (p. 22-23). No entanto, estes feitos estavam reservados para uma minoria, para “[...] o resto da humanidade, ela vinha, na melhor das hipóteses, sob a forma de um presente” (p. 23), na forma de objetos de arte que poderiam ser adquiridos, ou, no máximo, compreendidos para serem apreciados por seres não criativos. Dessa forma, conforme Baumann, “[...] ao ganharem de forma oblíqua uma compreensão do mundo arcano da alta cultura, os membros da maioria não criativa se tornariam, não obstante, ‘pessoas melhores’ – passando por um processo de elevação, intensificação e enobrecimento espirituais” (2012, p. 23).

Pude perceber, ainda, implícita na fala de AB, o conceito de cultura no sentido de aprendizagem e mudança, quando disse: “[...] prá quem tá interessado em parar, a cultura do cinema é ótima, passa um conhecimento muito bom.” Compreendi que a ação de “parar”, significou para AB, naquele contexto, alterar o comportamento a partir de um novo conhecimento. Sendo assim, o sentido de cultura,

[...] como tende a ser visto agora, é tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua autopropagação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças (BAUMANN, 2012, p. 28).

Nesse sentido, teríamos agora, um conceito de cultura que “[...] nada pode produzir além da mudança constante, embora só possa produzir mudança por meio do esforço de ordenação” (BAUMANN, 2012, p. 28). Entendi esse novo conhecimento produzido na “cultura do cinema”, conforme falou o participante, tanto como vontade de mudança quanto como esforço de ordenação, pois se precisamos mudar, também necessitamos pensar no que nos tornaremos. Dessa forma, o cinema como prática cultural é o tema da próxima impressão.

4.4.2 Cinema como prática cultural

Conforme visto na impressão anterior, Baumann (2012) defende a ideia de que a cultura, além de se autoperpetuar precisa garantir o espaço para as mudanças. Verifiquei, também, que os participantes valorizam a cultura do cinema como meio de conhecimento. Esta impressão tem a intenção de compreender como isso poderia acontecer.

Duarte sustenta que o “[...] significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido” (2009, p. 44). Narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido, segundo a autora referenciada, “[...] sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas” (2009, p. 44). Mesmo narrativas cuja linguagem é diferente daquela a que estamos acostumados, podem ser bem compreendidas, afirma Duarte (2009), pois existe uma mediação permanente entre nossa cultura e outras com hábitos distintos.

O cinema indústria, conforme a autora, tornou acessível ao maior número possível de pessoas os códigos da linguagem cinematográfica, ao “[...] criar uma forma de narrar que cruzasse diferentes codificações culturais” (2012, p. 45). Dessa forma, esclarece Duarte, determinados modelos de representação de temáticas alcançaram sucesso junto ao público, pois “[...] atravessam a maioria das culturas, tais como as definições de masculinidade, feminilidade, infância, dever, honra, patriotismo e assim por diante” (2012, p. 45).

Foi possível perceber na representação de nossa temática dos filmes, o uso e/ou abuso de substâncias psicoativas, por exemplo, na cena de síndrome de abstinência de heroína, representada por Jim (protagonista cujo ator é Leonardo DiCaprio) no filme *Diário de um adolescente* (1995). É uma cena em que ele parece estar à beira da morte. De acordo com Hart, o “[...] comportamento vicioso obedece a regras e é determinado por situações, exatamente como outros tipos de comportamento, ele não é estranho ou especial quanto nos fazem crer” (2014, p. 254). Estes sintomas, de acordo com o neurocientista (2014), de um modo geral, são bastante exagerados e nos fazem pensar que a pessoa viciada em heroína não será capaz de suportar os sintomas de abstinência e, portanto, não consegue parar. Ele sustenta que podemos constatar sintomas de

[...] abstinência física em usuários crônicos de opióides (como heroína e morfina) que suspendem abruptamente o consumo. Os sintomas em geral começam cerca de doze a dezesseis horas depois da última dose e se assemelham aos de uma gastroenterite. Muitos de nós já tivemos esses sintomas em algum momento: náusea, vômitos, diarreia, dores e um terrível mal-estar. Ainda que esse estado seja muito desagradável, raramente põe a vida da pessoa em risco, embora se insinue, nos filmes, que a pessoa fica à beira da morte (HART, 2014, p. 254).

Os estudos de Hart confirmam que existe um estereótipo socialmente construído sobre as pessoas que usam substâncias psicoativas, que além de não contribuir em nada para o conhecimento sobre este tema, ainda atrapalham, tanto as pessoas que tratam quanto as que são tratadas. Embora o filme *Diário de um adolescente* (1995) seja um filme baseado em fatos reais, e de certa forma, como disseram os participantes: “bem como acontece na realidade”, ele é um filme de 1970, e mesmo com muitas críticas sobre a questão social do uso de drogas e de ser um filme bem contextualizado, o filme ainda é muito forte na questão da culpabilização do usuário, como se fosse o maior e talvez o único responsável pelo “vício”. Isso fica claro na palestra que Jim (personagem de Leonardo DiCaprio) faz, quando já está recuperado, numa escola para alunos que parecem ser de nível médio, no final do filme, assim refere:

Sabem, tem tipos diferentes de usuários de drogas. Tem os idiotas ricos que aparecem de vez em quando. Sempre têm dinheiro suficiente para fugir pra Riviera se acharem que estão chegando perto da zona de perigo. Os viciados de rua odeiam esses idiotas. Mas sempre têm uns otários e o dinheiro deles dá para suportar. Tem os embonecadinhos da classe média alta de Westchester. São basicamente iguais aos primeiros, só servem para abrir os olhos... da mamãe e do papai pro vírus social e botar pressão no governo prá fazer alguma coisa. E temos nós, garotos de rua. Começamos bem moleques, treze por aí, temos tudo sob controle, não vamos entrar no vício. Raramente funciona, eu sou uma prova viva. Mas, no final, tem que encarar o viciado como outro emprego, das nove as cinco. Só que as horas têm maior tendência às sombras (DIÁRIO DE UM ADOLESCENTE, 1995).

Entendo que a frase proferida por Jim, neste discurso, “temos tudo sob controle, não vamos entrar no vício, raramente funciona, eu sou uma prova viva” (DIÁRIO..., 1995), tem o sentido de escolha, como se fosse possível evitar uma tragédia se não tivessem escolhido experimentar.

A cultura do cinema, portanto, conforme Duarte, é objeto de preocupação por parte dos estudiosos, pois apesar das convenções que retroalimentam cinema e sociedade servirem como instrumento de reflexão, a forma como são repetidas “[...] constituem um padrão amplamente aceito e dificultam ou retardam o surgimento de outras formas de representação, mais plurais e democráticas” (2009, p. 48).

Todos os filmes que assistimos neste estudo têm elementos plurais, e embora, contenham alguns *clichês*, eles nos permitiram refletir e fazer leituras variadas. No filme *Intocáveis* (2011), posso dizer que sentimos um sopro de energia para a possibilidade de aprendizagem e mudança, tema da próxima impressão.

4.4.3 Cinema e educação

Conforme falou o participante, AB, os filmes provocaram novas formas de pensar e podem evitar sofrimentos graças ao conhecimento e acesso a educação. Disse ainda que, “[...] a prevenção, a metodologia não tem que deixar acontecer, tem que prevenir.” Compreendo que AB referiu-se à forma como às vezes são tratados alguns programas de prevenção de uso de substâncias psicoativas que procuram fazer com que as pessoas não experimentem drogas e pensamos se isso seria possível. Comentei com o participante que às vezes as coisas em nossas vidas são inevitáveis, mas que podemos reescrever uma nova história. AB comentou: “Essa gringalhada aqui da colônia é muito preconceituosa.” A isso argumentei que o maior preconceito é o nosso com nós mesmos, pois quem já não fez coisas na vida que não gostaria de ter feito?

AB respondeu: “O objetivo é aprender, é se fortalecer, é ter o conhecimento.” JK entrou na conversa: “Com 40 anos não aprende mais.” AB complementou: “Eu aprendo todo dia.” Falamos, então, da possibilidade das pessoas aprenderem durante toda a vida. AB concluiu: “Eu penso assim também, só que né...”

Neste diálogo, penso estar implícita uma concepção de educação limitante, na qual existe a crença de que o ser humano aprende até uma certa idade e que existem idades certas para estar em determinados níveis de ensino e que passadas estas idades as chances de continuar aprendendo seriam quase nulas. Conforme Zabalza, o enfoque mais interessante sobre formação adotado nos últimos anos diz respeito à necessidade de vinculá-la a todo o ciclo vital das pessoas. “Reforça-se, assim, a idéia de que a formação transcende a etapa escolar e os conteúdos convencionais da formação acadêmica, constituindo um processo intimamente ligado à realização pessoal e profissional dos indivíduos” (2004, p. 53).

As concepções limitadas de educação atrapalham o desenvolvimento das pessoas, já que acreditam não ser mais possível aprender ou mudar depois de certa idade. Também a ideia de que o uso de substâncias psicoativas prejudicam o funcionamento cognitivo é algo bastante controverso de acordo com estudos de Carl Hart. Foram feitas muitas pesquisas que, segundo o neurocientista (2014), têm seus resultados bastante duvidosos. Hart explica que cada vez que surge uma nova substância psicoativa no mercado, a mesma é colocada como pior que a anterior, mais viciante e mais devastadora física e mentalmente. “Toda vez que uma nova droga é introduzida numa sociedade e um número relativamente pequeno de indivíduos marginalizados faz uso dela, histórias incríveis sobre os efeitos da droga se disseminam e são aceitas como verdadeiras” (2014, p. 282). Foi assim com o crack e agora

era a vez da metanfetamina e de seus efeitos devastadores e irreversíveis. Hart alerta para as falhas dos testes e desconstrói, através de seus estudos, os resultados dos pesquisadores e suas interpretações inadequadas e alerta que “[...] não estamos de modo algum tão perto de distinguir o cérebro de um viciado em drogas do cérebro de um não viciado” (2014, p. 289).

Tive, dessa forma, diferentes informações com as quais consegui compreender os efeitos do uso e abuso de substâncias psicoativas, sendo que, cada uma delas leva a condutas diferentes em relação a estas substâncias. No entanto, quais as informações que potencialmente podem provocar mudanças nas pessoas e quais restringem? Compreendo que a concepção de formação de Foucault nos é particularmente útil. De acordo com Almansa, o sentido de formação para o filósofo é de uma

[...] formação como processo, a qual gira em torno de uma forma de cultura na qual a relação consigo é sobremaneira importante para uma aprendizagem que mobiliza ética e esteticamente, o si do sujeito. Esta conjuga, por sua vez, tanto um conhecimento sobre si mesmo, quanto sobre o outro e sobre a vida (2013, p. 14-15).

Este processo formativo o qual Foucault chama de cuidado de si “[...] tem sempre necessidade de passar pela relação com um outro que é o mestre” (2006, p. 73). Este cuidado de si exige uma prática de si e,

[...] deve permitir desfazer-nos de todos os maus hábitos, de todas as opiniões falsas que podemos receber da multidão ou dos maus mestres, como também dos pais e dos que nos cercam. ‘Desaprender’ (*de-discere*) é uma das importantes tarefas da cultura de si (FOUCAULT, 2006, p. 602 grifo do autor).

O filósofo também afirma ser relevante “[...] nesta prática da alma a multiplicidade das relações sociais que podem lhe servir de suporte” (2006, p. 603). Pude considerar, assim, que o cinema é um potente dispositivo na prática do cuidado de si e que, através da educação do olhar e das discussões sobre os filmes é possível produzir outros discursos e outras formas de ser e se relacionar. Descrevo, na sequência, uma variedade de discursos sobre substâncias psicoativas e seus usos.

4.5 Substâncias psicoativas: usos e abusos

Aquilo que me parecia ser um discurso único quando falava sobre “substâncias psicoativas”, o qual emergia, quase sempre, num sentido negativo, amedrontador e as vezes quase como que a onipresença de um mal que vem de fora, ou seja, que paira sobre a vida em

sociedade e sobre o qual não temos controle e que é preciso erradicar, foi se desconstruindo conforme avancei nas informações sobre suas nuances, bem como no conhecimento sobre seus discursos historicamente contextualizados. São várias as experiências com estas substâncias e também variadas suas percepções, as quais descrevi durante o trabalho com os participantes de um CAPSad e procurei compreendê-las através das seguintes impressões: Legalização, redução de danos e uso medicinal; drogas leves e pesadas; sensibilidade e anestesia.

4.5.1 Legalização, redução de danos e uso medicinal

O filme *O Barato de Grace* (2000) provocou questionamentos sobre a legalização da maconha no Brasil. HI falou: “[...] acho injusto o álcool ser legalizado e a maconha que é uma droga bem mais leve não ser legalizada, que o cara falou ali no filme.” O participante referiu-se a fala do personagem do filme, um médico. Esta fala do médico acontece quase no final do filme, onde Grace aparece na TV falando de seu livro e várias pessoas do lugarejo onde ela mora deram entrevistas sobre o livro. Todos os que foram entrevistados estão no bar, assistindo ao vivo a reportagem da premiação do livro de Grace. O médico faz a seguinte fala na entrevista: “Como médico, homem de ciência, eu nunca admitiria o uso da droga sem fins terapêuticos” (O BARATO..., 2000). A cena do filme passa, então, para o bar, onde as pessoas estão assistindo TV, foca o médico e uma pessoa que pede para ele se tem “algum” e o mesmo responde: “Mais tarde, é da boa” (O BARATO..., 2000).

A cena retorna para a entrevista que acontece na TV e o médico continua: “Mas parece estranho o álcool ser legal e a maconha não. É um acidente da história, suponho” (O BARATO..., 2000). Neste momento, CD constatou: “Já tem alguns países como a Holanda e o Uruguai que tá liberado, né?... A Argentina também, só aqui no Brasil que ainda não vigorou a lei.” JK perguntou: “Porque aqui no Brasil não revigora a lei?” Perguntei para os participantes porque eles achavam que no Brasil não existia esta lei. HI respondeu: “Por que tem muito traficante, acho, por trás, gente grande que ganha muita grana e se legalizasse não ia ter como.” O membro da equipe que estava participando falou: “Não ia ter esse custo, vai diminuir.” Os participantes seguiram, então, discutindo o preço da maconha no mercado.

Quanto à questão do por que da proibição da maconha no Brasil, Ribeiro (2016) fez um estudo em que traz diversos textos que datam do período que vai de 1915 a 1960, os quais são produzidos por médicos, psiquiatras e cientistas, muitos deles ocupantes de cargos administrativos. Estes profissionais tinham a intenção de elevar seus estudos ao estatuto de

ciência. O autor referenciado analisou estes discursos sobre pessoas que, pelo fato de “[...] cultivarem o hábito do consumo de maconha, foram conectados a uma identidade degenerada, patológica, delinqüente, sendo constituídos como sujeitos-objetos de um controle político, médico, educacional, penal e moral” (2016, p. 32). Ribeiro continua esclarecendo que essa produção de conhecimento que

[...] embasou a ação política institucional do Estado o sujeito usuário de maconha foi construído historicamente, no Brasil, entre o início e o meado do século XX, como um sujeito patológico e criminógeno, identidade derivada dos preconceitos que organizavam as formas de controle exercidas pelo Estado brasileiro sobre as populações de negros e mestiços, caboclos pobres e nortistas que eram os principais consumidores de maconha e que configuravam as chamadas ‘classes perigosas’, consideradas como ameaças à manutenção dos privilégios que caracterizavam a partilha de poder entre as elites brancas e urbanas herdeiras do colonialismo (2016, p. 32).

Na mesma direção, Hart, antes de iniciar seus estudos com substâncias psicoativas, pensava que “[...] a situação legal de determinada droga era estabelecida basicamente por seu teor farmacológico” (2014, p. 234-235). No entanto, o neurocientista constatou, mais tarde, que

[...] não havia motivos farmacológicos sólidos e racionais para o fato de o álcool e o tabaco serem legais e a cocaína e a maconha, não. Tratava-se, sobretudo, de um problema de razões históricas e sociais, de escolher os perigos relacionados a drogas que seriam ressaltados para alimentar a preocupação da opinião pública e os que seriam ignorados. Parecia que os verdadeiros motivos farmacológicos quase nunca eram levados em conta ou eram minimizados (2014, p. 235).

Com estas breves citações destes dois autores, pude compreender e talvez responder em parte aos questionamentos dos participantes quanto aos critérios de legalização ou proibição de substâncias psicoativas. Encontramos nos estudos de Ribeiro (2016) e de Hart (2014), subsídios para entender esse processo histórico de discursos sobre uso e usuários de maconha. Contudo, esses discursos que datam do início do século passado vêm sendo desconstruídos e reelaborados na contemporaneidade, tanto por cientistas quanto por usuários de maconha, estes últimos reivindicam seu direito de usar a substância. Ribeiro fala da comunidade virtual *Growroom* (comunidade virtual de usuários de maconha acessível através do endereço eletrônico www.growroom.net), objeto de seus estudos e que constitui um

[...] campo reflexivo no interior do qual esses indivíduos problematizam sua situação enquanto usuários da substância e elaboram práticas por meio das quais podem se tornar objetos de sua própria ação, exercendo poder sobre si mesmos e governando suas condutas de modo a melhor administrar não só o consumo da droga de modo por eles considerado satisfatório, com também suas relações com os outros nas mais diversas instâncias da vida, como a família, o trabalho, os ambientes educacionais, etc. (RIBEIRO, 2016, p. 33).

Portanto, aqueles discursos que produzem condutas sociais e individuais convivem atualmente com outros discursos que defendem a autonomia e a liberdade no uso de substâncias psicoativas, sendo que a legalização, a redução de danos e o uso medicinal da maconha são polêmicas atuais que tratam deste tema. Não existem respostas simples para estas questões, ou seja, proibir ou legalizar e conforme Hart (2014) a legalização não é a única alternativa viável. “A proibição das drogas, atualmente a política prevalescente no setor, e a legalização são pólos opostos de um *continuum*. Há muitas alternativas entre os dois” (2014, p. 308).

Uma dessas alternativas é a descriminalização, esclarece o neurocientista, e que não podemos confundir com legalização. A diferença está em que na legalização “[...] venda, compra, uso e posse de drogas são legais. As políticas que hoje adotamos de regulamentação do álcool e do tabaco, para os que têm idade permitida, são exemplos de legalização de drogas” (HART, 2014, p. 308). Enquanto na descriminalização, conforme Hart, “[...] a compra, o uso e a posse de drogas podem ser punidos por intimação judicial, exatamente como acontece com o tráfico. As drogas continuam a não serem legais, mas as infrações não levam a condenações penais” (HART, 2014, p. 308). Estas condenações, de acordo com o cientista são “[...] exatamente aquilo que tem impedido tantas pessoas de conseguir emprego, habitação, benefícios governamentais, tratamento, e assim por diante” (2014, p. 308). Hart ainda informa que “[...] 80% das detenções por delitos envolvendo drogas nos Estados Unidos dizem respeito à simples posse” (2014, p. 308). O cientista ainda alerta para o fato de que para que ocorra um debate sério nesta área “[...] é necessário em primeiro lugar que o público seja reeducado sobre as drogas, separando-se os verdadeiros riscos em potencial das invenções monstruosas e cáusticas” (2014, p. 311), e que também não podemos esperar mudanças a curto prazo para não nos desapontarmos, por que os mitos e crenças sobre drogas são profundamente arraigadas.

Estão sendo discutidos, atualmente, os usos da maconha para “redução de danos” e para “fins medicinais”. Estes usos aparecem na fala de AB, no terceiro encontro, quando conversávamos sobre o filme *O barato de Grace* (2000). “A maconha é uma droga leve,

deveria ser legalizada, pois ela é ótima para a redução de danos e também tem propriedades medicinais, estão usando para o Alzheimer, o Parkinson, as drogas mais destrutivas são o crack e a heroína.” Depois, este mesmo usuário comenta: “Graças à maconha o cara para com o remédio, com a química, dos males o menor. A maconha é um remédio, tipo um estabilizador do humor.”

De acordo com Lancetti, a “[...] Redução de Danos (RD) é uma política e uma prática de saúde pública definida como uma série de procedimentos destinados a atenuar as consequências adversas do consumo de drogas” (2014, p. 77). Esclarece o autor supracitado que, como política, “[...] é frontalmente divergente da política predominante de combate às drogas, fundamentada na criminalização, com o objetivo de eliminá-la” (2014, p. 77). Esta política é baseada numa filosofia de “ampliação da vida” e, portanto, sua complexidade vai além do uso da maconha como substância psicoativa substituta para outras substâncias psicoativas, como afirma o participante. Todavia, este uso é uma das prerrogativas da redução de danos, e como constatei, defendida pelos usuários do CAPSad como algo que tem lhes ajudado a superar a falta da “droga química”, como a denomina AB.

Quanto ao uso medicinal da maconha, já não é mais novidade, pois com frequência assistimos nos meios de comunicação de massa debates à respeito. Existe uma forte pressão, principalmente das famílias com pacientes que beneficiam-se do uso da maconha, para que seja liberada para este fim. Falaremos um pouco mais sobre a maconha e outras substâncias na próxima impressão.

4.5.2 Drogas leves e pesadas

A redução de danos continuará a ser tratada nesta impressão, pois um dos aspectos desta prática é a substituição de drogas mais danosas por outras de menor risco. Esta prática é incentivada no CAPSad e adotada por vários dos participantes. É possível verificar, nas falas a seguir, como a maconha, por exemplo, substância utilizada para a redução de danos é amplamente defendida pelos usuários daquele serviço de saúde mental.

Por várias vezes, os participantes, classificaram as substâncias psicoativas em drogas leves e pesadas, e informaram que a maconha é uma substância que pode ser usada na redução de danos. Conforme Lancetti existem experiências que ainda não foram suficientemente avaliadas e que

[...] acontecem na substituição de *crack* por maconha: os usuários da experiência citada comentaram que o que mais contribuía para suportar a *fissura* era o ato de *enrolar o baseado*, mais que as propriedades ansiolíticas da *cannabis*. A maconha, como o *crack*, é fumada (2014, p. 82, grifos do autor).

O médico citado esclarece que estas experiências de redução de danos não são descobertas de soluções mágicas “[...] para o sumamente complexo problema das drogas, mas uma via de inserção que permite navegar nas águas borrascosas dos empreendimentos mortíferos da droga” (2014, p. 83).

Outro participante, ZA, cujo problema é com álcool, falou: “Eu não uso, mas quanto mais eu vejo sobre a maconha, mais tenho vontade de usar.” XY disse que o filme não tinha nada a ver com ela, que nunca usou essa droga e nem tem curiosidade. GH também falou que o filme não disse nada para ele. TU disse que o problema dela não era maconha, que nunca tinha fumado, mas que achava que a maconha era uma coisa muito boa e deveria ser liberada. HI falou: “A maconha me deixa bem feliz.” IJ complementou: “Uma coisa que me deixa bem feliz é a branca, mas uma coisa que eu nunca vou experimentar é a pedra.” HI comentou que fumou pedra e não gostou do efeito. PQ falou: “Não gosto de breu, me deixa mal, muito idiota, dá fome, engorda.” HI sugeriu que ela desse uma cafungada (cheirar cocaína) no final de semana para equilibrar o peso (cocaína tira a fome) e deu risada, ambos riram.

Em relação a esta troca, Domiciano Siqueira (profissional da área de saúde que coordenou o I Projeto de Redução de Danos em Porto Alegre em 1996) numa entrevista com Antonio Lancetti, fala que não importa muito “[...] o fato de ter mudado de uma droga para outra, mas o fato de ela ter pensado, parado para pensar em fazer trocas, porque normalmente se acredita que a pessoa que está no embalo de um uso de drogas não pensa em mais nada, que ela só pensa naquilo, [...]” (SIQUEIRA apud LANCETTI, 2014, p. 64).

O programa de redução de danos, a princípio, era para prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, principalmente, a AIDS entre viciados em drogas injetáveis. Para isso faziam a distribuição de seringas descartáveis para que os usuários não compartilhassem a mesma seringa, evitando o contágio. Depois, foram estendendo esta estratégia para os usuários de outras substâncias psicoativas e desenvolvendo outras tecnologias para este fim, sendo que uma delas é a substituição de algumas drogas por outras de menor impacto na saúde. Domiciano Siqueira acredita que,

[...] uma pessoa que pára, a ponto de pensar e de possibilitar uma mudança de droga, é porque ela pensou muito, ela fez um esforço muito grande. É esse o esforço que se considera, quando a gente propõe, por exemplo, resgate da cidadania, resgate da autoestima, qualidade de vida, tudo isso passa por esse ponto fundamental que é o ‘parar para pensar’. Não tem nada que a gente possa fazer por alguém, não só no caso dos usuários de drogas. Não acredito que se possa fazer nada por ninguém no mundo que seja mais importante do que ajudar essa pessoa a ‘parar para pensar’ (SIQUEIRA apud LANCETTI, 2014, 64).

HI falou: “Às vezes eu chego do trabalho com vontade de quebrar tudo, daí eu fumo um e fico bem calminho.” Alguém, então, falou que a maconha não causa danos. Comentamos que causa problemas de memória. HI completou: “É, eu li que lendo três páginas por dia já compensa esse problema da maconha.” Neste momento, interrompemos a conversa, pois nosso tempo havia esgotado e estava na hora do almoço dos participantes.

No sexto encontro assistimos, novamente ao filme *O Barato de Grace* (2000), porém, do início ao fim. Após algumas falas, AB comentou: “Apesar que eu acho que a maconha não prejudica, não prejudica fisicamente muito, né? Tu não fica mal ali e coisa, agora, droga tu não consegue fazer nada, tu não quer conversar, não quer participar de nada, fica horrível”. HI complementou: “Só vive prá ela.”

Hart expõe o percentual de que mais de “[...] 75% dos usuários de drogas – façam eles uso de álcool, remédios ou drogas ilegais” (2014, p. 23), não enfrentam o problema do vício. O neurocientista informa que a definição mais amplamente

[...] aceita de vício – a que se encontra no manual psiquiátrico *Diagnosticand Statistical Manual of Mental Disorders*, ou *DSM -0* a utilização que uma pessoa faz das drogas deve interferir em funções vitais importantes, como os cuidados com os filhos, o trabalho e as relações íntimas. O uso deve prosseguir, apesar das conseqüências negativas, de ocupar muito tempo e energia mental, e persistir, não obstante renovadas tentativas de parar ou diminuir. Também pode incluir a experiência de precisar mais da mesma droga para conseguir o mesmo efeito (tolerância) e sofrer sintomas de crise de abstinência com a súbita suspensão do uso (2014, p. 22-23).

Na mesma direção, Dahlke afirma que, se aplicarmos esses

[...] critérios aos setores mais insuspeitos da sociedade, como o consumo de energia, por exemplo, podemos detectar tendências ao vício. Estamos tão acostumados à abundância de energia que o medo nos domina imediatamente quando pensamos no dia em que ela deixar de ser suficiente (2001, p. 220).

O autor continua, dizendo que, ansiamos a aumentar cada vez mais a dosagem da televisão e que já não basta

[...] um caso de homicídio, como nos filmes policiais fora de moda, os modernos seriados de ação nos entretêm com sangrentos assassinatos em série e matadores sádicos. Mas também na indústria, na economia e até mesmo no esporte, o aumento da dosagem é notório: sempre mais, sempre melhor, mais eficaz, mais lucrativo, mais rápido, mais alto, em tudo o tema geral é mais, mais, mais (2001, p. 220).

Dahlke sustenta que a “[...] totalidade desses aspectos exprime o fato de que nós, coletivamente, nos extraviamos tanto quanto os viciados individuais. Isso é tão evidente que, em uma auto-observação mais detida, quase todos detectamos componentes de vício em nós mesmos” (2001, p. 220).

Contudo, o fato é que, a maioria das pessoas que fazem uso de substâncias legais ou ilegais, não tornam-se dependentes, afirma Hart (2014), sendo que, quase não existem estudos nesta área, ou seja, não conhecemos os fatores que contribuem para que estas pessoas não venham a fazer uso problemático com substâncias psicoativas. Hart também sustenta que “[...] certas ideias equivocadas atrapalham as tentativas de melhorar a educação e as políticas relacionadas às drogas” (2014, p. 23).

Refleti, então, sobre o fato de que, na maioria das vezes, as pessoas que fazem uso problemático de substâncias psicoativas parecem que precisam ficar o resto da vida lembrando disso, e, para elas, o prazer, o lazer, o divertimento, torna-se algo perigoso. Ora, como viver sem termos prazer e satisfação com a vida? Ou melhor, como poderiam as pessoas reaprenderem a viver, a sentir a vida, a não ter medo de suas sensações, sejam boas ou ruins, ampliar sua existência? Falaremos sobre isso na próxima impressão.

4.5.3 Sensibilidade e anestesia

Como estou tratando, neste estudo, principalmente, sobre a questão do uso problemático de substâncias psicoativas, achei importante aprofundar um pouco mais o significado de vício. Encontrei em Dahlke uma breve etiologia da palavra que foi de grande ajuda para aprofundar a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. O médico citado esclarece que, longe “[...] de ser um problema exclusivo da nossa época, o vício sempre foi conhecido. Outrora era classificado e tratado muito mais generalizadamente como um perigo no curso da vida” (2001, p. 215). Segundo o autor, os vícios relacionam-se estreitamente à busca e afirma que, “[...] a sociedade burguesa do bem-estar tem, de longe, o mais elevado potencial de vício de todas as formas de sociedade e impele seus filhos – sem o saber, mas nem por isso menos resolutamente – aos quadros de dependência que surgem em toda parte” (2001, p. 216-217).

Ao trazer vários exemplos em que são utilizadas substâncias psicoativas em rituais, tanto na antiguidade quanto ainda hoje, como nas tribos montanhesas na Tailândia, Dahlke afirma que o problema “[...] não são as drogas, como querem nos convencer os médicos e principalmente os políticos, e sim a falta de vínculo ritual e da postura interior adequada à jornada da vida” (2001, p. 218). Este tema apareceu na conversa do sexto encontro, após assistirmos ao filme *O barato de Grace* (2000). No final deste filme aparecem cenas das pessoas sob o efeito da maconha, dançando felizes e suas diferenças desapareceram. Estão todos juntos se divertindo, policiais, idosos, traficantes, etc. HI comentou em relação a esta cena: “Numa *vibe* bem boa.”

Lembro, então, que a maconha e as substâncias psicoativas psicodélicas foram fenômenos de uma época. Elas lembram o festival de *Rock Woodstock* que aconteceu em 1969.” HI disse: “Ácido.” AB falou: “*The Doors*.” Comentei que para esta geração o uso de substâncias psicoativas estava vinculado a expansão da consciência e que existia, inclusive, uma intenção de desenvolvimento espiritual no uso. Determinadas substâncias psicoativas são usadas dentro de rituais religiosos, por exemplo, o uso do ópio, substância utilizada para a produção de heroína. AB complementou: “Papoula, o Xamã, né?” HI complementou: “Xamã, índio.”

No entanto, falei sobre o fato do uso de substâncias psicoativas significar também uma fuga da existência e que, atualmente, existem outros motivos para este hábito. AB falou: “Eu não uso maconha prá fuga da realidade, eu já tô legal e quero ficar melhor ainda, entendeu?” O membro da equipe que estava participando disse: “Mas não deixa de ser uma fuga da realidade.” AB contestou: “Não, prá mim não, eu quero ficar melhor ainda, não é a droga química.” Esclareci que a fuga da realidade se caracteriza pelo uso compulsivo da droga. AB respondeu: “Sim.”

Penso que esse diálogo encontra respaldo nas idéias de Dahlke sobre busca e vício e, portanto, podemos olhar para o uso de substâncias psicoativas sob outra perspectiva sem deixar de compreender o potencial de vício. Ainda para os Híppies, segundo Dahlke, a busca era uma

[...] aspiração acentuada, de modo que eles consumiam as drogas psicodélicas, que possibilitavam impressionantes experiências interiores, praticamente sem potencial de se viciar fisicamente. Em expressões como ‘*LSD-trip*’, ainda se manifesta a idéia de caminho, se bem que já se vislumbra o perigo de se extraviar e entrar em uma *viagem* (2001, p. 218 grifo do autor).

Conforme o médico, pesquisadores sérios, “[...] como Stanislav Grof, estimularam os pacientes a viajarem em seu próprio mundo imagético e foram bem-sucedidos em lhes dar acesso aos seus mundos espirituais interiores” (2001, p. 219).

Todavia, maior sensibilidade, segundo Duarte Júnior, vale dizer: “[...] menor anestesia perante a profusão de maravilhas que este mundo nos permite usufruir e saborear. Uma vida mais plena, prazerosa e sabedora de suas capacidades e deveres face a consciência de nossa interligação com os outros e as demais espécies do planeta” (2001, p. 180-181).

Retomar a busca, que provavelmente não vai cessar porque é a própria vida, incessante movimento e criação. Entender o vício como sintoma, porque ele é algo que não quer morrer, quer se perpetuar *ad aeternum*. Enfrentar o desafio que o novo propõe, e ao qual antecede o vazio necessário, a angústia inevitável, enfrentar a dor e o prazer que vem da vida, que de uma forma ou outra estamos sempre tentando reduzir e minimizar, pois temos medo e o medo nos fecha, nos subtrai os sentidos. Talvez o uso de substâncias psicoativas seja uma solução temporária até o momento em que a pessoa possa retomar a busca, talvez este uso seja uma forma de mantê-la viva, uma ajuda para suportar a dor, que podemos ilustrar com o caso de Gil Scott-Heron, do qual fala Hart (2014). O compositor, segundo Hart, traduz seus lamentos da perspectiva de um negro viciado em heroína. “O herói da canção ‘*Home is where the hatredis*’ tenta em vão usar drogas para aliviar a dor, uma dor tão forte que ele até pensa em nunca mais voltar para casa” (2014, p. 179).

Sendo assim, a pessoa pode retomar a busca, sem que isso signifique trocar o vício nas substâncias psicoativas pelo vício de ter que ficar eternamente parando com estas substâncias. Lancetti lembra uma colocação de Deleuze, de que, “[...] não são os que usam, mas os que estão em eterna abstinência, os que nunca param de parar. E os alcoólicos anônimos fundamentam o tratamento na abstinência e esse fundamento vira uma ideologia de luta contra as drogas” (2014, p. 71). No entanto, Lancetti aponta também para o outro lado do enunciado dos alcoólicos anônimos, que corresponde ao primeiro passo: “[...] admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas” (2014, p. 70). Para Bateson, segundo Lancetti, esse enunciado “[...] não significa uma rendição, mas uma mudança epistemológica. Esse deslocamento epistemológico, uma mudança na forma de entender o mundo, faz com que as pessoas entendam sua vida de um outro ponto de vista” (2014, p. 70-71).

Teria muito ainda a falar sobre estas questões, no entanto, devido à dimensão deste estudo, precisei fazer alguns recortes. Contudo, para dar conta desta complexidade em que nos vemos envolvidos vale citar uma frase da qual lembra Hart, atribuída a “[...] José Martí,

em seu ensaio *Sobre Oscar Wilde*, de 1882: “O conhecimento de diferentes literaturas é a melhor maneira de se libertar da tirania de alguma delas” (2014, p. 284).

O enunciado de Martí nos alerta, portanto, para as inúmeras distorções nas quais poderemos incorrer se não tratarmos o tema das substâncias psicoativas, seus usos e abusos na sua complexidade, principalmente refletindo sobre nossos preconceitos e crenças que nos incapacitam de lidar com a questão em todas as instâncias da vida, visto que, estas substâncias e os vícios estão presentes sob muitas aparências. Com este parágrafo, me conduzo ao espírito das considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos na área de cinema e educação já se constituem em ampla fonte de referências, nas quais encontrei variadas reflexões sobre o tema. O cinema é, desde o seu início, objeto de estudo da filosofia. A imagem em movimento, arte recente, com seus poucos mais de cem anos, criou ou mesmo alterou nossa forma de ver o mundo.

As vivências através do cinema com usuários de um CAPSad foram intensas e constituíram-se em processos educativos estéticos. Os filmes despertaram os sentidos com suas cores e sons, provocaram emoções, produziram pensamentos, sensações e sentimentos. Após assistirmos a um filme que toca, ele passa a fazer parte da experiência de cada um. O cinema no CAPSad foi um acontecimento, onde nos dispomos a romper, temporariamente, as barreiras entre ficção e realidade e permitimos que as imagens e todo aparato cinematográfico nos afetasse. Foi possível, através dos filmes, vivermos uma gama de emoções, inclusive, as mais inconfessáveis.

Necessitei, portanto, para compreender esta profusão de estímulos externos e internos, de um vasto repertório no universo simbólico, e para isso precisei dar sentido às sensações sempre cambiantes. A vida é movimento e criação, portanto nunca cessa de nos apresentar questões, às quais precisamos responder com criatividade se não quisermos cristalizar nossos hábitos que são como peles e se tornam obsoletos ao longo da existência.

A liberdade para ser e nos comunicar, durante o processo de investigação no CAPSad, foi condição para vivenciar e despertar nossos sentidos. O processo de decisão e escolha dos filmes iniciado junto aos participantes foi fundamental para a constituição de vínculos e criação de um clima de confiança para nos expressar com espontaneidade. No CAPSad, onde foi realizado o estudo, já existe uma cultura neste sentido, sendo que isso facilitou, consideravelmente, meu trabalho. A relação de amizade e confiança que tive com algumas pessoas da equipe de trabalho do CAPSad também favoreceu esta pesquisa.

O território no qual estive, por quase três meses, produzindo informações para este trabalho, ajudou-me a perceber que não somos, nós, “os normais”, tão estrangeiros quanto gostaríamos. A fronteira que nos separa é mais política do que farmacológica. Existem processos históricos que criminalizam determinadas substâncias psicoativas e permitem outras. Esses processos foram construídos a partir de preconceitos e interesses de alguns grupos e permanecem até hoje.

Os usuários de substâncias psicoativas consideradas ilegais são como quaisquer outros seres humanos, com suas dificuldades perante a vida. No entanto, o estigma faz deles pessoas

“desacreditáveis”. Isso só aumenta o peso de suas existências, pois carregam a sombra projetada por nós. Essa sombra é densa e fica mais difícil encontrar caminhos através dela. Nossos preconceitos rompem a comunicação sobre este tema, tornando os diálogos repetitivos e inócuos.

Não precisei de um olhar muito acurado para constatar que, na educação, tanto formal como familiar, a forma de tratar o tema sobre substâncias psicoativas, quando é tratado, não provoca resultados muito positivos. Temos o trabalho realizado por policiais e também por algumas organizações que levam dependentes químicos às escolas para dar depoimentos sobre suas histórias de vida. Não encontrei estudos sobre a eficácia desses métodos de “prevenção” do uso e abuso de substâncias psicoativas.

Entendi que o cinema é um dispositivo que pode nos ajudar a refletir sobre estas questões, pois encontramos filmes que abordam o tema com conteúdos e formas que “nos fazem pensar”. Vários participantes deixaram-se entrever, e pude compreender, em parte, suas vivências e também consegui, de alguma forma, vê-las sob outras perspectivas e atribuir-lhes outros significados.

No desenvolvimento do terceiro capítulo foi possível nomear algumas inquietações que transporte em minha bagagem de dúvidas e perguntas. Algumas foram respondidas e outras foram geradas, não sei se a bagagem ficou mais leve e isso nem é relevante, pois “todo peso, assim como todo sofrimento, é relativo”.

Os participantes pediram para que continuássemos com a “oficina de cultura” ou “oficina de cinema”. Uma oficina é um lugar, onde se pode vivenciar, sentir, pensar e agir de uma forma artesanal e singular, porém dentro de um coletivo com sentimento de pertença, fundamental para constituirmos vínculos e produzirmos cultura e porque não, até “cinema”.

Estou dando seguimento ao trabalho, quinzenalmente, no CAPSad, conforme solicitaram os participantes. Entendo que esta pesquisa promoveu, na equipe daquele local, um movimento em relação à formação cultural dos usuários. Trocamos nomes de filmes e livros, conversamos sobre produções artísticas, enfim, a atividade de assistir filmes envolveu o coletivo do serviço.

Este serviço, apesar de já existir há alguns anos, é pouco conhecido pela população em geral. A dependência química ou o “vício” que podemos encontrar em suas mais variadas formas e com os mais diversos objetos é ainda um “tabu”. A equipe de profissionais do CAPSad e seus usuários podem nos ajudar a trazer à consciência mecanismos patológicos da vida, bem como descobrir nossos sistemas saudáveis, pois conforme aprendi nesta pesquisa,

precisamos incluir a luz e a sombra, os opostos, entender que existe uma “grandeza na negatividade” e que a “perfeição só existe na idéia”.

A educação estética precisa fazer parte da educação formal, não-formal e informal, seja através do cinema ou outras formas de arte, pois ela nos vivifica e é imprescindível no processo de humanização. Cabe a nós, profissionais da área da saúde e educação, desenvolver a sensibilidade num processo artesanal e restabelecê-la num processo curativo, através do cuidado com nós mesmos e com os outros e da busca de “discursos verdadeiros” para alimentar nossas práticas e nossas relações cotidianas.

Penso que meus objetivos foram atingidos, os participantes vivenciaram processos educativos estéticos através do cinema, consegui com este trabalho subsídios teóricos para tratar sobre a questão do uso e abuso de substâncias psicoativas na educação formal e não-formal e também pude compreender e interpretar os significados do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa a partir de suas experiências de vida.

6 REFERÊNCIAS

ALMANSA, S. E. *O cinema como prática de si: experiência e formação*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

AZEVEDO, M. D.; MIRANDA, N. A. F. Práticas profissionais e tratamento ofertado nos CAPSad do município de Natal-RN: com a palavra a família. Escola Anna Nery. *Revista de Enfermagem*. p. 56-63, v. 14, n. 1, jan/mar, 2010. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/esn/v14n1/v14n1a09.pdm>> Acesso em: 18 agosto 2015.

BAUMANN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERGALA, A. *Abecedário de cinema com Alain Bergala*. 2012. Disponível em: <<http://www.cinead.org/videos>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

BICHO de sete cabeças. Diretora: Laís Bodanzky. Brasil: Fábrica Cinema, 2001. 1 DVD (74 min.), color.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. *Lei nº 5.991*, de 17 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5991.htm>. Acesso em: 29 fev. 2016.

BRASIL. *Lei n. 8.080*, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em: 29 fev. 2016.

BRASIL. *Lei nº 10.216*, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10216.htm>. Acesso em: 07 jan. 2016.

BRASIL. *Política Nacional de Promoção da Saúde*. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. *Portaria 3.088 de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5202308/4139572/PortariaN3.088RededeAtencaoPsicossocial.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BRASIL. *Resolução CNS nº. 466*, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde. 2012. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2016.

BRASIL. *Portaria 2.446, de 11 de novembro de 2014*. Redefine a Política Nacional de Promoção à saúde (PNPS). Disponível em: <<http://www.brasilsus.com.br/index.php/legislacoes/gabinete-do-ministro/1049-2446>>. Acesso em: 15 set. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006*. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. *Instrutivo PSE*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.0411.189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passo_a_passo_pse.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2016.

BRESSON, R. Reflexões sobre algumas experiências de cinema e educação. In: FESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões com professores e estudantes de educação básica, dentro e 'fora' da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BUENO, A. C. *Canto dos malditos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. Trad. de Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Trad. de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CYRULNIK, B. *O murmúrio dos fantasmas*. Trad. de Sônia Sampaio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes*. Trad. de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DHALKE, R. *Qual é a doença do mundo?* São Paulo: Cultrix, 2001.

DIÁRIO de um adolescente. Diretor: Scott Kalvert. Estados Unidos: New Line, 1995. 1 DVD (100 min.), color.

DIAS, M. H.; OLIVEIRA, D. C. Os jovens usuários de crack e a rede de cuidados: problematizações a partir de uma experiência. In: SANTOS, L. M. B. (Org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Ideograf; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 65-70.

DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2001.

_____. *O que é beleza?* São Paulo: Brasiliense, 2009.

DUARTE, R. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EPSTEIN, J. O cinema do diabo: excertos. Tradução de Marcelle Pithon. In: XAVIER, I. *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal, Embrasilme, 1983.

FISCHER, R. M. B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 95, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a08.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

FISCHER, R. M. B.; MARCELLO, F. A. Tópicos para pensar a pesquisa em educação. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 01 jul. 2015.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, M. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. In: *DOSSIÊ cinema e educação # 1: uma relação sob a hipótese de alteridade de Alain Bergala*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2011.

FRANKL, V. E. *Um sentido para a vida*. Trad. de Victor Hugo Silveira Lapenta. São Paulo: Idéias& Letras, 2005.

_____. *Em busca de sentido*. Trad. de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *A vontade de sentido*. Trad. de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRESQUET, A. *Dossiê cinema e educação # 1: uma relação sob a hipótese de alteridade de Alain Bergala*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2011.

_____. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” das escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOERGEN, P. *Pós-modernidade ética e educação*. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GUERRA, M. A. S. *Imagen y educación*. Buenos Aires: Editorial Magisterio Del Rio De La Plata, 1998.

HART, C. *Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HERMANN, N. *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Unijuí, 2010.

INTOCÁVEIS. Diretores: Érik Toledano e Oliver Nakache. França: Garamont, 2011. 1 DVD (112 min.), color.

LABATE, C. B.; FIORE, M.; GOULART, L. S. (Org.) Introdução. In: LABATE, C. B.; FIORE, M.; GOULART, L. S. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LANCETTI, A. *Clínica peripatética*. São Paulo: Hicitec, 2014.

LENAD: *O consumo do álcool no Brasil entre 2006 e 2012*. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas. 2013. Disponível em: <<http://inpad.org.br/lenad-o-consumo-de-alcool-no-brasil-entre-2006-e-2012-press-release-dia-1004/>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

LETRAS. *Riders on the storm*. Tradução da letra. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/the-doors/11477/traducao.html>>. Acesso em: 15 set. 2016.

LIBÂNEO, J. C. Ainda as perguntas: O que é pedagogia? Quem é o pedagogo? O que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *A contemplação do mundo*. Trad. de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Elogio da razão sensível*. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2008.

MAY, R. *Liberdade e destino*. Trad. de Alfredo Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MERLEAU-PONTY, M. O cinema e a nova psicologia. Trad. de José Lino Grunewald. In: XAVIER, I. *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983.

_____. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAIS, M. B. L. Humor e psicanálise. *Estudos psicanalíticos*. n. 31, Belo Horizonte, out. 2008, p. 114-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100014>. Acesso em: 08 ago. 2016.

NERY FILHO, A. Por que os humanos usam drogas? In: NERY FILHO, A.; MACRAE, E.; TAVARES, L. A. et al. (Orgs.). *As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais*. Bahia: UFBA, 2012.

O BARATO de Grace. Diretor: Nigel Cole. Reino Unido: Portman Entertainment, 2000. 1 DVD (94 min), color.

ORMEZZANO, G.; TORRES, M. C. A. *Máscaras e melodias: duas visões em arte e educação*. São Miguel do Oeste, 2002.

ORMEZZANO, G. Debate sobre abordagens e perspectiva da educação estética. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Educação estética: abordagens e perspectivas*. Em aberto. Brasília: Inep/MEC, n. 77, v. 21, jun. 2007.

_____. *Educação estética, imaginário e arteterapia*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

ORMEZZANO, G.; GALLINA, S. F.; ALBANI, C. G. Processos educativos estéticos não formais com dependentes químicos: significações no resgate à saúde. *Revista Faz Ciência*, Francisco Beltrão, v. 15, n. 22, p. 37-63, jul/dez 2013. Disponível em: <<https://www.e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/viewArticle/9144>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

PESSOA, F. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática. 1993.

PIMENTEL, J. *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas mostra o consumo de álcool crescente e desigual pela população brasileira*. In: CENTRO de estudos, políticas e informação sobre determinantes sociais da saúde (CEPI-DSS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://dssbr.org/site/2013/06/ii-levantamento-nacional-de-alcool-e-drogas-mostra-o-consumo-de-alcool-crescente-e-desigual-pela-populacao-brasileira>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE. Um cinema que educa é um cinema que faz pensar: entrevista com Ismael Xavier. *Educação & Realidade*. v. 33, n. 1, p. 13-20 jan/jun-2008.

RIBEIRO, T. M. Apontamentos sobre o governo ético-político de usuários de maconha no Brasil. *Revista Teias*. Drogas, Medicalização e Educação, v. 17, n. 45 abr/jun-2016.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. *Compreender e transformar o ensino*. Trad. de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. Trad. de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989.

SCHOLZE, L. Narrativas de si e a estética da existência. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Educação estética: abordagens e perspectivas*. Em aberto. Brasília: Inep/MEC, n. 77, v. 21, jun. 2007.

SIQUEIRA, D. Construindo a descriminalização. In: SANTOS, L. M. B. (Org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Ideograf; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 65-70.

TROMBETTA, G. L. A pedagogia da experiência estética no contexto da indústria cultural. In: DALBOSCO, C. A. (Org.). *Filosofia prática e pedagogia*. Passo Fundo: UPF, 2003.

TUDO por dinheiro. Diretor: D. J. Caruso. Estados Unidos: Universal Studios, 2005. 1 DVD (102 min.), color.

VARGAS, V. E. Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas. In: LABATE, C. B., FIORE, M., GOULART, L. S. *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

VÁSQUEZ, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Von FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Trad. de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

XAVIER, I. (Org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983.

YÁÑEZ, X. D. Matriz biológico-cultural da existência humana e conversar liberador. In: MATURANA, H. R.; YÁÑEZ, X. D. *Habitar humano: em seis ensaios de biologia cultural*. Trad. de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.

ZABALZA, M. A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANEXO

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa sobre “Processos educativos estéticos vivenciados através do cinema por usuários de um CAPSad, de responsabilidade da pesquisadora Sônia Gotler.

Esta pesquisa justifica-se pela importância da participação da área da educação na construção de conhecimentos e subsídios educativos para tratar das questões relativas às substâncias psicoativas, tanto na educação formal como na educação não-formal

Os objetivos desta pesquisa são:

- Investigar e compreender a significação dos processos educativos estéticos vivenciados através do cinema pelos usuários de um CAPSad
- Compreender de que forma e se os processos educativos estéticos vivenciados através do cinema podem contribuir com a construção de sentidos/significados para os sujeitos participantes.
- Contribuir com conhecimentos e buscar subsídios educativos para abordar a questão das drogas sob uma perspectiva da realidade vivenciada pelos próprios usuários de drogas e suas experiências de vida.

A sua participação na pesquisa será em seis encontros semanais, pela parte da tarde (horário a combinar), com duração aproximada de duas horas e trinta minutos cada encontro, no CAPSad. Serão assistidos filmes e, após, será feita uma entrevista grupal com a seguinte pergunta: O que significou o filme para vocês? Esta será a pergunta norteadora, caso a pesquisadora precise de mais alguma informação que achar relevante sobre algum aspecto das falas, será feito o pedido para falar mais sobre a questão específica. No momento da entrevista o grupo será organizado em forma de círculo, e, quem quiser falar, deverá retirar, do centro do círculo, um objeto (caneta ou outro objeto) que vai estar à disposição e assim que terminar a fala deverá recolocar o objeto no mesmo lugar.

Se for identificado algum sinal de desconforto psicológico durante sua participação na pesquisa, a pesquisadora compromete-se em orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para os profissionais especializados na área.

Se você participar da pesquisa poderá ter os seguintes benefícios: enriquecimento do seu universo cultural através dos filmes, possibilidade de falar o que significou o filme para você e de ouvir o que o filme significou para as outras pessoas.

Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo.

Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento.

Você não terá qualquer despesa para participar da presente pesquisa e não receberá pagamento pela sua participação no estudo.

As suas informações serão gravadas e posteriormente destruídas. Os dados relacionados à sua identificação não serão divulgados.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, mas você terá a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados.

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento da pesquisadora ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considera prejudicado(a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora Sônia Gotler, fone: (54) 99524342, ou com o curso Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, fone: (54) 33168295, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o a pesquisadora.

Passo Fundo, ____ de ____ de ____.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura: _____

O sujeito de pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O pesquisador responsável deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

CIP – Catalogação na Publicação

-
- G684p Gotler, Sônia
 Processos educativos estéticos vivenciados através do
 cinema por participantes de um Centro de Atenção Psicossocial
 álcool e drogas / Sônia Gotler. – 2016.
 125 f. ; 30 cm.
- Orientação: Prof^a. Dr^a. Graciela René Ormezzano.
 Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo
 Fundo, 2016.
1. Educação. 2. Cinema na educação. 3. Substâncias -
 Abuso. I. Ormezzano, Graciela René, orientadora. II. Título.

CDU: 37:791.43

Catalogação: Bibliotecária Marciéli de Oliveira - CRB 10/2113